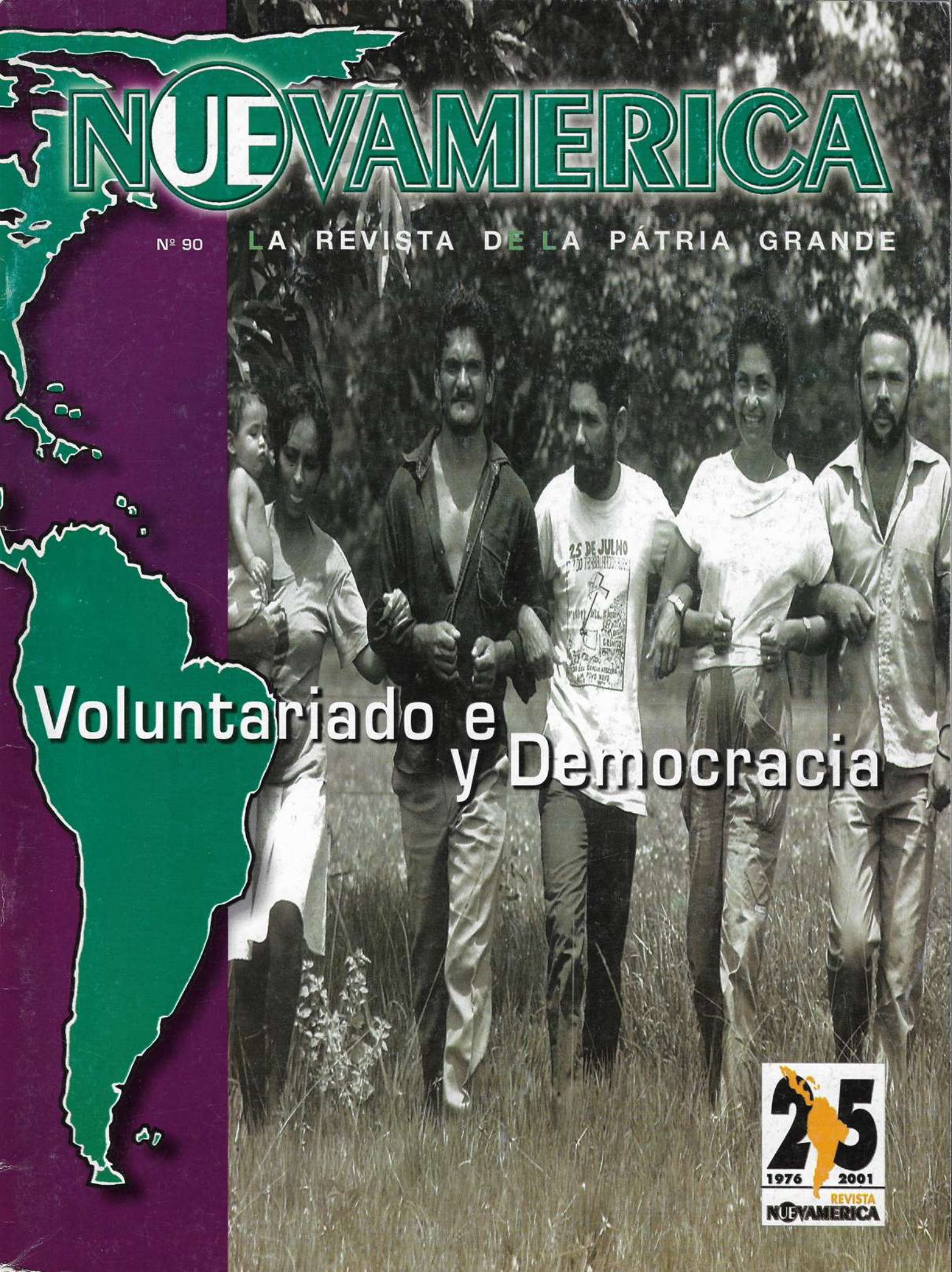
NUEVAMERICA

Nº 90

LA REVISTA DE LA PÁTRIA GRANDE



Voluntariado e y Democracia

25
1976 2001
REVISTA NUEVAMERICA

Designer perfeccionista: a Mergulhar salva seu dia, sua tarde, sua noite e muito mais.

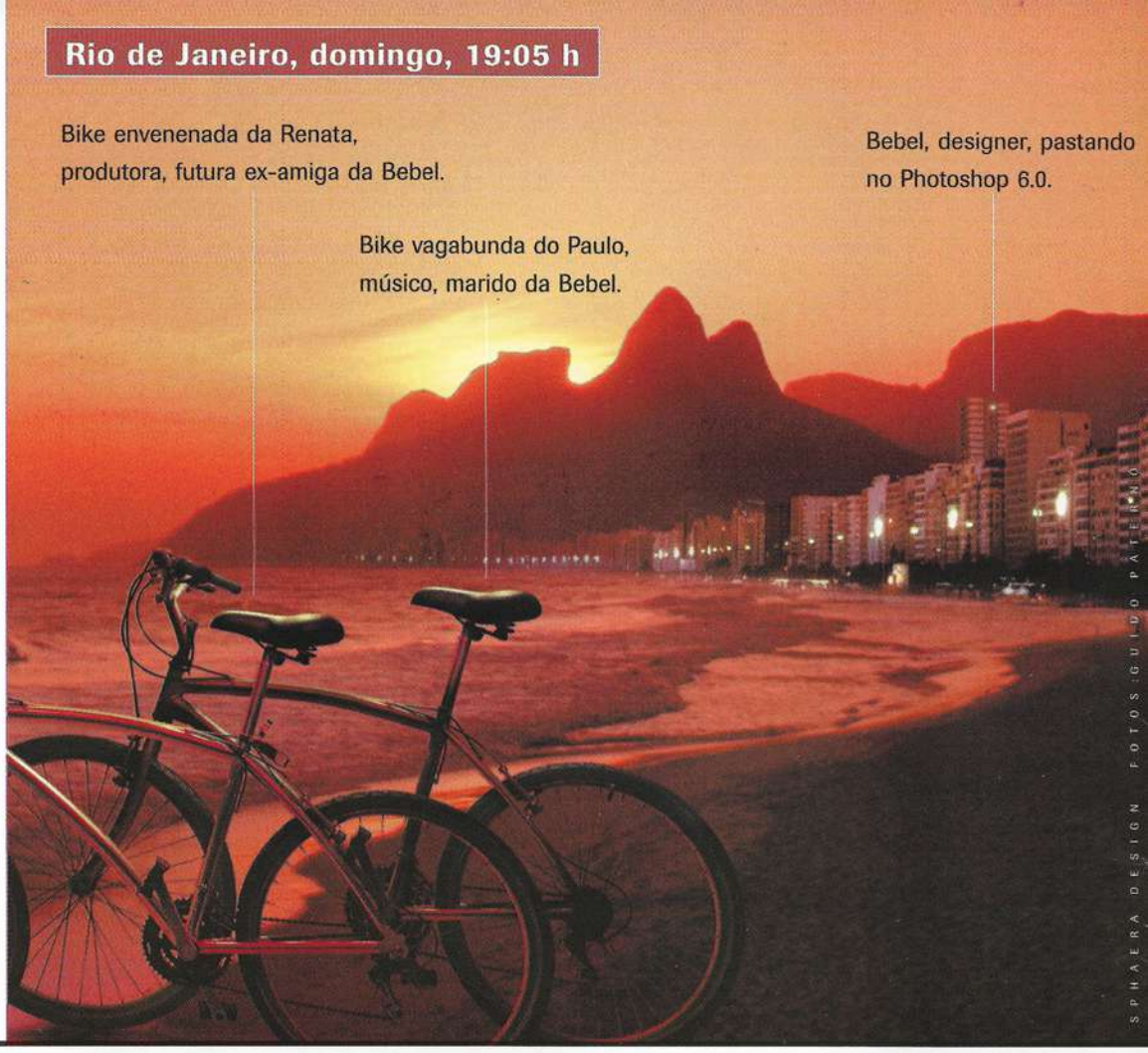
Na Mergulhar, além de um excelente atendimento técnico e especializado, os designers devotados à qualidade máxima encontram o mais completo parceiro de pré-impressão, jogo de cintura, dedicação e tecnologia. Confiabilidade total a qualquer hora, todos os dias.

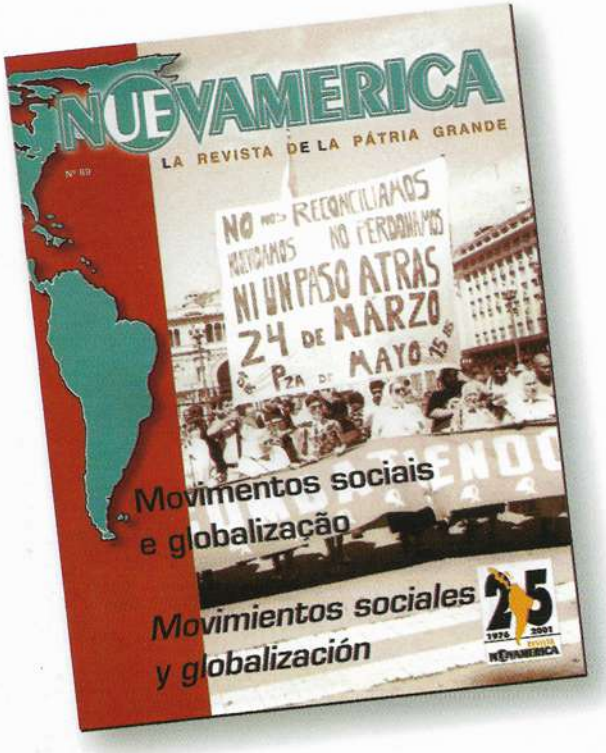
MERGULHAR
SERVIÇOS EDITORIAIS

O Birô do Rio

Digitalização • Tratamento e manipulação de imagens • Fotolitos • Provas digitais, eurosprint e de prelo

Avenida Nilo Peçanha 151 grupo 613
Rio de Janeiro • 20020-100 • Tel [21]2262.3740 • Fax [21]2215.8797
mergulhar@novanet.com.br





Garantindo a **qualidade de impressão e acabamento** da Revista NOVAMERICA, destacamos a **ZIT Gráfica e Editora**, presente no mercado gráfico há 32 anos e investindo em **controle de qualidade e tecnologia.**

ZIT
gráfica e editora

Av. Itaóca, 1953 - Bonsucesso - Rio de Janeiro - RJ.
Solicite a visita de um de nossos represente pelo telefone (21) 2560-2078.



Editorial

Voluntariado para quê?

O que é ser um/uma voluntário/voluntária? Qual ou quais os conceitos de voluntariado? Por que, atualmente, se fala tanto em voluntariado? Quais os avanços já conquistados pelas ações voluntárias? Que desafios ainda precisam ser superados. Estas e muitas outras questões são discutidas nesta edição da revista Novamerica motivada pelas comemorações do Ano Internacional do Voluntariado.

Com a leitura dos vários artigos, vamos poder refletir e discutir sobre as diferentes concepções de voluntariado que vão sendo tecidas a medida que o tema vai sendo tratado. contemplando suas diferentes dimensões e possibilidades de diálogo com outros temas afins. Os artigos apresentados aqui sugerem um debate na tentativa de ultrapassar a versão do voluntariado como sinônimo de assistencialismo e construir um voluntariado comprometido com a construção de uma cultura da solidariedade.

Assim, muitas questões foram sendo tratadas: as relações existentes entre voluntariado e trabalho assalariado, emprego e desemprego, voluntariado e modelo neoliberal de desenvolvimento, voluntariado e Estado, voluntariado e mercado, voluntariado e empresa, voluntariado e cooperação internacional, voluntariado e democracia, voluntariado e diálogo intercultural.

Alguns exemplos concretos de ações voluntárias são apresentados. Vivências no campo da saúde, da educação, ações envolvendo jovens e outras especificamente voltadas para a gestão e capacitação dos voluntários são oportunidades de constatação de que mais do que uma simples possibilidade de ocupação opcional do tempo livre, o voluntariado pode ser uma alternativa concreta, criativa e mais humana para a construção de uma democracia participativa.

Sabemos que ser voluntário ou participar de ações voluntárias não é uma prática nova, ao contrário, ela está presente há muito tempo na história da humanidade. Todavia, provocar o aprofundamento de uma discussão crítica em torno deste tema, neste momento, é criar uma possibilidade real de constituição e incorporação de práticas voluntárias que possam garantir o surgimento de verdadeiras redes de cidadania, envolvendo, fazendo dialogar todos os homens e mulheres, de diferentes lugares e culturas, empenhados, comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa para todos e todas. Protagonistas de sua própria história, uma história mais humana.

¿Voluntariado para qué?

¿Qué es ser un/a voluntario/a? ¿Cuál o cuáles son los conceptos de voluntariado? ¿Por qué actualmente se habla tanto del voluntariado? ¿Cuáles son las conquistas realizadas por las acciones voluntarias? ¿Cuáles son los desafíos que aún deben superar? Éstos y otros muchos aspectos son discutidos en esta edición de la revista Nuevamerica, con motivo de los festejos del Año Internacional del Voluntariado.

A través de la lectura de varios artículos, podremos reflexionar y discutir sobre las diferentes concepciones de voluntariado que se tejen a medida que el tema es tratado y contemplado en sus diferentes dimensiones y posibilidades de diálogo con otros temas afines. Los artículos presentados aquí sugieren un debate dirigido a superar la visión del voluntariado como sinónimo de asistencia y construir un voluntariado comprometido en la construcción de una cultura de la solidaridad.

Muchos asuntos fueron tratados: las relaciones existentes entre voluntariado y trabajo asalariado, empleo y desempleo, voluntariado y modelo neoliberal de desarrollo, voluntariado y Estado, voluntariado y mercado, voluntariado y empresa, voluntariado y cooperación internacional, voluntariado y democracia, voluntariado y diálogo intercultural.

Presentamos algunos ejemplos concretos de acciones voluntarias. Las vivencias en el campo de la salud, de la educación, acciones que involucran a jóvenes y otras que están dirigidas de forma específica hacia la gestión y capacitación de voluntarios son oportunidades para constatar que, más que una simple ocupación para el tiempo libre, el voluntariado puede ser una alternativa concreta, creativa y más humana para la construcción de una democracia participativa.

Sabemos que ser voluntario o participar de acciones voluntarias no es una práctica nueva. Por el contrario, existe hace mucho tiempo en la historia de la humanidad. Sin embargo, profundizar una discusión crítica en torno de ella, en este momento, es crear una posibilidad real de constitución e incorporación de prácticas voluntarias que garanticen el surgimiento de verdaderas redes de ciudadanía. Éstas podrán hacer dialogar a todos los hombres y mujeres de diferentes lugares y culturas, empeñados y comprometidos en la construcción de una sociedad más justa para todos y todas. Protagonistas de su propia historia y de una historia más humana.

Sumário

EM DESTAQUE/EN DESTAQUE

Troféu Beija flor 3

ENTREVISTA/ENTREVISTA

Voluntariado y Cultura de la Solidariedad
Juanita Ceballos 4

CONSTRUINDO CAMINHOS/ CONSTRUYENDO CAMIÑOS

O Voluntariado e as Empresas no Novo Milênio
Cyntia Paes de Carvalho 14

El Voluntariado Internacional:
una experiencia de intercambio
Irene Tokarski 18

O Voluntariado Internacional:
uma experiência de intercâmbio
Irene Tokarski 22

Agentes Comunitarios de Salud en el Perú
Carmela Zumarán 28

Programa de Voluntariado de Intered:
desafios del voluntariado internacional
Maria del Carmen Aragonés 34

EM DEBATE/EN DEBATE

Voluntariado: entre tensões e desafios
Roger Souza de Almeida 38

Voluntariado en Debate
Flor Santana 44

IDÉIAS EM REDE/IDEAS EN RED

"Brincar é coisa séria" - Uma proposta lúdica
de capacitação para a gestão de voluntários
Juan José Meré Rouco 48

Ação Voluntária na Educação: a favor
ou contra a profissionalização docente?
Sílvia Alicia Martinez 54

El Voluntariado: una ruta de sentido
Una visión desde la Logoterapia
Alejandro de Barbieri Sabatino 60

MOSAICO/MOSAICO 66

En Destaque
Em Destaque

Houve um incêndio na floresta e enquanto todos os bichos corriam apavorados, um pequeno beija-flor ia do rio para o incêndio levando gotinhas de água em seu bico. O leão, vendo aquilo, perguntou para o beija-flor: "Ô beija-flor, você acha que vai conseguir apagar o incêndio sozinho?" E o beija-flor respondeu: "Eu não sei se vou conseguir, mas estou fazendo a minha parte".

Esta fábula utilizada por Betinho como metáfora de solidariedade inspirou a criação do Troféu Beija-Flor, uma das maneiras que o Riovoluntário encontrou para reconhecer e valorizar o trabalho voluntário. Consiste na premiação de dez cidadãos que durante o ano tenham desempenhado uma ação voluntária exemplar, conforme indicação das instituições cadastradas no Riovoluntário. O prêmio é anualmente conferido desde 1997, e em 2000 foram premiados os seguintes voluntários:

Ana Luiza Salles da Cunha Gomes
Esta voluntária que veio de Belo Horizonte, atua voluntariamente no Instituto de Psicologia Clínica Educativa e Profissionalizante junto aos portadores de necessidades educativas especiais, mais diretamente deficiências mentais, no qual está aprendendo os maiores valores de sua vida: cooperação e amor.
Instituto de Psicologia Clínica Educativa e Profissionalizante
55 (21) 266-4149

TROFÉU BEIJA-FLOR

Cristina Vilene Fonseca
É analista de sistemas e utiliza todo seu conhecimento como instrutora de informática aos jovens vivendo em condições de risco social, que chegam até a Associação Cristã de Moços. São os bytes, sites, e links transformando a vida desses jovens com a força voluntária.
Associação Cristã de Moços
55 (21) 509-5727

Domingo Gonzalez Cruz
Espanhol de nascimento e carioca de coração, Domingo desenvolve atividades de arte e educação, promovendo o hábito da leitura junto às crianças do Solar Bezerra de Menezes. A criação da sala de leitura – boa parte fruto da sua doação, só foi possível graças à sua experiência como bibliotecário da Casa Rui Barbosa.
Instituição Solar Bezerra de Menezes
55 (21) 580-8478

Fábio Correa
Publicitário e designer gráfico, este voluntário tem sido um profissional fundamental para a criação de peças gráficas do Riovoluntário. A direção artística do boletim O Beija-Flor, colaboração na criação do novo site e tantos outros materiais que acompanham a organização nos eventos, seminários e palestras, têm a marca do talento deste voluntário que não mede esforços para que o Riovoluntário consiga divulgar seu trabalho.
Riovoluntário
55 (21)262-1110

Joseane Silva Saletanko
Estreante numa instituição, esta fonoaudióloga já abria as portas de seu consultório para atender voluntariamente quem precisasse de sua ajuda, utilizando todos os recursos que tivesse disponíveis. Na Sociedade Pestalozzi, porém, a realidade é outra e para oferecer um trabalho de qualidade foi preciso superar as dificuldades com dedicação e criatividade.
Sociedade Pestallozi
55 (21) 3860-9797

Marcos Meiga Motta
Defensor dos direitos dos portadores de ostomia, Marcos superou seus limites e conseguiu aprender a língua inglesa para representar a Sociedade Brasileira dos Ostomizados e captar recursos para as atividades da instituição.
Sociedade Brasileira dos Ostomizados
55 (21) 220-0741/262-2003

Maria Eulina Urruzola
Voluntária da oficina de Convivência e Cidadania do Lar Fabiano de Cristo/Casa Suzana Wesley, Maria Eulina incentiva a geração de renda e o senso de cooperativismo, nas aulas de corte e costura. Bordando ou cerzindo, esta voluntária está construindo uma perspectiva de vida melhor para muitas pessoas.
Oficina de Convivência e Cidadania do Lar Fabiano de Cristo/Casa Suzana Wesley
55 (21) 316-3569

Marion Greve
Professora de educação física, trabalha em perfeita integração com as crianças da organização Aldeias Infantis SOS Brasil. Lidera os passeios culturais nos finais de semana, proporciona diversão certa nos seus programas, que incluem gincanas, premiações, idas ao cinemas, teatro, circo e o que mais surgir à sua mente iluminada.
Organização Aldeias Infantis SOS Brasil
55 (21) 537-1341

Olga Fanti Horta
Um verdadeiro fenômeno! Esta voluntária de 85 anos de idade, há três anos é professora de yoga do grupo da terceira idade do Centro Municipal de Saúde Manoel José Ferreira. Todo esse trabalho só é possível graças a determinação, coragem e amor que soube fazer da sua experiência de vida um gesto de generosidade.
Centro Municipal de Saúde Manoel José Ferreira
55 (21) 225-2291

Vera de Freitas Guimarães
Coordenadora de atividades recreativas no ambulatório do HEMORIO, Vera atua diretamente com as crianças hospitalizadas e seus familiares, promovendo semanalmente atividades culturais e de lazer, para tentar diminuir a dor e o sofrimento daquelas pessoas.
HEMORIO
55 (21) 242-6080

Maiores informações sobre o Troféu Beija-Flor com Marco Teobaldo *(Coordenador de Comunicação do Riovoluntário)*tel.: 55 (21) 262-1110
voluntario@alternex.com.br

ENTREVISTA

JUANA CEBALLOS

Abogada -Universidad Nacional de Buenos Aires
Maestra-Bachiller
Presidenta de ALAS - Asociación Latinoamericana de Actividades Solidarias
Asesora del Programa habitacional de la Campaña Reconstruir con Esperanza
Asesora Legal de Caritas Argentina
Asesora Institucional del Foro del Sector Social - Federación
Asesora de Cooperativas de Vivienda por Autoconstrucción

Advogada - Universidade Nacional de Buenos Aires
Professora - Bacharel
Presidenta de ALAS - Associação Latino-americana de Atividades Solidárias
Assessora do Programa Habitacional da Campanha Reconstruir com Esperança
Assessora Legal de Caritas Argentina
Assessora Institucional do Fórum do Setor Social - Federação
Assessora de Cooperativas de Habitação por Autoconstrução

NA - ¿Cuál es la situación del voluntariado en la Argentina?

Juana Ceballos - En los últimos años hemos asistido a un importante crecimiento del sector social y de las organizaciones de voluntarios.

En Argentina el movimiento voluntario siempre tuvo una expresión numérica importante, aunque no fue reconocido como tal. Basta pensar en las acciones desarrolladas por los diferentes credos, siempre a cargo de personas que además de compartir la fe están empeñadas en plasmarla en obras; o en las de los vecinos, que procurando mejorar la calidad de vida local, trabajan desinteresadamente en todo tipo de asociaciones.

En los últimos años hemos asistido a un importante crecimiento del sector social y de las organizaciones de voluntarios.

La crisis del Estado de Bienestar hizo surgir nuevas organizaciones, con una fuerte vocación por servir a los sectores más pobres de modo desinteresado. Y es así como se produce una intervención social de importancia, legitimada por los desequilibrios sociales, en el campo de la salud, la cultura, la educación, el consumo.

En Argentina no hay un censo de voluntarios, pero se estima en 2 millones en la entidades formalizadas (CEDES -Proyecto Comparativo Internacional de la Universidad Johns Hopkins- EE.UU) y en 6 millones en la población mayor de 17 años que ha realizado alguna tarea voluntaria en 1999 (GALLUP -

VOLUNTARIADO Y CULTURA DE LA SOLIDARIEDAD

VOLUNTARIADO E CULTURA DA SOLIDARIEDADE

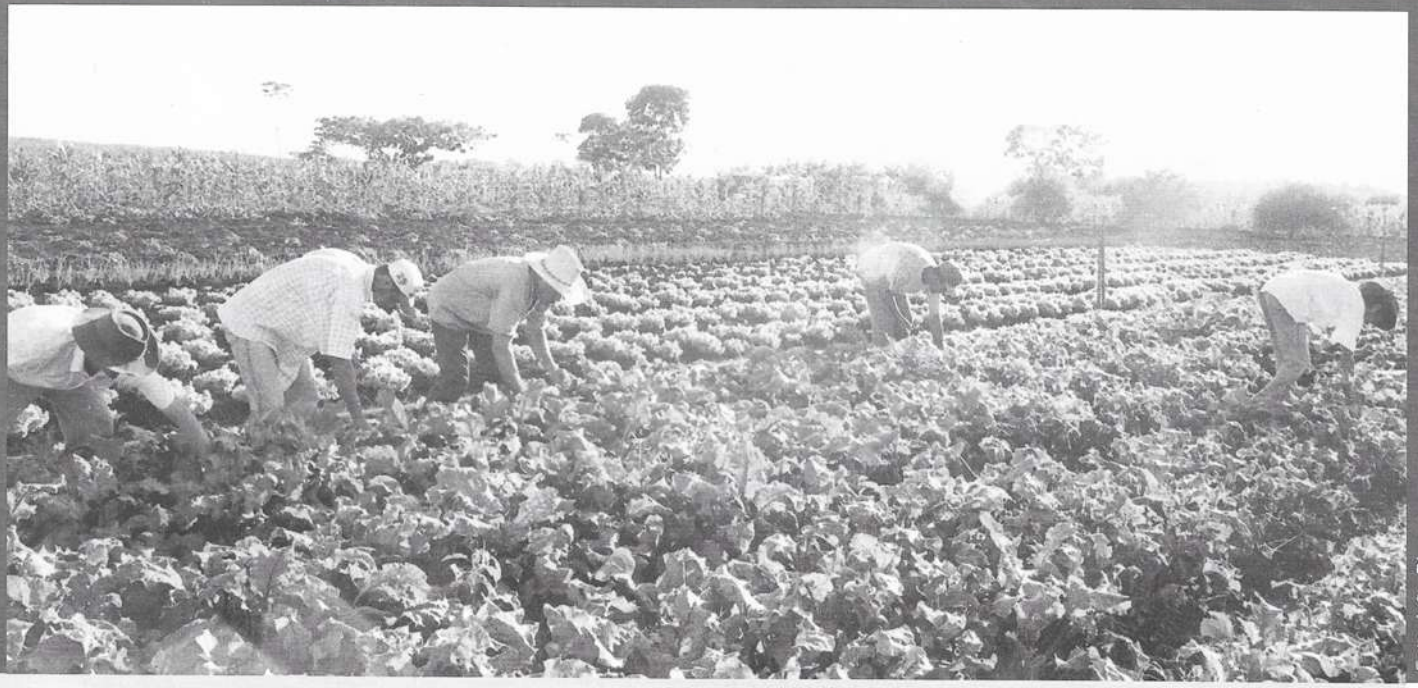


Foto João Ripper

NA - Qual é a situação do voluntariado na Argentina ?

Nos últimos anos temos sido testemunhas de um importante crescimento do setor social e das organizações de voluntários.

Juana Ceballos – Nos últimos anos temos sido testemunhas de um importante crescimento do setor social e das organizações de voluntários.

Na Argentina o movimento voluntário sempre teve uma expressão numérica importante, embora não tenha sido reconhecido como tal. É só pensar nas ações desenvolvidas pelas diferentes crenças, ações que sempre estão nas mãos de pessoas que, além de compartilhar a fé, esmeram-se para que transpareça em obras, ou nas ações dos vizinhos, que tentam melhorar a qualidade de vida local, trabalhando desinteressadamente em diferentes associações.

A crise do Estado do Bem-Estar fez surgir novas organizações, com uma forte vocação de serviço nos setores mais pobres e com total gratuidade. Desta forma produz-se uma intervenção social de grande importância, legitimada pelos desequilíbrios sociais, no campo da saúde, da cultura, da educação, do consumo.

Na Argentina, não existe nenhum censo de voluntários, mas é possível estimar cerca de 2 milhões nas entidades formalizadas (CEDES – Projeto Comparativo Internacional da Universidade Johns Hopkin – EE.UU.) e 6 milhões na população maior de 17 anos que se dedicaram à obra voluntária em 1999 (GALLUP – La Nación – 14/01/01). Existe predomínio feminino e maior crescimento na faixa dos 35 a 49 anos e nos maiores de 65 anos.



Foto João Ripper

La Nación- 14-01-01). Hay un predominio femenino y un crecimiento en el grupo etario entre 35 y 49 años así como en el mayor de 65 años.

NA - ¿Se busca legalizar el tema?

Juana Ceballos - En los últimos años se han presentado numerosos proyectos de ley vinculados al voluntariado. No sé a que obedece este furor legislativo. Cuando hay tantas cosas que no funcionan o lo hacen mal parece excesiva esta preocupación por el voluntariado que, por otra parte, ha venido desarrollándose sin necesidad de un pretendido amparo o protección.

La regulación de las relaciones es atribución del Estado. Pero regular la organización del voluntariado aparece como excesivo.

La Cámara de Diputados unificó estos proyectos (10) en octubre de 2000, que pasaron por diversas comisiones legislativas (5) de acuerdo al trámite parlamentario.

Posteriormente aconsejaron un nuevo proyecto de ley de voluntariado que aparece con grandes posibilidades de ser aprobado por la cantidad de legisladores involucrados (como autores de proyectos o miembros de comisiones).

El proyecto que aconsejan aprobar -igual que los anteriores- se inspira en la ley española; pero omiten algo importante, pues el ámbito de aplicación de ésta se limita a los voluntarios u organizaciones que participan o desarrollan programas del estado y en nuestro caso se aplicaría a todas las organizaciones. Exceptuamos el caso del proyecto de la provincia de Buenos Aires que, razonablemente, mantiene la limitación.

Este nuevo proyecto de Diputados merece algunas observaciones. Determina sus objetivos, establece las obligaciones de las

NA - Existem tentativas de legalizar o voluntariado?

Juana Ceballos - Nos últimos anos foram apresentados numerosos projetos de lei relacionados ao voluntariado. Não sei qual é o motivo deste furor legislativo.

Quando tem tantas coisas que não funcionam ou funcionam mal parece excessiva esta preocupação pelo voluntariado que, além do mais, tem se desenvolvido sem necessidade de um aparente amparo ou proteção.

A Câmara dos Deputados unificou estes projetos (10) em outubro de 2000, os que passaram por diversas comissões legislativas (5), segundo os procedimentos legais parlamentares.

Agora aconselham um novo projeto de lei do voluntariado que aparece com grandes possibilidades de ser aprovado pela quantidade de legisladores comprometidos como autores dos projetos ou membros das comissões.

O projeto que aconselham aprovar - assim como os anteriores - inspira-se na lei espanhola, mas omitem algo importante, porque o âmbito de aplicação dessa lei limita-se aos voluntários ou às organizações que participam ou desenvolvem programas do estado e, em nosso caso, aplicar-se-ia para todas as organizações. Com exceção do projeto da província de Buenos Aires que, com razão, mantem a limitação.

O novo projeto dos deputados merece algumas observações.

Determina seus objetivos, estabelece as obrigações das organizações e dos voluntários, prevê termos de adesão, livros de registro, seguros de acidentes e doenças similares aos estabelecidos na lei de Contrato de Trabalho para os assalariados e seguros de responsabilidade civil por danos a terceiros. Além disso, cria o Instituto de Promoção do Voluntariado para "orientar atuações e projetos " o que é excessivo e acrescenta mais um órgão aos já existentes.

Em geral, observa-se uma tendência a regulamentar e uma terminologia que é inadequada e ineficaz.

Por exemplo: o artigo 1º, que se refere ao objeto da lei diz: "... regular a organização, a promoção e o fomento do voluntariado social e tutelar os voluntários sociais nas relações que se estabeleçam entre eles e as organizações onde desenvolvem suas atividades..."

O voluntário não está inerte face à organização que o acolhe, a fim de que desenvolva esse potencial humano que quer pôr em prática com o objetivo de contribuir para o bem comum.

A regulação das relações é atributo do Estado. Mas regular a organização do voluntariado acaba sendo excessivo porque refere-se a uma atividade especial, que obedece a uma atitude pessoal, expressão da solidariedade, que leva à pessoa a se comprometer no cumprimento de uma missão no seio de uma organização onde outros indivíduos têm os mesmos objetivos. E é nesse encontro onde se organiza o voluntariado, onde cada entidade de voluntários transmite seu caráter, seu selo particular e isso tudo é a riqueza do nosso voluntariado e das organizações de voluntários.

Regular as relações que surgem da atividade voluntária é uma coisa e tutelar o voluntariado é outra.

Tutelar significa amparar, proteger, defender.

Tutela-se a pessoa que é vulnerável, que deve ser protegida de outros ou de pessoas que podem prejudicá-la. Tutela-se a pessoa incapaz, o menor de idade, quem não pode defender-se a si próprio. Não é o caso do voluntariado.

O voluntário não está inerte face à organização que o acolhe, a fim de que desenvolva esse potencial humano que quer pôr em prática com o objetivo de contribuir para o bem comum.

Em geral, é protegido pelas leis, leis que nem sempre protegeram as organizações da má fé de ex-voluntários que fizeram demandas por supostas demissões. Não precisa de uma proteção especial, que não seja condizente com a atitude de desprendimento e serviço que busca manifestar.

Quanto à contratação de seguros por acidentes, doenças e contra terceiros, trata-se de uma velha aspiração de grande parte das organizações, mas nem sempre é possível subscrever uma apólice. A maior parte das organizações não pode fazer frente a estes benefícios, motivo pelo qual terão que optar por diminuir suas atividades ou fechar as suas portas, em prejuízo do bem comum, que é o seu objetivo, assim como o do voluntariado.

organizaciones y de los voluntarios, prevé términos de adhesión, libros de registro, seguros de accidentes y enfermedades similares a los establecidos en la ley de Contrato de Trabajo para los asalariados y seguros de responsabilidad civil por daños a terceros. Además crea el Instituto de Promoción del Voluntariado para "orientar actuaciones y proyectos" lo que resulta excesivo, ademas de agregar un organismo a los ya existentes.

En general, se observa una tendencia reglamentarista y una terminología inapropiada y poco feliz. Por ejemplo: el artículo 1°, que se refiere al objeto de la ley, habla de "... regular la organización, la promoción y el fomento del voluntariado social y tutelar a los voluntarios sociales en las relaciones que se establezcan entre ellos y las organizaciones donde desarrollan sus actividades...".

La regulación de las relaciones es atribución del Estado. Pero regular la organización del voluntariado aparece como excesivo, ya que se trata de una actividad especial, que obedece a una actitud personal, expresión de la solidaridad, que lleva a la persona a comprometerse en el cumplimiento de una misión en el seno de una organización en la que otros individuos tienen los mismos objetivos. Y es allí donde se organiza el voluntariado; donde cada entidad de voluntarios trasmite su impronta, su sello particular que es lo que ha significado la riqueza de nuestro voluntariado y de las organizaciones de voluntarios.

Regular las relaciones que surgen de la actividad voluntaria es una cosa y tutelar al voluntario es otra.

El voluntario no está inerme frente a la organización que lo acoge a fin de que desenvuelva ese potencial humano que quiere poner en práctica con el objetivo de contribuir al bien común.

Tutelar significa amparar, proteger, defender. Se tutela a quien es vulnerable; se lo protege de otros o frente a otros que podrían perjudicarlo. Se tutela al incapaz, al menor, a quien no puede valerse por sí mismo. No es el caso.

El voluntario no está inerme frente a la organización que lo acoge a fin de que desenvuelva ese potencial humano que quiere poner en práctica con el objetivo de contribuir al bien común. Lo protegen las leyes, en general, que no siempre han protegido a las organizaciones de la mala fe de ex voluntarios que han demandado por supuestos despidos. No necesita una protección especial que no condice con la actitud de desprendimiento y servicio que pone de manifiesto.

En cuanto a la contratación de seguros por accidentes, enfermedades y contra terceros, es una vieja aspiración de gran parte de las organizaciones, pero no siempre es posible suscribir una póliza. La mayor parte de ellas no puede hacer frente a estas erogaciones, por lo cual tendrá que optar por disminuir sus actividades o cerrar sus puertas, en detrimento del bien común, que es su objetivo asi como el del voluntario.

Esto atenta contra el fomento y la promoción del voluntariado, contra la participación ciudadana, contra el nuevo modelo social de solidaridad. Y también contra la labor subsidiaria de las organizaciones de la sociedad civil que llegan donde el Estado no llega, que cubren los baches que ha dejado la desaparición del Estado benefactor; y resultaría ganancioso un sector lucrativo –las aseguradoras— y se perjudicaría a las organizaciones, a los voluntarios que no podrían encauzar su solidaridad y, por lo tanto, a los que reciben el beneficio de su accionar, pobres, enfermos, niños, ancianos, personas en situación de riesgo, etc..

NA - ¿Qué piensan las ONG's?

Juana Ceballos - Están absolutamente en contra del proyecto de ley que la Cámara de Diputados pretende aprobar y en muchos casos hasta de la existencia de legislación al respecto.

No obstante, aceptarían tal vez una ley similar a la de Brasil, que caracteriza el servicio voluntario y establece la celebración de un texto de adhesión, sin otras obligaciones o derechos ni trámites burocráticos.

Esto se constató en cartas de lectores, reportajes y sobre todo en dos actos públicos celebrados en diciembre de 2000.

Tudo isto atenta contra o fomento e a promoção do voluntariado, contra a participação cidadã, contra o novo modelo social de solidariedade. Também contra o trabalho subsidiário das organizações da sociedade civil que chegam onde o Estado não chega, que preenchem os vazios deixados pelo desaparecimento do Estado Benfeitor e acabaria acarretando ganhos para um setor lucrativo - as seguradoras - e prejudicando as organizações, os voluntários que não poderiam encaminhar a sua solidariedade e, portanto, prejudicando quem recebe o benefício de sua atuação, os pobres, doentes, criança, idosos, pessoas em situação de risco, etc.

NA - O que pensam as ONGs ?

Juana Ceballos - São absolutamente contra o projeto de lei que a Câmara de Deputados pretende aprovar e muitas até são contra a existência de legislação a respeito.

No entanto, talvez aceitariam uma lei similar à do Brasil, que caracteriza o serviço voluntário e estabelece a acolhida de um texto de adesão, sem mais obrigações ou direitos ou procedimentos burocráticos.

Isto foi comprovado em cartas de leitores, reportagens e especialmente em um atos públicos celebrados em dezembro de 2000.

Tudo isto atenta contra o fomento e a promoção do voluntariado, contra a participação cidadã, contra o novo modelo social de solidariedade.

No dia 5 teve início o Ano Internacional do Voluntariado na Faculdade de Direito de Buenos Aires e em outros pontos do país. Uma das atividades prevista nessa jornada foi a questão legal. Compareceu um numeroso público, quase todos voluntários de organizações dedicadas a diferentes áreas temáticas, e três



Foto João Ripper

Foto João Ripper

El día 5 se realizó la apertura del Año Internacional del Voluntario en la Facultad de Derecho de Buenos Aires y en otros puntos del país. Una de las actividades previstas en esa jornada fue la cuestión legal. Concurrió numeroso público, casi todos voluntarios de organizaciones dedicadas a diferentes áreas temáticas y expusieron tres diputados, uno de ellos autor de uno de los proyectos.

Hubo quejas, protestas, algunas de tono subido. Ninguno de los presentes aceptó el proyecto, fundados en diferentes causas: por considerarlo una intromisión desmedida en la vida de las organizaciones y de los propios voluntarios, por la imposibilidad de cumplir las obligaciones establecidas.

NA - ¿Cómo incide o puede enfocarse esta actividad solidaria en la llamada "cultura de la solidaridad"?

Juana Ceballos - Esta pregunta merece un análisis más profundo que el que pueda dar. Y que nos lleva a pensar qué es esa cultura de la solidaridad.

Resulta interesante observar como todo lo que significa "solidaridad" queda en una gran bolsa en la que se mezclan las palabras, lo declamado, con la acción, el interés y el desinterés, los medios de comunicación y los protagonistas mediáticos, con el movimiento social y ciudadano que busca la realización de la justicia. Lo que hace decir a Rigoberta Menchú: "cuando la solidaridad es sólo una palabra, las palabras aburren; es hora de pasar a la acción".

"Cuando la solidaridad es sólo una palabra, las palabras aburren; es hora de pasar a la acción".

¿Qué es hoy la solidaridad? ¿Acaso un artículo de consumo? "Hay que ser solidario", "Todos somos solidarios", "Es mejor ser solidario que no serlo".

Esta es una participación en la que no existe compromiso, en la que no se vislumbra siquiera la realización de la justicia. Y la llamamos solidaridad pero es otra cosa; en el mejor de los casos una conducta aceptable, correcta, que busca hacer el bien sin tener muy claro qué es el bien.

La solidaridad es un valor moral y según la entendamos serán nuestros voluntarios: superficiales o atentos a la realidad con profundo espíritu crítico, poniendo el acento en la transformación social o atendiendo a su propia realización o a la de su organización; asumiendo el compromiso personal con los excluídos o llenando un hueco en su vida; si la acción se cumple desde los destinatarios o desde la propia organización.

Esto no significa que no existan motivaciones personales que lleven al voluntariado: necesidad de sentirse útil, reconocimiento social. Pero ese mismo voluntario es el que puede hacer variar el eje de su actuación y es obligación de su organización estar atento a que sus voluntarios tengan claros sus objetivos, su actuación, reconozcan y acepten sus motivaciones, ocultas o explícitas. Sólo así, aceptando la realidad, será posible el cambio social a que aspiramos. ●



Foto Arquivo Novamerica Argentina



deputados apresentaram suas idéias - um deles autor de um dos dois projetos.

Houve reclamações, protestos, alguns passaram quase dos limites. Nenhuma pessoa presente aceitou o projeto. Fundamentaram-se em diferentes causas: por considerá-lo uma intromissão desmedida na vida da organização e dos próprios voluntários, pela impossibilidade de cumprir as obrigações estabelecidas.

NA - Como incide ou pode-se enfocar esta atividade solidária na chamada "Cultura da Solidariedade" ?

Juana Ceballos - Esta pergunta merece uma análise mais profunda que é possível fazer. E nos leva a pensar o que é essa cultura da solidariedade.

É interessante observar como tudo o que significa "solidariedade" fica numa grande sacola onde se misturam as palavras: o proclamado com a ação, o interesse, o desinteresse, os meios de comunicação e os protagonistas intermediários com o movimento social e cidadão que procura a concretização da justiça. O que move Rigoberta Menchú dizer: "quando a solidariedade é só uma palavra, as palavras ficam sem graça; é hora de passar à ação".

O que é hoje a solidariedade? É por acaso um artigo de consumo? Há que ser solidário? Todos somos solidários? É melhor ser solidário que não sê-lo?

Esta é uma participação na qual não existe com-

"Quando a solidariedade é só uma palavra, as palavras ficam sem graça; é hora de passar a ação".

promisso, onde não se vislumbra nem sequer a concretização da justiça.

Mas a chamamos solidariedade. No entanto, é outra coisa; até poderia ser uma conduta aceitável, correta, que procura fazer o bem sem ter muita certeza do que é o bem.

A solidariedade é um valor moral e a maneira como a entendemos, assim serão os nossos voluntários: superficiais ou atentos à realidade com profundo espírito crítico, priorizando a transformação social ou atentos a sua própria realização ou a da sua organização, assumindo o compromisso pessoal com os excluídos ou enchendo os vazios da sua vida; depende se a ação se cumpre a partir dos destinatários ou a partir da organização.

Isto não quer dizer que não existam motivações pessoais que levem ao voluntariado: necessidade de sentir-se útil, de reconhecimento social. Mas é esse mesmo voluntariado que pode modificar o eixo da atuação e é obrigação da sua organização estar atenta no sentido de que os seus voluntários tenham objetivos claros para a sua atuação, reconheçam e aceitem suas motivações, ocultas ou explícitas. Só desse modo, aceitando a realidade, será possível a mudança social a que aspiramos. ●

O voluntariado e as empresas no novo milênio

Cynthia Paes de Carvalho
Brasil

construindo
construyendo

Las transformaciones en el panorama político y socio-económico en la era de la globalización han aumentado las expectativas de la sociedad en relación a las empresas, presionándolas en el sentido de adoptar políticas de mayor compromiso con la sociedad y el medio ambiente. En Brasil, el tema del voluntariado se viene articulando de forma promisoria con la discusión de la responsabilidad social de las empresas, dando visibilidad y promoviendo acciones que estimulen diferentes prácticas del voluntariado empresarial. Este concepto se materializa con el incentivo, la calificación, el apoyo y la valoración de las acciones de los empleados de cada empresa que, de manera espontánea y no remunerada, donan su tiempo, sus aptitudes y su trabajo en beneficio de la comunidad.



Foto João Ripper

caminhos

caminos

Cynthia Paes de Carvalho é consultora associada da Inovagavea Assessoria & Projetos com longa trajetória de assessoria e pesquisa junto a organizações sociais nas áreas de planejamento, gestão, capacitação, avaliação e desenho de programas de voluntariado. Co-autora do guia "Centros de Voluntários: transformando necessidades em oportunidades de ação" do Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária, atualmente presta consultoria ao Programa Voluntários da Gerais do SESIMINAS-FIEMG e é doutoranda em Educação na PUC-Rio.

Correio eletrônico para contato: inovagavea@uol.com.br

Nas últimas décadas do século XX assistimos a uma impressionante reestruturação político-econômica e cultural a nível global com o incremento significativo da concentração empresarial, a intensificação da competição internacional, a expansão e unificação dos mercados e o acelerado desenvolvimento das tecnologias de informação. Esse processo, comumente denominado globalização, tem favorecido a adaptabilidade das empresas aos mercados internacionalizados e modificado relações econômicas e culturais entre os diferentes agentes sociais. Paralelamente, a globalização tem também contribuído para promover a discussão sobre o público, distinguindo-o e/ou relacionando-o com o estatal, num movimento de revisão das relações, responsabilidades e papéis da sociedade civil, do Estado e das empresas. O impacto destas transformações na América Latina ocorreu numa conjuntura marcada pela crise do modelo de industrialização e de discussão do papel do Estado sucedâneo dos processos de redemocratização do final da década de 80. Entre nós, as políticas de ajuste econômico dele derivadas têm muitas vezes consolidado ou mesmo agravado as enormes distâncias sociais e econômicas historicamente construídas entre os grupos sociais. No caso brasileiro, como atesta a síntese dos Indicadores Sociais 2000 do IBGE[1], malgrado a melhoria nas taxas de analfabetismo, a redução da mortalidade infantil e a retomada do crescimento econômico dos últimos anos, persistem profundas desigualdades sociais[2], questionando o sentido ético e humano

do desenvolvimento alcançado. Nesse contexto, urge recolocar a questão da democracia de um ponto de vista integral, integrando-a ao esforço de desenvolvimento como resgate da cidadania em termos de direitos/conquistados.

Por outro lado, o extraordinário desenvolvimento globalizado das tecnologias de comunicação e transporte tem "diminuído o tamanho do mundo", impondo a circulação cada vez mais rápida da informação. Este aspecto do processo de globalização, impulsionado pelos interesses da industrialização transnacionalizada, trouxe simultaneamente novas possibilidades para a sociedade como um todo, particularmente para as organizações da sociedade civil e os movimentos sociais. Assistimos assim ao surgimento de um novo cosmopolitismo materializado em diálogos e articulações que enfatizam - com vigor crescente junto a opinião pública - a questão da sustentabilidade da vida humana no planeta para as gerações presentes e futuras.

A convocação das empresas para intensificar sua responsabilidade social ganha substância perante toda a sociedade.

Estas transformações no panorama político e sócio-econômico da era da globalização têm também incrementado as expectativas das sociedades em relação às empresas, pressionando-as no sentido de adoção de políticas de maior comprometimento com a sociedade e o meio ambiente. Fica progressivamente mais difícil continuar a ampliar os negócios e os lucros sem dialogar também com essa "sociedade da comunicação" que cada vez mais cobra um posicionamento do setor empresarial face aos graves problemas sociais e ambientais que ameaçam a sobrevivência da humanidade. Aí se insere a discussão da responsabilidade social das empresas, chamadas a serem também protagonistas na construção de uma sociedade mais solidária, justa e sustentável do ponto de vista ambiental.

No Brasil, como em muitos outros países latino-americanos, a retomada do crescimento econômico sem a contrapartida em igual magnitude da melhoria da qualidade de



Foto João Ripper



Foto João Ripper

vida da maior parte da população na última década indica cabalmente a necessidade de intensificar a quantidade e a qualidade dos esforços de todos os setores da sociedade para a superação das situações de miséria e exclusão que historicamente nos têm caracterizado. Nesse sentido, a convocação das empresas para intensificar sua responsabilidade social ultrapassando o simples cumprimento das normas legais em vigor ganha substância perante toda a sociedade.

Como mostra a pesquisa recente do IPEA[3], um número significativo de empresas já vem contribuindo para diversas ações sociais e parte significativa delas indica que seus empregados atuam como voluntários em projetos sociais com ou sem seu apoio[4]. A novidade aqui não se encontra tanto na ação voluntária dos funcionários das empresas, mas no reconhecimento e eventual apoio explícito das empresas a tais ações. Poderíamos então identificar sinais do possível surgimento de um movimento amplo e plural, do qual já participavam cidadãos das mais diversas origens e condições sociais, que começa a também incorporar as empresas e seus colaboradores em torno da superação da pobreza e da exclusão social.

No início desse terceiro milênio, o conteúdo da democracia e da cidadania se renova através da discussão da(s) sociabilidade(s) dos diversos grupos humanos ou, ainda, os diversos modelos ou projetos de sociedade vigentes ou por inventar. Aí se pode inscrever também a ampliação e o aprofundamento da promoção globalizada das diferentes práticas de voluntariado materializada na escolha da ONU do primeiro ano do novo século como Ano Internacional do Voluntariado.

O conceito e a prática do trabalho voluntário, tal como se coloca atualmente no contexto nacional e internacional, se insere na perspectiva da promoção de uma mudança cultural na sociedade, difundindo e aprofundando a perspectiva da participação cidadã solidária. Desse ponto de vista a ação voluntária pretende repercutir em toda a dinâmica social favorecendo a construção de novas formas de sociabilidade e a consolidação da democracia em seu sentido pleno, integrando de forma plural e solidária pessoas e instituições.

Promover o voluntariado significa apostar no pluralismo e em práticas que consagram a complementaridade entre as capacidades, estilos, tempos e motivações de indivíduos, grupos e organizações sociais. Com o Ano Internacional do Voluntariado em 2001, a questão do trabalho voluntário tem obtido maior repercussão pública e, dentro dela, as propostas e práticas já vigentes em diversos países. No Brasil em particular, a questão do voluntariado tem se articulado de forma promissora também com a discussão da responsabilidade social

A ação voluntária é um horizonte de troca e aprendizado para voluntários, instituições e beneficiários, no qual todos ganham.



das empresas, emprestando visibilidade e promovendo ações de estímulo a diferentes práticas de voluntariado empresarial.

O conceito do voluntariado empresarial se materializa no incentivo, qualificação, apoio e valorização das ações dos empregados de cada empresa que, de forma espontânea e não remunerada, doam seu tempo, suas competências e seu trabalho em benefício da comunidade. A criação de programas de voluntariado empresarial poderá expressar de maneira inovadora o potencial socialmente transversal que também pode desempenhar o setor empresarial, articulando vontades, competências e disponibilidades ou fomentando novas disposições solidárias também através de seus funcionários. Para o empresariado, configura-se assim uma oportunidade histórica de estabelecer uma nova qualidade de impacto de sua atuação na sociedade.

Compreendendo esta oportunidade como estratégica, muitas empresas já vêm se lançando com sucesso nesse caminho: algumas incentivam seus funcionários a escolherem um engajamento voluntário para empregar parte de seu tempo livre e os apoiam indicando possibilidades e/ou instituições, outras desenvolvem ou apoiam projetos sociais próprios estimulando a contribuição voluntária dos empregados, muitas favorecem a formação de equipes de funcionários que organizam e gerenciam o programa de voluntariado da empresa, algumas liberam funcionários dentro do horário de trabalho para realizarem ações sociais ou fazem doações a projetos nos quais seus empregados colaboram.

A ação voluntária é um horizonte de troca e aprendizado para voluntários, instituições (sejam elas organizações sociais ou empresas) e beneficiários, no qual todos ganham. Na conjuntura da globalização, em que a identificação de novas fontes de estímulo à criatividade e a formação de lideranças se traduz no mundo corporativo freqüentemente como uma vantagem competitiva, o investimento empresarial em ações sociais e no voluntariado empresarial poderá se constituir num diferencial estratégico em termos de gestão de seus recursos humanos e materiais.

A participação voluntária, além de uma oportunidade de realização como pessoa e cidadão no encontro com o outro e com a comunidade, apresenta-se ainda como um desafio à competência e à capacidade empreendedora dos funcionários e das empresas. De um lado, através da ação dos funcionários junto às organizações sociais, as empresas disponibilizam para a sociedade tecnologias de gestão, recursos e cultura, de forma efetiva e humanizada, amplificando e qualificando sua inserção social. Por outro lado, o apoio empresarial ao



Foto João Ripper

RIO VOLUNTÁRIO

O voluntariado não é um tema com forte tradição de estudos ou mesmo debates na sociedade brasileira. Mesmo assim, movimentos religiosos e instituições de diversas áreas realizam há décadas importantes contribuições no aproveitamento do trabalho voluntário. Cada vez mais cresce a consciência de que todos os cidadãos podem e devem colaborar. Neste contexto, tornam-se fundamentais os centros de voluntariado – organizações responsáveis por estabelecer a conexão entre oferta e demanda de trabalho voluntário.

O Riovoluntário é uma destas organizações, captando voluntários para serviços em saúde, meio ambiente, direitos humanos, assistência social, oportunidade de geração de renda, segurança pública, educação, cultura, esporte e lazer. Esses voluntários são encaminhados a instituições governamentais e ONGs. A missão do Riovoluntário é incentivar a participação social responsável e solidária, principalmente por meio do trabalho voluntário e de doações, beneficiando toda a comunidade do Rio de Janeiro.

A organização pretende facilitar e fortalecer a cooperação entre entidades e cidadãos para que, todos juntos, consigam enfrentar e superar a exclusão social. O Riovoluntário também realiza intercâmbio de experiências e atividades de capacitação, além de produzir materiais como o Manual do Voluntário, um instrumento que possibilita a qualquer interessado formar-se como voluntário. Mais informações no site: www.riovoluntario.org.br.

Marcelo Marques, Jornalista - Rio de Janeiro - Brasil

engajamento voluntário favorece o resgate do caráter fundamentalmente humano da gestão, valorizando a iniciativa e o protagonismo de cada empregado e propiciando ainda o permanente desenvolvimento de seus conhecimentos e habilidades desafiados pelos problemas, de solução nem sempre simples ou rápida, encontrados no percurso de seu engajamento solidário em ações sociais.

Aqui cabe ressaltar a importância da construção de posturas respeitosas na relação de troca solidária e inovadora com as instituições e movimentos sociais, favorecendo relações de verdadeira parceria e colaboração, em que todos têm algo a dar e a receber e podem aprender muito. O voluntariado pode ser uma oportunidade para desenvolver diferentes leituras da realidade, construindo novos espaços de encontro entre povos, grupos sociais e culturas. Trata-se de um espaço de encontro que supõe o mútuo reconhecimento de histórias culturais, trajetórias individuais, saberes e necessidades. A experiência tem mostrado que nessa caminhada, muitas vezes a descoberta dos "outros" é o que potencializa o conhecimento e reconhecimento de "nós" mesmos como pessoas e cidadãos.

Finalmente, trata-se de fomentar também uma cultura de co-responsabilidade dos diversos setores da sociedade, tomando os desafios sociais do presente como oportunidades para construir um futuro que assegure a efetiva melhoria da qualidade de vida de todos. Dessa forma, o hoje se torna provisório e institui novas possibilidades de reinvenção do humano, como abertura ao outro, fabricando na convivência conflituosa do presente a poesia dialética da festa do porvir. •

1 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

2 No Brasil, apesar da renda per capta ter alcançado US$6,5 mil em 2000, a renda média dos 10% mais ricos permanece 19 vezes maior que a dos 40% mais pobres. Dos 170 milhões de brasileiros, a pobreza atinge 52 milhões e mais de 35 milhões encontram-se abaixo da linha de pobreza.

3 Peliano, Anna Maria T. (coord.) & Beghin, Nathalie A Iniciativa Privada e o Espírito Público: a ação social das empresas do Sudeste brasileiro, Brasília, IPEA, 2000.

4 CEATS-USP, Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária, Estratégias de Empresas no Brasil: Atuação Social e Voluntariado, São Paulo, 1999 - nessa pesquisa nacional junto a 273 empresas, 48% declaram ter funcionários realizando atividades voluntárias, sendo 17% dos casos no horário de trabalho e com o apoio da empresa.



Foto João Ripper

Os jovens alemães que vêm anualmente à Bolívia prestar trabalhos voluntários definem suas atividades como um serviço de aprendizagem. Desde 1988, as dioceses alemãs de Hildesheim e Treveris enviam jovens, a maioria entre 19 a 20 anos de idade, para a Bolívia. Antes eram um ou dois voluntários enviados anualmente, mas esse número saltou para cerca de 60 quando a prática tornou-se uma alternativa ao serviço militar. Este tipo de voluntariado tende a se tornar cada vez mais popular, sendo realizado por meio de diferentes organizações alemãs, a maioria delas ligadas à Igreja Católica.

Na Bolívia, os jovens encontram dificuldades diversas, deparando-se com uma cultura completamente diferente e uma pobreza extrema. Além disso, o jovem freqüentemente não recebe o devido apoio da instituição alemã a qual é ligado, servindo como mão de obra barata e trabalhando meses sem descanso. É fundamental que este serviço voluntário seja embasado na solidariedade e no intercâmbio, com o devido acompanhamento das instituições alemãs. Caso contrário, ele também corre o risco de tornar-se uma espécie de turismo social para se ver como vivem os mais pobres, ou uma mera oportunidade de adicionar algo interessante ao currículo.

El voluntariado internacional: una experiencia de intercambio

Irene Tokarski
Bolívia

"Este año en Bolivia no he convivido con los más pobres, no he realizado una gran obra social, no he salvado a nadie, pero he aprendido que mi mundo no es el único y que soy capaz de abrirme y aprender de estos mundos que vistos desde Europa apenas existen". Stefan, de 23 años, vivió quince meses en una zona marginal de Sucre, prestando un servicio voluntario con niños migrantes del área rural. En pocas palabras él ha resumido la experiencia de los jóvenes voluntarios que vienen cada año a Bolivia: Es un servicio de aprendizaje.

Desde 1988 la Hermandad de las diócesis alemanas de Hildesheim y Tréveris envía a jóvenes, en su mayoría bachilleres de 19 o 20 años, a la Iglesia Hermana en Bolivia. Al principio solamente era uno, a veces dos jóvenes, pero desde que se abrió la posibilidad para varones de prestar un "servicio alternativo" en lugar del servicio militar, este voluntariado se volvió cada vez más popular. Hoy en día serán seguramente más de 60 jóvenes alemanes que vienen cada año a Bolivia, a través de diferentes organizaciones alemanas, en su mayoría ligadas a la Iglesia Católica.

COMPARTIR PARA APRENDER

En el marco de la Hermandad entre Alemania y Bolivia, el servicio siempre tiene la consigna de compartir mutuamente. La gran mayoría de los jóvenes llega con estas ganas de conocer, de aprender y de abrirse a un mundo diferente, y descubren que los roles de los que saben y de los que necesitan ayuda no son definidos por las palabras de Norte y Sur. Su lugar de trabajo, normalmente es un hogar o comedor de niños, un proyecto para jóvenes o un colegio. Están como personal de apoyo, encargándose de trabajos extra correspondiente a sus capacidades: Pueden ser clases de apoyo en ingles o matemática, de arte o deporte. Su servicio abarca unos 12 a 15 meses, incluyendo cursos de preparación en Alemania, un curso de castellano al llegar al país y unas tres reuniones de evaluación e intercambio durante su estadía en Bolivia.

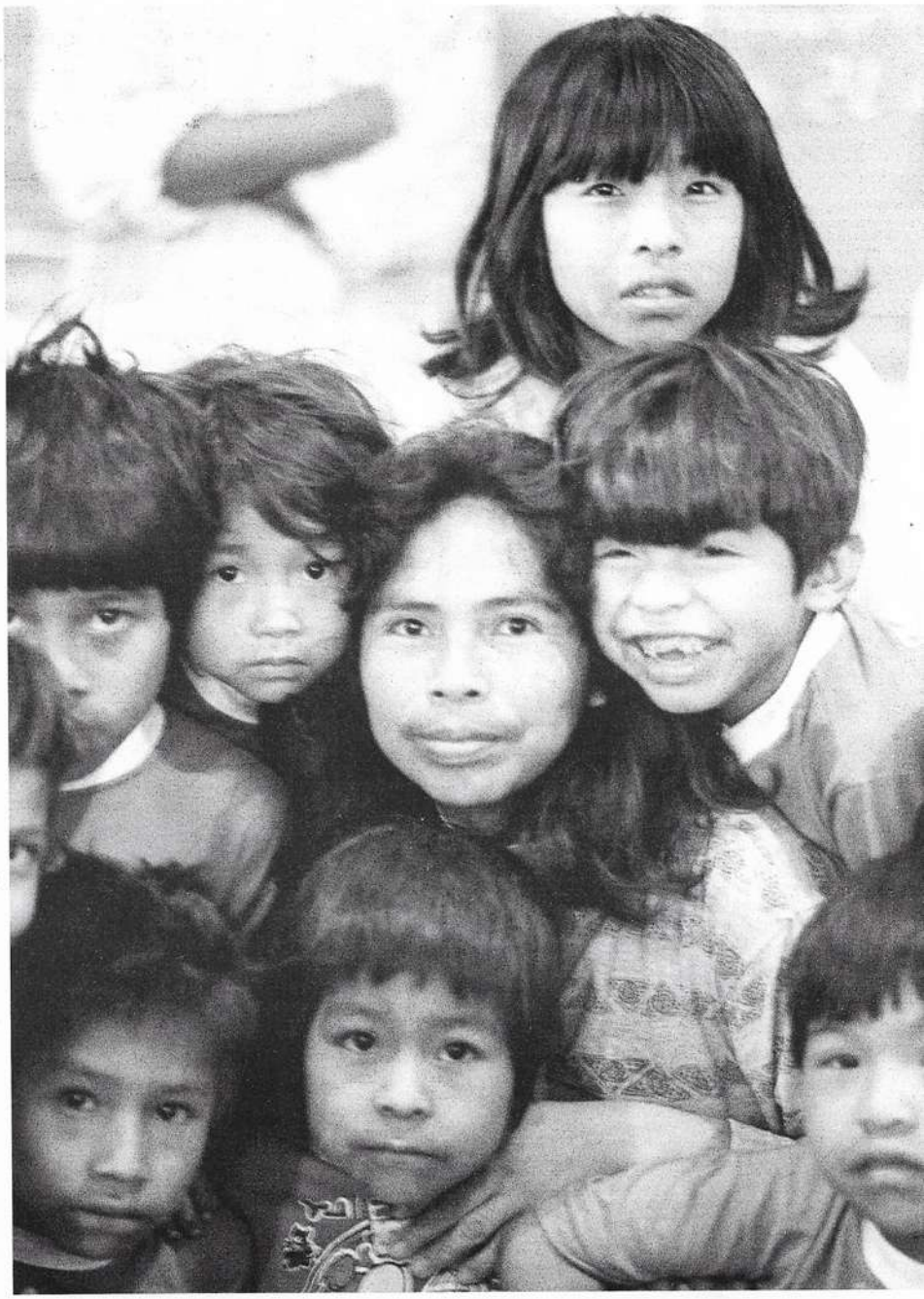
El intercambio buscado también se refleja en la organización de este voluntariado. Mientras el pasaje y los seguros son asumidos por la organización alemana (o a veces por los mismos jóvenes), el proyecto que los recibe en Bolivia prevé comida y alojamiento. Transporte y otros gastos son asumidos por un grupo de apoyo de amigos en Alemania que dan un aporte financiero y reciben en cambio informes regulares y se convierten en multiplicadores de la misma experiencia del joven. Los jóvenes además se comprometen a difundir su experiencia y cooperar en el trabajo de concientización por al menos dos años después de volver a Alemania.

DE LA TEORÍA A LA PRÁCTICA: DIFICULTADES Y DESAFÍOS

Por supuesto, cada nuevo voluntario que llega al país es un nuevo reto para los acompañantes tanto en Alemania como en Bolivia. Cada proceso de aprendizaje incluye superar dificultades y pasar por más de una crisis. Muchas veces los jóvenes llegan con una carga pesada de sus parroquias, padres, profesores o compañeros de ser "salvadores" o los que deben ayudar a los "pobres indios". Los admiran en Alemania por ser exóticos, valientes, y muchos les encargan literalmente sus propios deseos de hacer algo que vale.

También los chicos a veces buscan desesperadamente la experiencia de que se les necesita. Vienen directamente del colegio donde no podían hacer una diferencia, donde no importaba si estaban o no y de una sociedad que abre pocos espacios para ellos. Inevitablemente llevan encima todas estas imágenes que siguen transmitiéndose en los medios de comunicación del Norte y también en las Iglesias, donde el Sur solamente aparece con sus catástrofes, el hambre y la pobreza.

Por otro lado, con frecuencia las primeras experiencias con la hora boliviana, de la burocracia impresionante al sacar una visa o en su primera visita a una escuela fiscal parecen darles toda la razón que en el Norte todo funciona mejor. Este primer momento de "choque cultural" es también la primera prueba para la red de acompañamiento de la organización responsable en Bolivia y por supuesto también en cuanto a la madurez del joven. Si bien las experiencias en total son enormemente positivas, hay que reconocer que probablemente un porcentaje de hasta 20 por ciento de los voluntarios vuelve con más prejuicios a su país que tenía antes de venir. Es un reto enorme enfrentarse con una cultura, un idioma y una situación social tan diferente.



EN BÚSQUEDA DE RESPUESTAS NO PREFABRICADAS

La misma confrontación con la pobreza extrema les exige una respuesta. "¿Qué puedo hacer? Tengo que hacer algo para soportar todo esto...." es una pregunta que todos y cada uno tiene que responder a lo largo de su servicio, y no es fácil. Siempre también tienen que enfrentarse con la corrupción en todos lados, la ineficiencia que cuesta la vida de personas y el

rendirse a una suerte inevitable que no conocen de su vida de clase media en Alemania. En esa situación de impotencia - si no hay un acompañamiento de cerca- la respuesta más fácil parece ser echar la culpa a los ineficientes, impuntuales, corruptos, y ya no importa que estos clichés son sobre todo un reflejo de su propio miedo. De ahí es un largo camino para aceptar y empezar a entender una mentalidad diferente y una manera de sobrevivencia que en Alemania no tendría ningún sentido, pero que es indispensable para la mayoría en un país como Bolivia. Y el rol del acompañante no es de ninguna manera dar respuestas o recetas fáciles, se trata de aguantar la impotencia que sienten estos jóvenes frente a situaciones que nos acostumbramos a ver todos los días. Ésta es también la riqueza que lleva el trabajo con ellos: muchas veces ven lo que nosotros ya no queremos ver, nos enfrentan con la injusticia de nuestra realidad, chocan con lo que es normal y no debería ser.

INTERCAMBIO - LA RESPONSABILIDAD ES DE TODOS

En cinco años de trabajo con voluntarios alemanes, en total seguramente más de 100, he conocido a dos jóvenes que no podían enfrentar el reto de vivir un año en Bolivia. Pero he conocido a docenas que fueron usados como mano de obra barata o garantes para nuevas donaciones, sin acompañamiento adecuado, sin horario regulado, muchas veces trabajando meses sin ningún día libre y con presiones enormes hasta amenazas desde los responsables en su proyecto. En la mayoría de los casos, sus organizaciones en Alemania no respondieron a sus pedidos (y sus reclamos más tarde). Con el creciente número de voluntarios, la tarea de acompañamiento se vuelve cada vez más difícil. Muchas veces el personal en los proyectos se cansa de enseñar cada vez de nuevo a los jóvenes, ya no quiere aguantar lo que les parece capricho (y a veces es) de mimados y malcriados, más aún si el número de extranjeros en un proyecto es muy elevado y ellos crean su propio mundo o si los jóvenes son aceptados por unos pocos meses.

El voluntariado es un esfuerzo de todos, y necesita preparación y dedicación, no solamente de parte de los voluntarios. Las organizaciones alemanas deben asumir su responsabilidad y mantener un contacto estrecho con el proyecto, sus responsables en Bolivia y los voluntarios. Juntos hay que buscar y crear espacios de intercambio, donde los jóvenes pueden compartir sus experiencias y su mundo. Éste es el abono para la sensible flor del entenderse mutuamente y el árbol de la solidaridad.

Respetar la experiencia de la misma gente y a la vez aportar sus propios conocimientos es un acto de balance, pero una experiencia que cambia en muchos casos el rumbo de la vida y de toda la familia del cooperante.

LOS COOPERANTES - PROFESIONALES QUE TAMPOCO SABEN TODO

El servicio de profesionales se distingue fundamentalmente del servicio de jóvenes. Los cooperantes normalmente vienen por dos a seis años, y tienen experiencia profesional, en la mayoría de los casos son jóvenes familias que no se contentan con una casa, un coche y una vida cómoda. Son contratados como expertos para una tarea específica y reciben una preparación especial de varios meses en Alemania. Pero a pesar de todo, muchas veces enfrentan los mismos problemas que los voluntarios jóvenes. Venir para quedarse un buen rato, es más difícil que estar de visita. Por la eficiencia alemana y el deseo de "ayudar de verdad" les cuesta más aceptar la situación real e involucrarse en el ritmo y la manera de trabajar. Respetar la experiencia de la misma gente y a la vez aportar sus propios conocimientos es un acto de balance, pero una experiencia que cambia en muchos casos el rumbo de la vida y de toda la familia del cooperante.

LA EXPERIENCIA EN EL OTRO MUNDO: VOLUNTARIOS BOLIVIANOS EN ALEMANIA

En 1999, la Asociación de la Juventud Católica en Tréveris por primera vez ha invitado a dos jóvenes bolivianos a realizar un voluntariado en Alemania. Si bien la experiencia fue positiva, también mostró que entre dos realidades tan diferentes no es igual hacer lo mismo en el otro lado. En un intercambio, que nos lleva a valorar las riquezas del otro y entender sus problemas, hay que darse cuenta primero qué es lo que puedo ofrecer, cuál es la vida que podemos compartir y enriquecernos mutuamente. Un servicio social en Bolivia para un joven alemán que le enseña como vive la mayoría de nuestra

Foto João Ripper

población, no es lo mismo que un trabajo social en Alemania con grupos marginados con problemas psicológicos, en medio de un mundo superfluo, para un joven que ha crecido en un mundo determinado por la pobreza.

EL MARCO DE LA SOLIDARIDAD

El voluntariado es un tesoro de experiencias para ambos lados. Pero finalmente tiene que ubicarse en un marco más amplio de solidaridad e intercambio, si no, se vuelve un turismo social para ver cómo viven los pobres. Muchos de los nuevos programas de voluntariado ofrecidos en Europa tienden a fomentar esto. Cada vez más voluntarios valoran en primer lugar la chance de tener un currículo más interesante por una estadía afuera. El punto de referencia es la carrera personal, no las interdependencias entre un mundo y el otro, ni la responsabilidad que les corresponde en un futuro globalizado.

Casi parece atrevido invertir en la aventura del voluntariado. Las condiciones de los jóvenes en Alemania y Bolivia son tan diferentes, pero éste es exactamente el reto que buscamos en el intercambio de jóvenes entre ambos mundos. Es uno de los caminos más importantes para crear una globalización de justicia y de solidaridad. Los jóvenes son los mensajeros más confiables entre Norte y Sur, es al futuro de ellos al que estamos apostando, y los que vivan compartiendo la otra realidad, seguro que lo seguirán contando hasta a sus nietos. •

Irene Tokarski
Secretaria Ejecutiva de la Comisión de la Hermandad de la Conferencia Episcopal de Bolivia.
Casilla 8777 La Paz - Bolivia.
E-mail: cepasinf@ceibo.entelnet.bo

O voluntariado internacional: uma experiência de intercâmbio

Irene Tokarski
Bolívia

"Este ano, na Bolívia não convivi com os mais pobres, não fiz uma grande obra social, não salvei ninguém, mas aprendi que meu mundo não é o único e que sou capaz de me abrir e aprender destes mundos que, quando vistos da Europa, apenas existem". Stefan, de 23 anos, viveu quinze meses numa zona marginal de Sucre, fazendo um serviço voluntário com crianças que migraram da área rural. Em poucas palavras ele resumiu a experiência dos jovens voluntários que vêm cada ano à Bolívia: é um serviço de aprendizagem.

Desde 1988, a Fraternidade das dioceses alemãs de Hildeshein e Tréveris envia jovens, a maior parte deles bacharéis de 19 ou 20 anos, à Igreja Irmã na Bolívia. No começo era só um, às vezes dois jovens, mas, a partir desta possibilidade aberta para os homens de oferecerem um



Foto João Ripper

"serviço alternativo" em vez do serviço militar, este voluntariado fez-se ainda mais popular. Hoje calcula-se que mais de 60 jovens vêm todo ano à Bolívia através de diferentes organizações alemãs, a maioria deles relacionados à igrejas católicas.

COMPARTILHAR PARA APRENDER

No marco da igualdade entre a Alemanha e a Bolívia, o serviço sempre tem a determinação da partilha mútua. A grande maioria dos jovens chega com vontade de conhecer, de aprender e de abrir-se a um mundo diferente e descobrem que os papéis dos que sabem e dos que precisam ajuda não estão definidos pelas palavras Norte e Sul. Seu lugar de trabalho, normalmente, é uma casa de família ou uma sala de jantar para crianças, um projeto para jovens ou um colégio. Atuam como pessoal de apoio, encarregados de trabalhos extra, segundo as suas capacidades: podem ser aulas de apoio de inglês ou matemática, de arte ou esporte. Seu serviço abrange de 12 a 15 meses, incluindo cursos de treinamento na Alemanha, um curso de espanhol quando chegam no país e umas três reuniões de avaliação e intercâmbio durante a estada na Bolívia.

O intercâmbio que se pretende também fica transparente na organização deste voluntariado. Enquanto a passagem e os seguros são assumidos pela organização alemã (e às vezes pelos próprios jovens), o projeto na Bolívia providencia comida e hospedagem. Transporte e outras despesas ficam a cargo de um grupo de apoio de amigos da Alemanha que dá suporte financeiro e, em troca, recebe relatórios regulares, tornando-se multiplicadores da mesma experiência do jovem. Os jovens, além disso, comprometem-se à difusão da sua experiência e à cooperação no trabalho de conscientização por um mínimo de dois anos ao voltarem para Alemanha.

DA TEORIA À PRÁTICA: DIFICULDADES E DESAFIOS

É claro que cada novo voluntário que chega no país é um novo desafio para os acompanhantes, seja na Alemanha, seja na Bolívia. Cada processo de aprendizagem implica superar dificuldades e passar por várias crises.

Muitas vezes, os jovens chegam carregando o peso das suas paróquias, pais, professores ou seus colegas de ser "os salvadores", aqueles que devem ajudar "os pobres índios". São admirados na Alemanha por ser exóticos, corajosos e muitos encomendam-lhes, literalmente, os seus próprios desejos de fazer alguma coisa que valha a pena.

Às vezes, estes rapazes também procuram desesperadamente a experiência de se sentirem necessitados. Eles vêm diretamente da escola, onde não faziam diferença, onde não era importante se estavam ou não e de uma sociedade que abre poucos espaços para eles. É inevitável o fato deles carregarem estas imagens que continuam a se transmitir nos meios de comunicação do Norte e também nas igrejas onde o Sul só aparece com suas catástrofes, a fome e a pobreza.

Por outro lado, é freqüente que as primeiras experiências com o horário boliviano, com a enorme burocracia para tirar o visto ou na primeira visita a uma escola estadual parecem confirmar a idéia de que no Norte tudo funciona melhor. Este primeiro momento de "choque cultural" é também a primeira prova para a rede de acompanhamento da organização responsável na Bolívia e é, logicamente, uma prova para a maturidade do jovem. Embora as experiências sejam em geral muito positivas, temos que reconhecer que uma porcentagem de até 20% dos voluntários voltam ao seu país com mais preconceitos do que tinham antes de vir. É um desafio enorme se colocar face a uma cultura, um idioma e uma situação social tão diferente.

NA PROCURA DE RESPOSTAS NÃO PRÉ-FABRICADAS

O mesmo enfrentamento com a pobreza extrema exige deles uma resposta. "O que é que eu posso fazer? Tenho que fazer alguma coisa para suportar tudo isto?" são perguntas que todos e cada um tem que responder ao longo do seu serviço. E isto não é fácil. Estarão sempre diante da corrupção em todos os lugares, da ineficiência que custa a vida das pessoas, abandonadas à sorte inevitável que eles, na sua vida de classe média na Alemanha, não conhecem. Nesta situação de impotência -se não tiverem um acompanhamento de perto- a resposta mais simples será botar a culpa nos ineficientes, impontuais, corruptos e já não interessará que esses clichês sejam o reflexo do seu próprio medo. A partir daí, existe um longo caminho para aceitar e começar a compreender uma mentalidade diferente e uma maneira de sobrevivência que, na Alemanha, não teria sentido algum, mas que num país como a Bolívia para a maioria é indispensável. O papel do acompanhante não é de forma alguma dar respostas e receitas fáceis. O sentido é agüentar a impotência que sentem estes jovens frente a situações que nos acostumamos a ver todos os dias. Nisto consiste também a riqueza de trabalhar com eles: muitas vezes eles vêem o que nós já não queremos ver, colocam-nos face às injustiças da nossa realidade, confrontam com o que é normal e não deveria ser.

Respeitar a experiência das pessoas e ao mesmo tempo aportar seus próprios conhecimentos é produto de um equilíbrio, mas é também uma experiência que muda, em muitos casos, o rumo da vida e de toda a família do colaborador.

INTERCÂMBIO: A RESPONSABILIDADE É DE TODOS

Nos cinco anos de trabalho com voluntários alemães, no total foram aproximadamente mais de 100, conheci dois jovens que não conseguiam enfrentar o desafio de viver um ano na Bolívia. Mas conheci dúzias que foram utilizados como mão de obra barata ou como fiadores para novas doações, com acompanhamento inadequado ou sem ele: sem um horário estabelecido, trabalhando muitas vezes sem ter um dia livre e com pressões enormes e até com ameaças por parte dos responsáveis do projeto. Na maioria dos casos, suas organizações na Alemanha não responderam a seus pedidos (ou a seus reclamos, mais tarde).

Com o crescente número de voluntários, o trabalho de acompanhamento torna-se cada vez mais difícil. Muitas vezes acontece que o pessoal dos projetos, uma vez ou outra, fica cansado quando tem que ensinar aos jovens e tem que agüentar deles o que consideram "teimosia" (e às vezes é), como conseqüência de terem sido mimados e malcriados, especialmente quando eles são em maior número no projeto, acabam criando seu próprio mundo e percebendo que são aceitos por uns poucos meses.

O voluntariado é um esforço de todos e precisa de preparo e dedicação, mas não só da parte dos voluntários. As organizações alemãs devem assumir as suas responsabilidades e manter um estreito contato com o projeto, com os responsáveis na Bolívia e com os voluntários. Juntos temos de procurar e criar espaços de intercâmbio, onde os jovens possam compartilhar suas experiências e o seu mundo.

É este o adubo para a flor sensível da compreensão mútua e para a árvore da solidariedade.

OS COLABORADORES - PROFISSIONAIS QUE TAMBÉM NÃO SABEM TUDO

O serviço de profissionais se diferencia fundamentalmente do serviço de jovens. Os colaboradores normalmente vêm por um período de dois a seis anos e contam com experiência profissional. Na maioria dos casos são jovens famílias que não se contentam com uma casa, um carro e uma vida confortável. São contratados como especialistas numa área específica e recebem um treinamento especial de vários meses na Alemanha. Mas mesmo assim, muitas vezes, enfrentam os mesmos problemas dos voluntários jovens. Vir para ficar um tempo é mais difícil do que vir de visita. Por causa da eficiência alemã e do desejo de "ajudar de verdade" é mais difícil para eles aceitarem a situação real e se comprometerem com o ritmo e o modo de trabalhar. Respeitar a experiência das pessoas e ao mesmo tempo aportar seus próprios conhecimentos é produto de um equilíbrio, mas é também uma experiência que muda, em muitos casos, o rumo da vida e de toda a família do colaborador.

A EXPERIÊNCIA NO OUTRO MUNDO: VOLUNTÁRIOS BOLIVIANOS NA ALEMANHA

Em 1999, a Associação da Juventude Católica em Tréveris convidou, pela primeira vez, dois jovens bolivianos para realizar o voluntariado na Alemanha. A experiência foi positiva, no entanto, mostrou que quando existem duas realidades tão diferentes não é a mesma coisa fazer o mesmo tipo de trabalho "do outro lado". Num intercâmbio que nos leva a valorizar as riquezas do outro e a compreender seu problemas, é preciso ficar ciente do que



Foto João Ripper

posso oferecer, qual é a vida que podemos compartilhar, a fim de enriquecer-nos mutuamente. Fazer um serviço social na Bolívia para um jovem alemão que acaba aprendendo como vive a maioria da nossa população, não é a mesma coisa que fazer um trabalho social na Alemanha, onde existem grupos marginalizados com problemas psicológicos, em meio a um mundo supérfluo, levando em conta que o jovem boliviano cresceu num mundo determinado pela pobreza.

O MARCO DA SOLIDARIEDADE

O voluntariado é um tesouro de experiências para ambos os lados. Mas tem que ser colocado num marco mais amplo de solidariedade e intercâmbio, do contrário, torna-se um turismo social que consiste em ver como vivem os pobres. Muitos dos novos programas de voluntários oferecidos na Europa têm tendência a fomentar esta idéia. A cada dia tem mais voluntários que valorizam em primeiro lugar a oportunidade de ter um *currículum vitae* mais interessante por causa de sua estada lá fora. O ponto de referência é a carreira profissional e não a interdependência entre um mundo e o outro, nem a responsabilidade que lhes corresponde num futuro globalizado.

Parece quase um atrevimento investir na aventura do voluntariado. As condições dos jovens na Alemanha e na Bolívia são muito diferentes, mas é este, exatamente, o desafio que procuramos no intercâmbio de jovens entre ambos os mundos. É um dos caminhos mais importantes para criar uma globalização de justiça e de solidariedade. Os jovens são os mensageiros mais confiáveis entre o Norte e o Sul. É no futuro deles que estamos apostando e aqueles que viverem compartilhando a outra realidade, com certeza, a transmitirão a seus netos. •

Irene Tokarski
Secretaria Executiva da Comissão da Fraternidade da Conferência Episcopal da Bolívia.
Casilla 8777 La Paz - Bolivia.
e-mail: cepasinf@ceibo.entelnet.bo



Foto João Ripper

PREMIO AL PROTAGONISMO DE JÓVENES VOLUNTARIOS

Iniciativa Joven: el voluntariado en la construcción de la ciudadania con jóvenes del Liceo de Toledo (Uruguay)

El martes 5 de diciembre del 2000 - Dia internacional del Voluntariado y abertura del Año interacional del Voluntariado - fue un dia inolvidable para los 25 jovenes que, estrechando la mano del Presidente del Uruguay, recibieron un premio al Emprendimiento voluntario juvenil, en los históricos salones del Parque Hotel de Montevideo, Sede oficial del Mercosur.

Ellos representaban 120 jóvenes - de 12 a 16 años - alumnos del Liceo publico de Toledo, Canelones (segundo Departamento en importancia luego de Montevideo) que participaron durante 6 meses del proyecto Iniciativa Joven: el voluntariado en la construcción de la ciudadania. Este proyecto fue diseñado y coordinado en el marco de las actividades del Area de Salud del Instituto de Investigación y Desarrollo, IDES, aprovechando creativamente mis diversas consultorias en Brasil durante los últimos años en la promoción y gestión del voluntariado.

El diferencial se origina en que se trató de una respuesta específica para una realidad socio económica desfavorable marcada por el desempleo, la pobreza y la falta de oportunidades y acceso a todo tipo de bienes socio culturales, que genera situaciones de vulnerabilidad y riesgo social a los que se encuentra confrontada la gran mayoria de jóvenes y familias en Toledo (o en la mayor parte de nuestras periferias urbanas latinoamericanas).

En primer término, el proyecto apuntó a la promoción de la participación protagónica de los jóvenes, a través de su capacitación para el diseño, gestión y ejecución de iniciativas voluntarias solidarias y eficientes, vivenciando una oportunidad de intervención social completa sobre una problemática social elegida por ellos mismos en su contexto social próximo. Cada grupo dispuso de un «capital de giro» inicial, a ser administrado según las prioridades definidas para cada micro acción; pero debiendo interactuar con los actores empresariales o públicos locales susceptibles de apoyar la acción comunitaria.

Por lo tanto, en segundo lugar, la intervención educativa tambien apuntó a tejer una red de soportes locales, individuales e institucionales para las acciones de los jóvenes, no solamente como medio para viabilizarlas, sino, en particular para lograr un espacio de diálogo e interacción que contribuyese a abrir un nuevo lugar social para los jóvenes, revalorizador e impulsor de sus capacidades y potencialidades. Es decir, una acción comunitaria que promueve el fortalecimiento del capital social y cultural existente a través de una interfase innovadora liceo/barrio (diferentes redes asociativas)/familias, a partir de la acción de los jóvenes.

El trabajo de los 120 jóvenes resultó en la construcción y ejecución de una Agenda de 5 Iniciativas solidarias definidas a partir de un diagnóstico previo de los problemas sociales más acuciantes y que podian mejorar la calidad de vida de toda la ciudad: "Encuentro sobre Sexualidad y Promoción de Salud", «Recreación 2000 - Ludoteca con niños del escuela República del Perú», "Jornada deportiva sobre los Derechos de los adolescentes", «Apoyo a los niños y familias del Centro de Apoyo a la Infancia», publicación «Los REBELDES»; beneficiando a más de 700 niños y jóvenes y 450 adultos.

Lograron, además, el aporte solidario - otra forma de voluntariado o responsabilidad social - de un total de 50 vecinos e instituciones locales, entre ellos pequeños comerciantes, educadores, personal del ejercito, iglesias, ediles locales y el cable TV, que suman a precio de mercado casi U$ 2.000 (dolares americanos), sin incluir la cantidad de horas de trabajo profesional voluntario donadas por personas e instituciones para facilitar la tarea de los jóvenes.

Creo que todos aquellos vecinos de Toledo que se beneficiaron y disfrutaron de las acciones de Iniciativa Joven sintieron que no están solos, que la solidaridad viene con cara joven, que la donación puede acompañarse de juegos; la información, de música; los derechos, de colores. Una rendija en la cultura del Uruguay que muestra que el voluntariado juvenil es un apuesta a los ciudadanos jóvenes de hoy y a los jóvenes trabajadores de mañana.

Por ello, la acción voluntaria no debe confundirse con «mano de obra barata» ni con cualquier intención de substituir las responsabilidades del Estado, sino debe ser vista como una perspectiva de protagonismo social, de diálogo democrático y de desenvolvimiento plural de iniciativas generosas con resultados. Iniciativa Joven intenta ser una acción educativa específica que potencializa y renueva las modalidades de intervención social de los jóvenes, favoreciendo la consolidación de una nueva sociabilidad ciudadana más democrática y participativa.

Quiero concluir con la voz de los protagonistas, compartiendo la frase que marcó el Evento de entrega del premio, casi gritada en el micrófono por una adolescente "lo disfrutamos mucho, estoy contenta porque lo que quisimos hacer, lo logramos". *Creo que resume, antes que todo, el impacto de la vivencia de voluntariado juvenil en ellos mismos: confianza, crecimiento, autoestima, ¡capacidad de querer hacer y hacer! Efectivamente, organizar, aportar cada uno lo que tiene de mejor, valorizándolo y potenciándolo en equipo, ser solidarios con resultados.*

Juan José Meré Rouco
Sociólogo - Uruguay

Agentes comunitarios de salud en el Perú

Carmela Zumarán
Villanueva - Perú

No Peru, tal como nos outros países da América Latina, são graves os problemas relacionados à saúde, conseqüência de uma história secular de pobreza e da implementação do sistema neoliberal. Apenas aqueles com boa situação financeira têm acesso a um sistema médico de qualidade, inacessível à maioria da população peruana. Com o objetivo de reverter esta situação, agentes comunitários de saúde exercem um trabalho voluntário dispostos a resgatar o direito à saúde e à vida, especialmente dos pobres. São pessoas capacitadas a realizar atividades fundamentalmente preventivo-promocionais, educando e orientando as comunidades. Entre os agentes comunitários estão os agentes pastorais de saúde, que são um elemento de humanização da saúde integral, reconhecendo-a como um direito fundamental do ser humano. Para cumprir sua função, eles estão em permanente capacitação e formação, marcando presença no processo de transformação das estruturas no campo da saúde.



Foto João Ripper

Deda Chávez hace quince años que se comprometió en su Parroquia, en la ciudad de Huaras. "No hay vecino que yo no conozca, mujeres embarazadas, niños desnutridos o sanos, jóvenes y ancianos que no necesiten de mi ayuda"; "Antes participaba en los Comedores familiares. Estaba a cargo de las charlas de prevención. También de pesar a los niños, de llevarlos a consulta médica o al Hospital. Todas las asistentas sociales me conocen y apoyan". Ella atiende a 110 niños actualmente.

El compromiso de Deda es sostenido por su entrega, su fe y el apoyo de Marcos su esposo y de sus cuatro hijos, quienes participan en todas sus actividades. "Voy a seguir trabajando en mi barrio... Me siento feliz de ayudar a otros y porque la gente, los más pobres me necesitan".

El mundo de la salud en el Perú, como el de América Latina y el Caribe, vive hoy las consecuencias de una injusta secular pobreza y de la implementación del sistema neoliberal, con la globalización de la economía de mercado y la prioridad del pago de la deuda externa, que casi nos impide llevar adelante un proyecto nacional de desarrollo humano integral. La realidad de pobreza es cada vez mayor y condiciona la satisfacción de nuestras necesidades de salud, vivienda, educación, trabajo, ocio.

La implementación de políticas públicas, específicamente del sector salud, hasta hoy, sólo reforzaron la conversión de la salud en mercancía. Si tienes dinero te curas, sino no. Se olvida injustamente la calidad y expectativa de vida de grandes sectores de la población, excluyendo a los más pobres. Una visión economicìsta amplía el campo de la acción privada comercial y no se presupuesta para salud desde una perspectiva de deber ético y político del Estado, de garantizar la salud de nuestro pueblo. Se reduce la responsabilidad del Estado pues la salud sólo se vive como responsabilidad privada de la persona y la familia. La atención curativa se hace inaccesible para la gran mayoría de personas. 62.5% no busca un médico, no adquiere medicinas, no se hospitaliza porque no cuenta con el dinero para hacerlo.

Los servidores de salud deben

trabajar sin lo necesario y con salarios de hambre. Tenemos como sociedad una "enorme deuda sanitaria", deuda interna en salud, cada día más grande.

Porque como en muchos lugares de América y El Caribe, nos falta agua potable, vivienda digna, saneamiento ambiental y además se atropellan nuestros derechos humanos fundamentales y nos falta trabajo y remuneraciones justas. Los pobres están desamparados, aunque las estadísticas mejoren porque no hay lugar ahí para excluidos y sigan muriendo niños, ancianos y jóvenes antes de tiempo. En este país con desigualdad, desempleo, enfermedades emergentes y reemergentes - uta, malaria, tuberculosis y la multidrogo – resistencia en TBC – se vive una grave realidad. Mal nutrición crónica en menores de 5 años que se extiende en la edad escolar. Enfermedades de la pobreza. Incremento de personas portadoras del VIH/SIDA, sobre todo jóvenes – casi niños – y mujeres.

Ante este panorama desolador, ¿hay posibilidades de abrir vías de prevención y curación de enfermedades? ¿Debemos renunciar al logro de nuestro desarrollo humano pleno? ¿Sólo es posible la corrupción? ¿Se puede soñar con salud integral para la población del Perú? ¿No hay esperanza de gozarla?

El Perú tiene un pueblo que siempre responde a sus necesidades y saca de su pobreza para lograr el bien común. Catorce, dieciocho voluntarios reconocidos como agentes comunitarios de salud dispuestos a rescatar el respeto al derecho a la salud y la vida de todos, especialmente de los pobres.

La esperanza renace al contacto con tantos agentes dedicados desde la vida cotidiana a la protección celosa y la restauración del valor de la persona humana; aportando elementos para el cambio y la humanización de las políticas públicas de salud, luchando porque se asuma la salud como derecho, cuidando el medio ambiente cuya conservación está amenazada, aprendiendo a vivir una auténtica participación social. Hijos de la misma comunidad, los agentes comunitarios, elegidos por ella para cuidar la salud comunitaria, se organizan para defender el derecho a la vida de su familia, de su pueblo. Esta experiencia la viven desde las comunidades, las diversas iglesias, algunos trabajan especialmente en los sectores populares. Y vemos que a partir de estas presencias van creciendo, también, asociaciones y redes de organizaciones de enfermos y familiares de los mismos para cuidar la salud. Su trabajo refuerza la solidaridad potenciadora de su compromiso eficaz por la vida.

Ellos están poniendo en manos de los pobres las técnicas y las artes de la medicina tradicional alternativa. Frente a la agudización de la pobreza, surge el poder curarse con las manos.

La Iglesia en el Perú unida a las iglesia hermanas y a la sociedad organizada ha potenciado estas presencias de amor solidario, aportando a su formación y fortaleciendo su solidaridad entre y desde los más necesitados. Hay una gran variedad de Agentes Pastorales de Salud que asumen su vocación de servicio como un ministerio de vida, tarea de la defensa y cuidado de la vida: en los comités de salud, como visitadores de enfermos, promoto-



Foto Arquivo Novamerica

res de salud, movilizadoras de la supervivencia infantil, vigías escolares, parteras tradicionales, como promotoras de comedores populares, responsables de botiquines populares y otros.

En gran parte a partir de la experiencia de estos voluntarios, la Iglesia ha ido profundizando el sentido de su compromiso y presencia en el cuidado de la salud. Desde la valoración de cada persona, a la que acompañan para ayudarles a descubrir su dignidad, sus derechos, les ayudan a levantarse de su postración y les hacen sentirse amados. Comprometidos con la tarea de cuidar la salud y defenderla como un derecho humano fundamental, desde ahí



Nos falta agua potable, vivienda digna, saneamiento ambiental y además se atropellan nuestros derechos humanos fundamentales y nos falta trabajo y remuneraciones justas.

celebran la victoria definitiva de la Vida como don de Dios.

LA FUERZA DEL TRABAJO VOLUNTARIO BUSCANDO CAMBIO EN LA SOCIEDAD

Los agentes comunitarios de salud en su gran mayoría son creadores de espacios de afirmación de la vida. Cuidan y defienden la salud y lo hacen unidos a la comunidad y a sus instituciones y organizaciones.

Entre los agentes comunitarios están los agentes pastorales de salud que promueven, desde sus valores cristianos y su compromiso de fe, la salud integral con conciencia crítica y capacidad de aportar, desde sus valores éticos, a la construcción de un sistema de salud mas justo y equitativo que responda a las necesidades de la persona, especialmente de los pobres y excluidos. Actualmente son elemento de humanización del mundo de la salud integral a la que reconocen como un derecho fundamental de la persona humana; sobre todo con la vida de los pobres, signo visible y fundamental de exigencia ética en la práctica de la justicia en la sociedad. Los agentes pastorales se forman para, unidos a otros, aportar en la organización de sus pueblos y con ello reforzar el tejido social de participación y responsabilidad ciudadana para la transformación de las estructuras de la sociedad.

Su visión integral de la salud tiene en cuenta las diferentes dimensiones de la vida humana y su cuidado y la interrelación que se da entre ellas.

Para cumplir su función de servicio están en permanente capacitación y formación. Aquí el apoyo de las iglesias es el más rico, pues tiene en cuenta los diferentes niveles de experiencia y formación de los agentes. Puede afirmarse de ellos que son reales líderes socio-político-culturales, por su participación en salud y en el desarrollo de su comunidad.

Actualmente los agentes pastorales están iniciando un proceso de promoción y organización de instancias diversas de vigilancia ciudadana, local del derecho a la salud integral animados desde la Iglesia.

A través de redes locales, regionales y nacionales comparten, evaluan e impulsan su tarea con una presencia de impacto social y político en el proceso de transformación y humanización de las estructuras del mundo de la salud. El Estado les ha reconocido su contribución valiosa y actualmente celebramos el Día del Agente Comunitario de Salud que, después de varios años como celebración privada, fue reconocida oficialmente en 1999. Pero aún falta mucho por hacer como valoración y apoyo a los agentes comunitarios de salud.

Ahí donde estén son referencia de convocación a todas las fuerzas vivas - Iglesia y otros credos reli-

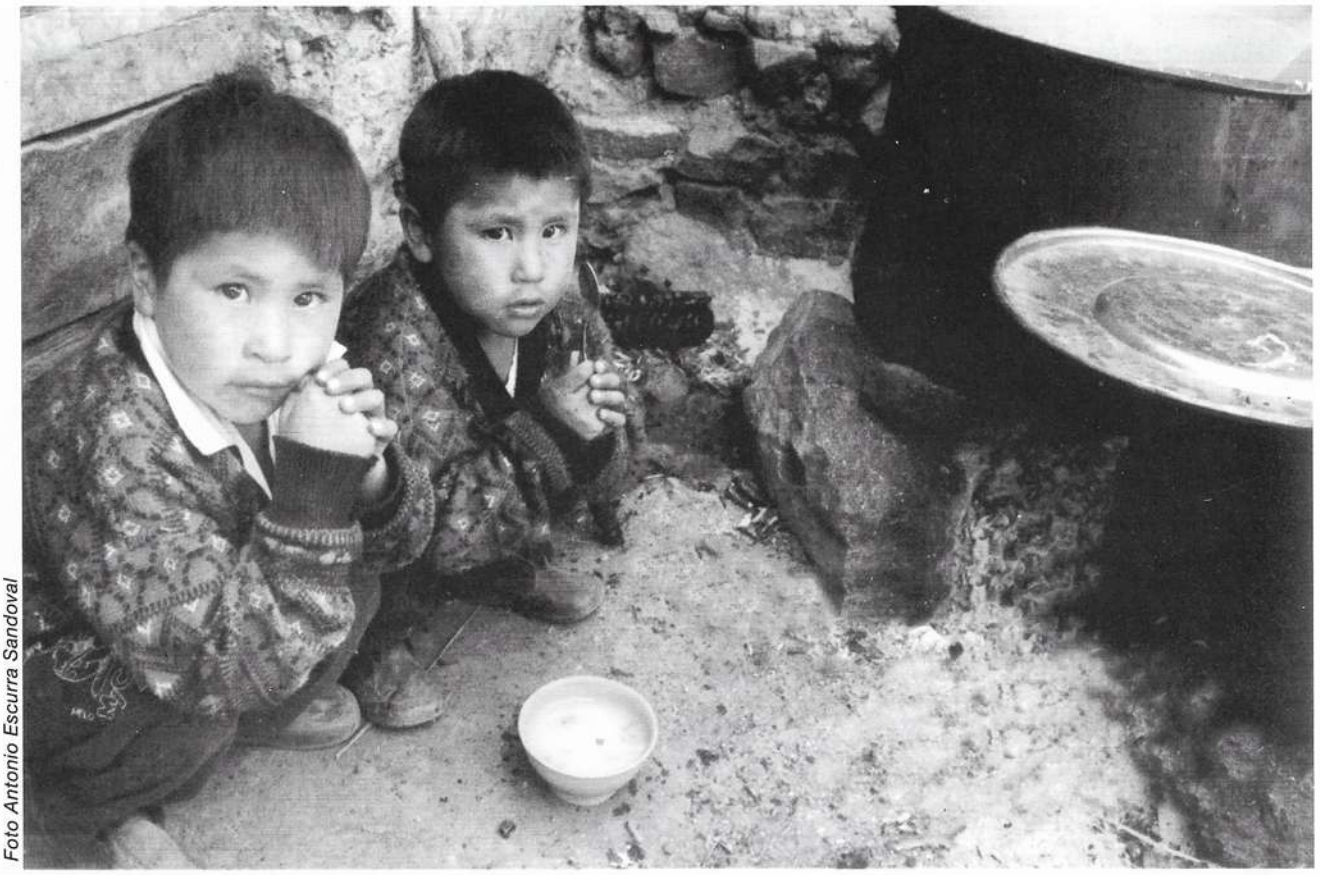


Foto Antonio Escurra Sandoval

El agente comunitario líder y organizador es alguien que aprende y mejora su tarea también desde el informe periódico sobre salud a su organización y a su comunidad.

giosos, sociedad civil y Estado - para el cuidado, la promoción y la defensa de la vida y la valoración de la persona.

"Teníamos mucho por hacer, así que nos organizamos. Dejamos la tristeza y nos pusimos a trabajar invitando a las vecinas... para formar grupos de sector... Hoy setenta y cuatro mujeres nos reunimos en nueve grupos cada semana. Las nueve Promotoras de Salud podemos seguir ayudándolas y orientándolas. Las promotoras nos reunimos con nuestra asesora, vamos buscando nuevos caminos. Con la asesora y con las mujeres de los grupos del sector".

Se identifican con los problemas más sentidos del país y de su comunidad. Conocedor de las necesidades, problemas y potencialidades de su comunidad y de las causas estructurales que generan las enfermedades, se comprometen con el desarrollo integral de la comunidad.

Siempre en una dinámica de respeto e integrando los niveles de organización de la comunidad.

Promotores de la participación social del pueblo para mejorar la calidad de vida que promoverán la formación de comites, de mesas de salud, buscando la integración de los distintos grupos, autoridades de la comunidad.

El agente comunitario líder y organizador es alguien que aprende y mejora su tarea también desde el informe periódico sobre salud a su organización y a su comunidad.

Es una persona capacitada para realizar actividades fundamentalmente preventivo-promocionales de salud, dirigidas sobre todo a la población de más alto riesgo. Un educador y orientador que utilizando un lenguaje claro y sencillo, respetando las ideas y tradiciones de su comunidad, le abre horizontes de desarrollo humano pleno. ●

RED SOLIDARIA
Hacia una nueva cultura solidaria

La Red Solidaria nació en 1995, creada por cinco amigos que, preocupados por tantas cosas que no estaban bien, deciden trabajar para mejorar la calidad de vida de los necesitados. La idea original era establecer un nexo entre las personas necesitadas y las instituciones o particulares que pudieran ayudarlos.

Invirtieron en una línea telefónica y en una computadora, y desde el bar de las canchas de futbol donde varios de ellos jugaban todas las semanas, comenzó a funcionar lo que en un principio se llamó Red Informática Solidaria. Pero pronto notaron que las computadoras no estaban al alcance de los necesitados y decidieron utilizar la transferencia de llamada, para organizar un sistema de recepción permanente.

Hoy la Red cuenta con 55 voluntarios fijos que atienden las líneas desde sus casas en turnos de tres horas, clasifican los pedidos y se ocupan de resolver casos. Más de 150 organizaciones colaboran con la Red y cerca de 200 voluntarios más se hacen presentes en momentos críticos, como en el caso de las inundaciones ocurridas en el Litoral en 1998.

El mayor reconocimiento es la satisfacción de poder ayudar, aunque la Red no promete milagros. Sólo se compromete a hacer lo humanamente posible. La credibilidad se basa en esta actitud y en no aceptar donaciones: sólo se conecta quien da con quien lo necesita.

Se recibe un promedio de 90 llamadas diarias, aunque esa cifra se triplica en emergencias. Al comienzo, la mayoría eran pedidos, pero en la actualidad, el 60% de la gente se comunica para ofrecer tiempo, ropa, medicamentos, un órgano...

El objetivo de la Red parece estar más cerca: una nueva cultura solidaria comienza a vislumbrase en nuestra sociedad y nos enorgullece ser parte de esta maravillosa transformación.

En cinco años asistimos:

a 350 pacientes con HIV,

a 80 comedores y hogares con alimentos,

a 16.000 pacientes oncológicos,

a 120 escuelas rurales,

a 35 personas pacientes de trasplantes,

a 28 instituciones de discapacitados,

a 1072 niños desnutridos,

a 39 chicos desaparecidos,

a 220.000 personas afectadas por las inundaciones con ropa para seis meses y comida para 10 días,

a 2000 refugiados kosovares durante 160 días con comida y alimentos,

a comunidades indígenas de argentina en educación y asistencia directa.

Este año se ha dictado también la Cátedra de la Solidaridad, donde hasta el momento han asistido 120 profesionales de 37 carreras distintas, con el sólo objetivo de conocer la realidad social Argentina y por lo menos una manera de abordar cada una de las 24 problemáticas que se intenta dar.

También, y en lo que respecta al ámbito educativo, se ha diseñado una Red Docente de Cultura Solidaria, cuyo fin es poner la Red Solidaria al servicio de las comunidades educativas, teniendo en cuenta que el docente hoy en día recibe no sólo exigencias pedagógicas, sino que también intenta dar respuesta a la necesidad de un medicamento del padre de un alumno o la necesidad de un dador de sangre. A partir de la comunidad educativa, buscamos movilizar a toda la comunidad, como una manera de instalar la "cultura solidaria".

Por último, la Escuela de Valores propone seguir a jóvenes estudiantes secundarios en los próximos 15 años, con la propuesta de que, además de ser exitosos profesionales, también pueden tener éxito en transformar positivamente la vida de alguien.

Elena Picasso, Abogada
Argentina

Programa de Voluntariado de Intered:

desafios del voluntariado internacional

Maria del Carmen Aragonés
España



O voluntariado parte de um direito fundamental para a vida social: a possibilidade de colaborar para a execução de objetivos coletivos, por meio da colaboração gratuita e da participação. São basicamente quatro tipos de voluntariado: o subsidiário das administrações públicas, o individualista, o "deseologizado" e o integrador.
Um dos programas da ONG InterRed é voltado principalmente para jovens que queiram desenvolver trabalho voluntário em zonas de exclusão social da Europa. A InterRed entende o voluntariado como construtor de identidade (por meio do contato dos voluntários com as desigualdades sociais) e promotor de compromisso (pessoal e associativo).
O voluntariado internacional apresenta como desafios tornar-se uma experiência de encontro (trabalhar "com os outros", e não "no lugar de outros") e uma oportunidade de troca (promover uma transformação pessoal).

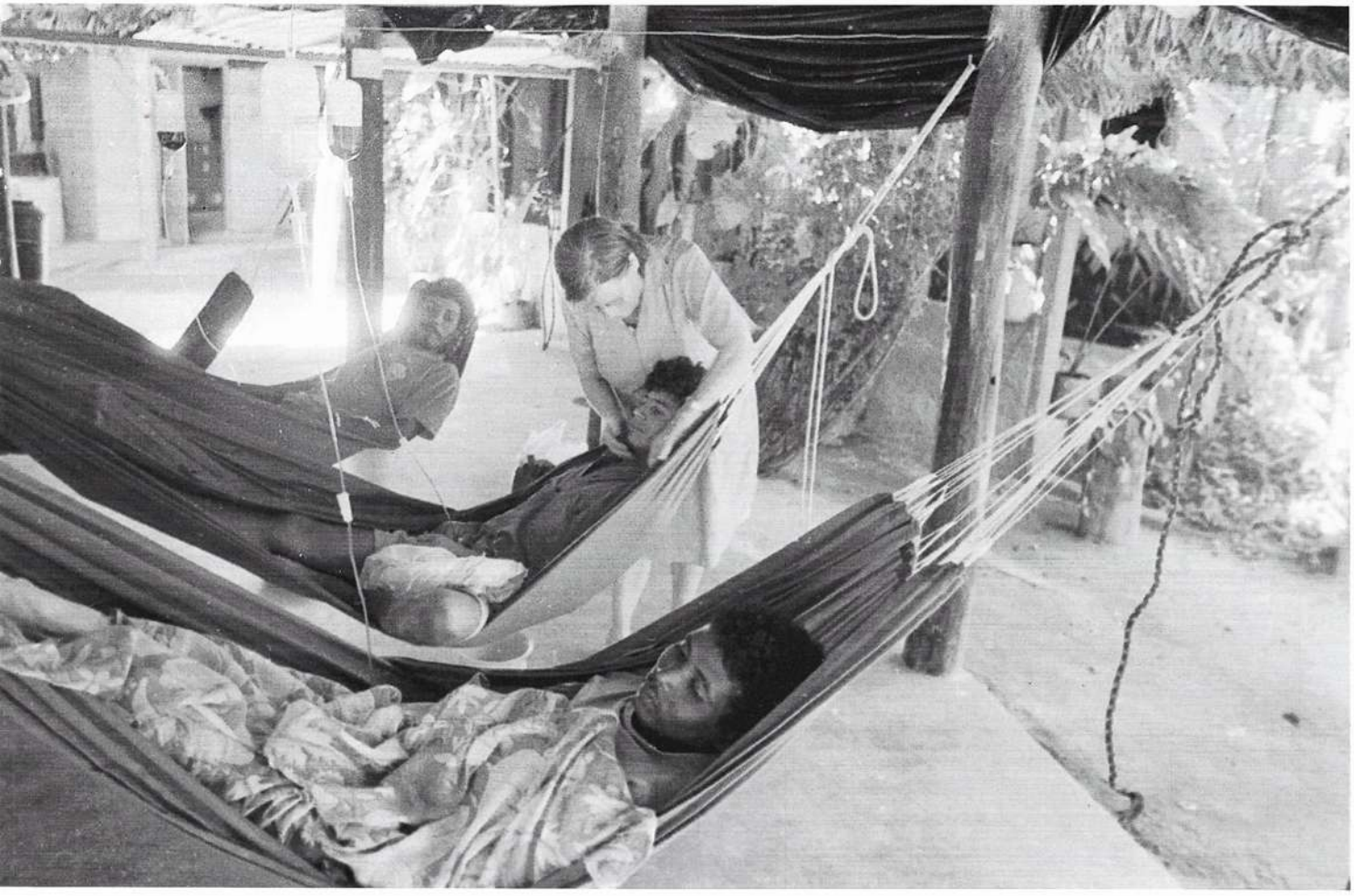


Foto João Ripper

CONTEXTO Y CONCEPCIÓN DEL VOLUNTARIADO

El voluntariado parte de un hecho fundamental en la vida social: la posibilidad que las personas tienen de colaborar en la consecución de objetivos colectivos[1]. Cataliza una doble aspiración de la persona humana:

- la colaboración gratuita.
- la participación

Es en el modo de entender esa colaboración gratuita y los fines de esa participación que se dan las divergencias en el ámbito del voluntariado. Así, podemos encontrarnos con un *voluntariado subsidiario de las Administraciones Públicas*: realiza aquellas tareas a las que el Estado no puede llegar y mientras éste no llega; *un voluntariado individualista*, en una sociedad dominada por el Mercado y la libre concurrencia de los individuos, que trata de paliar asistencialmente a aquellos que han quedado fuera de la competencia; un *voluntariado desideologizado*, que no se pregunta por las causas y sólo percibe situaciones concretas y cercanas[2]. Todas estas respuestas son parciales, de ahí que creamos y trabajemos por un *voluntariado integrador* que ni quiere exonerar al Estado de sus obligaciones, ni suplir su papel, que plantea y denuncia las causas de la desigualdad e injusticia y propone soluciones, en el contexto de mundialización y sociedad dual y de crisis del Estado de bienestar en que vivimos.

PROGRAMA DE VOLUNTARIADO DE INTERED: EJES VERTEBRADORES

InteRed, como ONG de Desarrollo, desde su trabajo por promover los valores de la justicia y la solidaridad conjuntamente con las personas y equipos de otros países y culturas y de sectores de exclusión social en nuestro contexto, desde el inicio quiso dar respuesta a la demanda, especialmente de jóvenes, que querían realizar una experiencia de voluntariado en proyectos de desarrollo o en zonas de exclusión social en Europa. Así, pues, puso en marcha su *Programa de Voluntariado*.

Dos ejes nos parecen especialmente vertebradores de nuestro

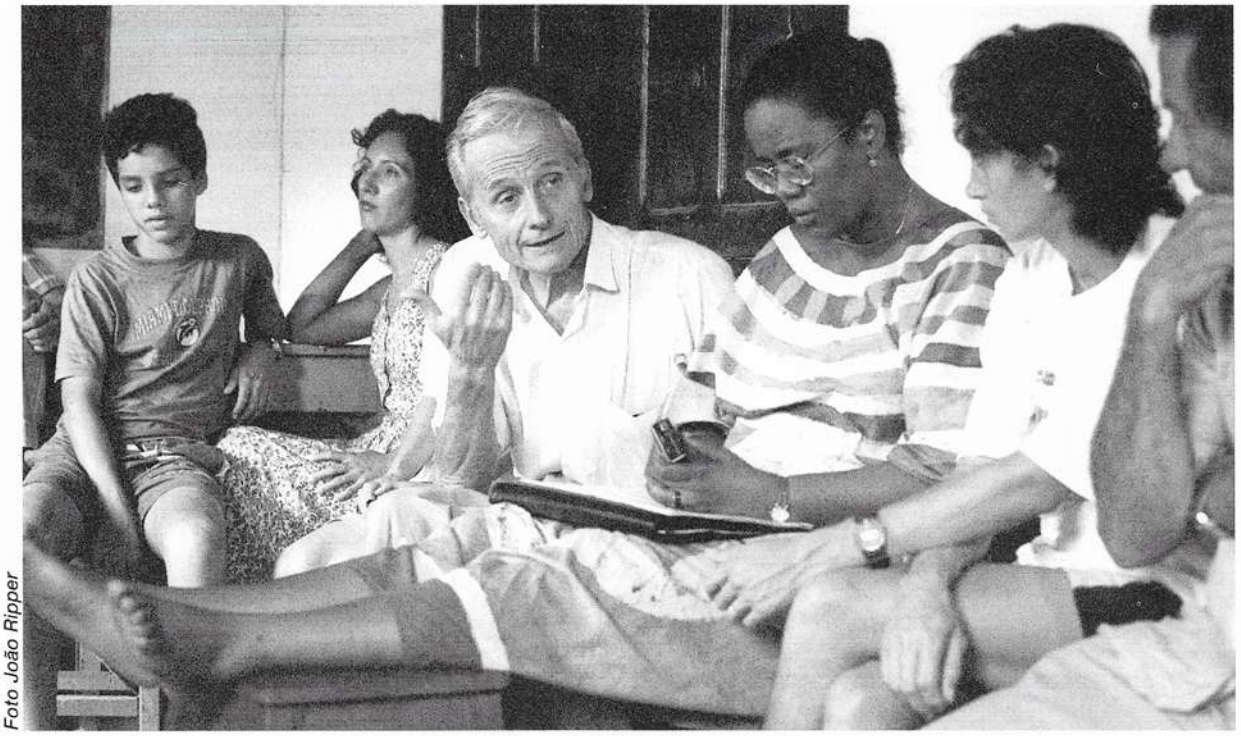


Foto João Ripper

modo de entender el voluntariado:

1º Voluntariado como constructor de identidad

Se ha constatado en los últimos años que los/las jóvenes que se acercan a realizar una experiencia de voluntariado no se mueven tanto por los grandes ideales de la justicia, la solidaridad, sino por un interés de crecimiento personal. De ahí que la tarea sea, a partir de una toma de conciencia crítica de las grandes desigualdades de nuestro mundo y de sus causas, el aproximar el mundo personal con el mundo social, para llegar a la construcción de una nueva identidad.

Nuestra identidad es fruto en gran medida de la propia percepción y de las experiencias personales vividas. De ahí la importancia del contacto directo con las personas víctimas de la exclusión social, empobrecidas por el sistema de mercado y las relaciones internacionales. Se trata de movilizar a toda la persona: cabeza, corazón y manos en el compromiso de la solidaridad. Y eso no se improvisa.

2º Voluntariado como promotor de compromiso

La experiencia de participación en proyectos es vivida por muchos voluntarios/as como una experiencia de transformación que les hace mirar el mundo con otros ojos y despierta el interés por conocer y transmitir las situaciones de injusticia, las causas que las generan y las estructuras que las sostienen. Y se traduce en:

- un compromiso más personal, concretado en una conciencia de interdependencia global e interrelación entre los pueblos, una vida más austera, un consumo más responsable.
- un compromiso asociativo: puede ser con la propia ONG de envío o con otras ONGs, grupos o movimientos sociales (resultados de un cuestionario de post-voluntariado en una investigación con Volpa).

DESAFÍOS DEL VOLUNTARIADO INTERNACIONAL

El voluntariado Norte-Sur se sitúa en la intersección de dos ámbitos: la cooperación internacional y el voluntariado. Y plantea esencialmente dos desafíos:

1. Una *experiencia de encuentro.*

Cooperar es "trabajar con otros", no "en lugar de otros". Es un intercambio entre iguales, en el que se parte de que es posible un enriquecimiento mutuo, una valoración de las diferentes culturas y pueblos.

Desde la concepción de un desarrollo humano endógeno, que reconoce el protagonismo de los hombres y mujeres de los pueblos empobrecidos, el voluntario/a se acerca para aportar sus experiencias y aprender los unos de los otros. Por eso es importante garantizar que los voluntarios, que son la cara huma-

na de la cooperación, lo sean desde la humildad cultural y la voluntad de acompañar.

El voluntariado como forma de cooperación es, por tanto, la máxima expresión personal y colectiva (de individuos y pueblos) de ese encuentro que persigue, junto a un crecimiento mutuo, la erradicación de la pobreza.

2. Una oportunidad para el cambio

La experiencia del voluntariado internacional, transforma en rostros y nombres, lo que, a veces, sólo son cifras, datos, noticias. Los "pueblos" dejan de ser "abstractos" para convertirse en realidades cercanas. Es una oportunidad para que muchos "estereotipos" y "prejuicios" se vengan abajo, para difundir la Vida que hay en el Sur.

En un mundo globalizado como el que vivimos, los voluntarios/as se convierten en puente de dos realidades.

En un mundo globalizado como el que vivimos, los voluntarios/as se convierten en puente de dos realidades.

Es la oportunidad para una transformación personal que tenga su impacto en el entorno, en una transformación del Norte hacia valores más solidarios, testimonio de un modo alternativo de vivir y construir nuestro mundo.

Esa es la esperanza desde la que realizamos la tarea de educar a los/as voluntarios/as, de acogerlos/as en los proyectos, de acompañarlos/as. •

Maria del Carmen Aragonés
Secretaria Ejecutiva de InteRed
voluntariado@intered.org
www.intered.org

1 A. Madrid, La Institución del Voluntariado, 2000.

2 Ver: G. Roca, En tránsito hacia los últimos. Crítica política del voluntariado,2001; P. Fuentes, El voluntariado como agente de la nueva solidaridad, 1996.

"Yo dormía y soñaba que la vida era alegría. Desperté y vi que la vida era servicio, serví y vi que el servicio era alegría".

Cuando descubrimos la capacidad que tenemos de transformar positivamente la vida de alguien, sin un esfuerzo desmesurado, sin rasgarnos las vestiduras y simplemente intentando dar lo mejor de nosotros, de nuestro tiempo, creo que descubrimos las infinitas posibilidades que tenemos como personas miembros de una comunidad.

Esa pequeña transformación hace posible que cada uno de nosotros, con nuestro estúdio, trabajo y familia, pueda además tener y dedicar medio segundo de nuestra vida a pensar en nuestro prójimo necesitado. Y lo que es mejor, saber que ese tiempo, efectivamente transforma o al menos acompaña a alguien necesitado.

El desafío, en realidad, es generar un proceso de integración, entre aquel que necesita y aquel que puede dar. Muchas personas están allí afuera queriendo darle una mano a alguien, sin embargo, la marginación trae como consecuencia que yo no pueda llegar a aquel que me necesita o que ni siquiera pueda saber donde está. Este proceso, en realidad se hace todos los días, cada vez que alguien llama para solicitar ayuda, y que ni siquiera está limitado a ser un marginado económico, porque también aquel que necesita un transplante puede contar con todo el dinero del mundo, pero sin embargo, necesita de alguien que le done un órgano.

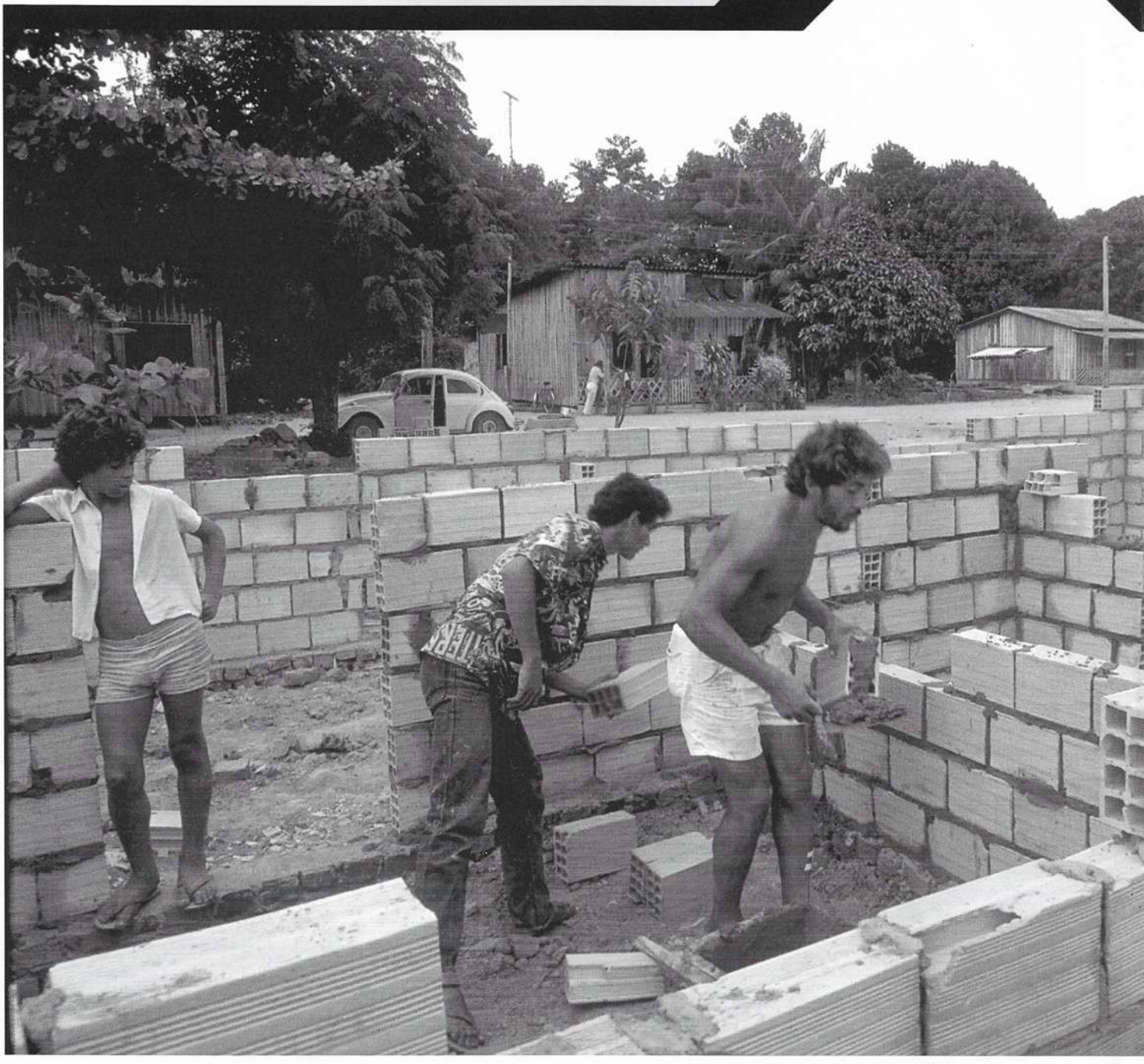
La Red Solidaria es un voluntariado que intenta conectar al que necesita con el que puede dar. Un mecanismo simple y primitivo, donde dos personas puedan ponerse en contacto: aquel que dona una silla de ruedas, con aquel que la necesita; el comedor comunitario que se quedo sin comida, y aquellas personas que quieren acercar alimentos. Alguien que tiene un medicamento para el cáncer y permite que otra persona continúe su tratamiento.

Hemos descubierto que la comunidad tiene una capacidad de respuesta que, en general, nos tapa de solidaridad. Había que descubrir un mecanismo para que quienes efectivamente pudieran encontrarse fueran los dos actores de esta obra. El primer actor: el que necesita, y el segundo actor: aquel que intenta dar una respuesta; sin ningún intermediario.

Eventualmente, soñamos con ver una nueva cultura solidaria, donde se consolide en nuestra vida cotidiana, intentar esta transformación, por más pequeña que sea, y teniendo en cuenta todas nuestras limitaciones. En realidad, todo es posible con la calidad humana y compromiso que cada uno de nosotros tiene para dar.

M. Belen Quellet, voluntaria
Red Solidaria - www.redsolidaria.org.ar

EM DEBATE



VOLUNTARIADO: entre tensões e desafios

Roger Souza de Almeida,
voluntário - *Brasil*



Foto João Ripper

Si las lógicas del mercado y del voluntariado se contraponen (una produce exclusión y la otra la lucha para superarla), ¿por qué entonces hoy, con la perspectiva de las políticas neoliberales, el tema del voluntariado adquiere tanta importancia? Tal vez el voluntariado amenice los efectos perversos del neoliberalismo, se presente como sustituto del Estado o sustituya el trabajo remunerado por mano de obra barata, entre otras hipótesis. El autor apuesta al voluntariado que supone un intercambio de saberes y de lecturas del mundo y de la vida. El voluntariado debe luchar por la igualdad, reconocer las diferencias y romper con el autoritarismo en las relaciones sociales. No es fácil ser un voluntario en profundidad, sin limitarse a ser un mero ejecutor de tareas o caer en el asistencialismo. El desafío es concebir el voluntariado como una acción cultural orientada hacia la construcción de una sociedad diferente.

Sou voluntário há aproximadamente dez anos. O voluntariado hoje é parte da minha vida. Como eu, muitas pessoas, jovens ou adultas, dedicam um tempo significativo de suas atividades habituais ao voluntariado. Incluo-me entre aqueles chamados de profissionais voluntários. Sou um profissional de classe média que tem um trabalho remunerado. É a partir da minha experiência profissional – saberes, práticas e valores adquiridos através de uma formação específica e de uma prática – que vivo a cultura do voluntariado. Constituímos um grupo numeroso de pessoas que aqui e em distintas partes do mundo incorporamos o voluntariado em nossas vidas.

Chama-me muito a atenção este recente "boom" sobre o tema. O voluntariado não é uma atividade nova. Tem uma longa trajetória. Perguntem a diferentes grupos, particularmente às comunidades populares, o que significa ação voluntária para eles. Talvez nem saibam identificar muito bem o que queremos dizer, de tal maneira sua prática está incorporada e naturalizada na rede vital de suas relações cotidianas. O voluntariado é, simplesmente, uma dimensão da vida humana. Se é assim, por que tanta discussão? Que sentido tem um Ano Internacional do Voluntariado? É desde um sentimento de desconforto e perplexidade que quero situar estas breves reflexões sobre o tema.

VOLUNTARIADO: NO CENTRO DA VIDA HUMANA

Em primeiro lugar, o voluntariado nos coloca diante de uma questão radical. Qual é o centro da vida social? Este pólo que articula coletivamente desejos, sonhos e sentidos? Numa sociedade cada vez mais estruturada ao redor do mercado e do consumo, tudo se transforma em descartável. Mesmo o ser humano. Eliminemos tudo e todos que enfeiam a cidade, que poluem o "admirável mundo novo" da globalização e da sociedade virtual. Criemos guetos. Levantemos muros, externos mas também internos. Nas mentalidades e nos corações. Não deixemos que o "outro", o diferente, especialmente os sem teto, sem terra, sem trabalho, simplesmente "os sem..." penetrem nosso mundo. Afinal, o importante é o crescimento econômico do pais, a produtividade, sermos consumidores. Consumo e cidadania se exigem mutuamente.

Numa sociedade cada vez mais estruturada ao redor do mercado e do consumo, tudo se transforma em descartável. Mesmo o ser humano.

A cultura do voluntariado coloca em questão esta lógica no mais radical. O mercado não é o centro e sim a qualidade de vida das pessoas, de todas e cada um dos seres humanos. Afirmação incômoda que nos desinstala, faz que muitas coisas sejam relativizadas. O trabalho produtivo e assalariado não é colocado como um absoluto, como a única maneira de se construir a realidade e, principalmente, deve ser socializado. Afinal, o trabalho digno não é um direito de todos/as? Afirmação difícil numa época de crescente desemprego. A atenção às desigualdades exige mais do que sensibilidade. Provoca nossa capacidade de criação e compromisso. Os pés se põem a caminhar...

No entanto, se são lógicas contrapostas- a do mercado e a do voluntariado-, uma produz exclusão e a outra luta por superá-la, porque hoje, na perspectiva das políticas neoliberais, o tema do voluntariado adquire tanta importância?

É possível levantar várias hipó-



teses. Talvez o voluntariado seja visto por alguns como um "colchão", de alguma forma "amacia" os efeitos perversos de políticas reforçadoras das desigualdades, da pobreza e da miséria. Ou, para outros, como um substituto do papel do Estado, agora "mínimo" e sem responsabilidade no plano social. Corresponde à sociedade civil este papel. Ainda, para um terceiro grupo, como estratégia de redução de custos. Substitui-se o trabalho remunerado por uma "mão de obra barata", quase de custo zero... Também há um grupo que o considera uma escola de "líderes", de descoberta de talentos, principalmente entre os jovens, que com sua capacidade de generosidade e compromisso, podem ser seduzidos para ser indivíduos empreendedores e competitivos, na lógica do mercado.

Acredito que haja um pouco de tudo isto. Talvez a tentativa seja de cooptação do papel do voluntário numa perspectiva simplesmente de "boas ações", sem que o modelo de sociedade seja posto em questão. Saberemos resistir? As estratégias de sedução são potentes. Passam pela "certificado de qualidade", pelo prestígio, pelas possibilidades de emprego. Seremos suficientemente lúcidos para não cair nas armadilhas das campanhas "seja um ami-

O mercado não é o centro e sim a qualidade de vida das pessoas, de todas e cada um dos seres humanos.



Foto João Ripper

go da...”? Certamente um âmbito de verificação importante é perguntar-nos continuamente pelo centro estruturante das relações sociais, produtivas, dos projetos em que estamos engajados, pelos interesses em jogo, explicitamente ou implicitamente.... O voluntariado não deve ter um papel substitutivo do emprego formal. Pelo contrário, luta para que todos/as tenham acesso a ele. Quer promovê-lo. Se em alguns momentos assume um papel de suplência, somente o deveria fazer com caráter provisório. No entanto, o voluntariado nos coloca diante de uma concepção em que o trabalho enquanto atividade criativa e humana, não pode ser reduzido ao emprego. Tem um horizonte mais amplo. Faz com que cada um/a se situe diante da dimensão gratuita da vida. Não importa se somos pobres, de classe média ou ricos. A interpelação é cada um/a. Aliás aqui, em matéria de gratuidade, os mestres são os pobres.

VOLUNTARIADO E DEMOCRACIA

Outro elemento que nos parece fundamental ter presente é a concepção de democracia presente nas ações e projetos que incorporam o voluntariado. Como estas estão estruturadas? Que níveis de participação potenciam? São situações que terminam por reforçar uma “democracia de baixa intensidade” como a que vivemos atualmente no pais?

Na perspectiva da “democracia de baixa intensidade” o voluntário tem um papel meramente funcional. “Mão de obra barata” que executa algumas tarefas previamente definidas. O voluntário limita-se, em tempos bem determinados, a cumprir determinadas tarefas, realizar alguns trabalhos, sem uma visão de conjunto da intencionalidade global da intervenção. Papel fragmentado, funcional, muitas vezes de mero tarefeiro.

Outra visão é a do voluntário como ator social, co-responsável pelas projetos e ações, na visão de uma democracia participativa, onde todos são protagonistas e têm uma visão de globalidade do que se pretende construir. Não somente na dinâmica interna das organizações mas da sociedade, horizonte e locus de suas ações. Que processos democráticos o voluntariado favorece? Aponta para a democratização de todas as relações sociais? Limita-se a executar o que outros planejam e pensam? A uma perspectiva assistencial? De promoção individual? Favorece processos de organização, construção coletiva, e transformação das relações sociais na linha da luta pela igualdade, justiça e solidariedade?

É comum que estas diferentes abordagens, mentalidades e perspectivas estejam presentes e convivam em situações concretas. Como são manejadas, que espaços são propiciados de contraste e clarificação de sentido são elementos básicos para perguntar-nos pelo compromisso do voluntariado com a construção democrática. Para nós, o voluntariado somente tem sentido se a serviço de uma democracia participativa que nasce de “baixo”, que promove redes de cidadania a partir do cotidiano, que afirma movimentos e grupos sociais que se empenham na construção de processos de democratização com rosto humano, masculino e feminino.

VOLUNTARIADO E DIÁLOGO INTERCULTURAL

Ser voluntário supõe reconhecer o “outro”. Não como carente, excluído ou marginalizado em primeiro lugar. Simplesmente como “outro”. Outra pessoa. Outro lugar social. Outra experiência de vida. Uma cul-

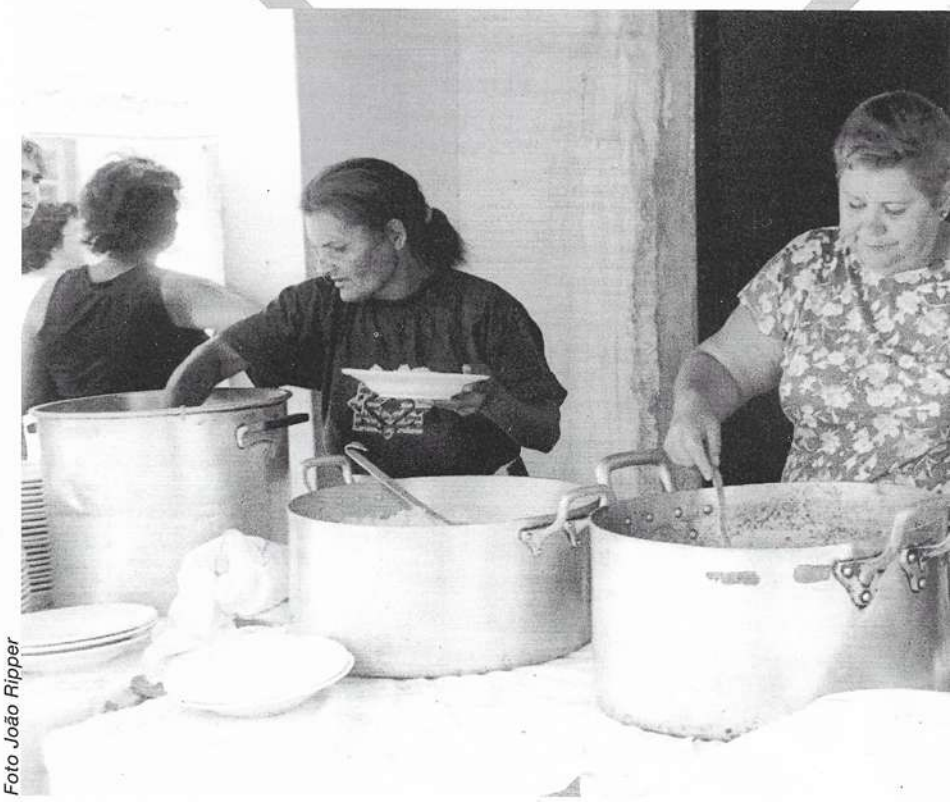


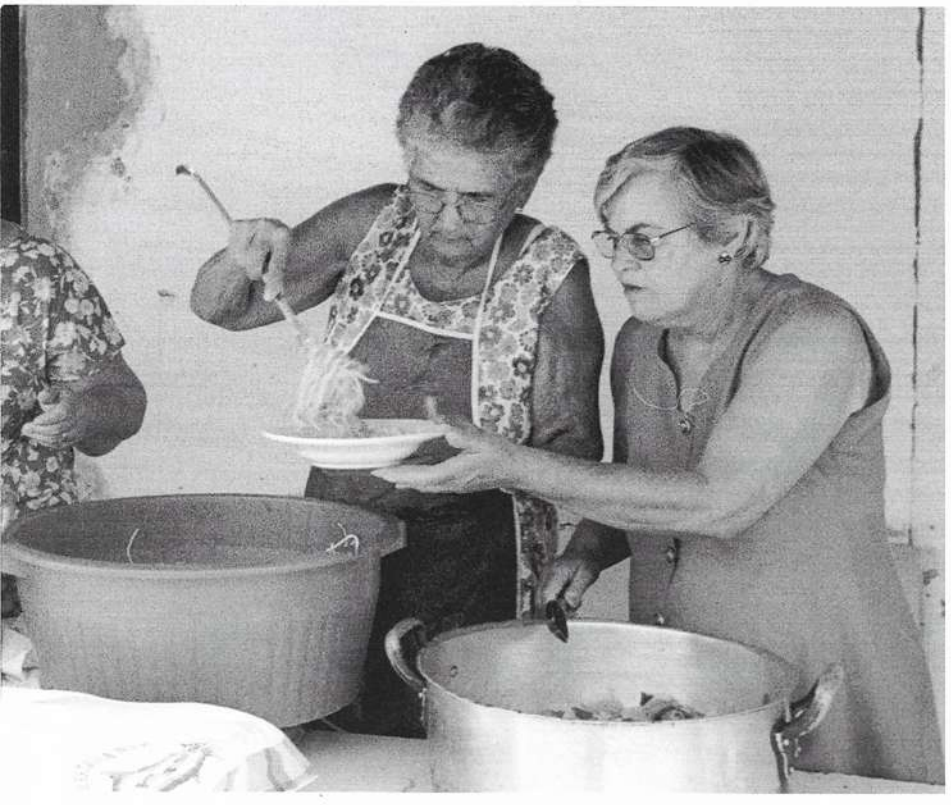
Foto João Ripper

tura diversa da nossa. Diferentes sonhos, desafios e possibilidades. Quando nos colocamos como detentores de um saber, um saber fazer, a "verdadeira cultura", não somos capazes de estabelecer um diálogo com o "outro". Pelo contrário, se congela a relação, se engessa o diálogo e se reforça a estrutura e a cultura fortemente autoritárias em que vivemos. Colocamo-nos como superiores, explícita ou implicitamente. Não questionamos o nosso "natural" etnocentrismo. Desaparece a troca de saberes. Todos/as nos empobrecemos. Outro dia ouvi a seguinte afirmação a respeito de determinada pessoa: "só podia ser voluntário. Acha que sabe tudo e por isso pode 'dar' algo aos outros. Tem 'o rei na barriga' ".

Aposto no voluntariado que supõe a troca de saberes, leituras do mundo e da vida. Que desinstala das próprias certezas. Que aprende com o outro. Que valoriza a diferença. Que acredita que hoje a luta pela igualdade passa pelo reconhecimento das diferenças. De gênero e etnia. Gerações e espaços sócio-culturais. Que é consciente que nas relações entre diversos, social e culturalmente, permeiam questões de poder. Que é capaz de se comprometer com o empoderamento dos grupos que na nossa sociedade não são reconhecidos como atores sociais. Romper com o autoritarismo nas relações sociais ou, pelo menos, debilitá-lo, é uma exigência básica. Construir dinâmicas dialógicas entre os diferentes, tendo presentes as tensões e os preconceitos que todos/as temos introjetados, é uma consequência fundamental.

Não é fácil ser voluntário em profundidade, sem limitar-se a ser tarefeiro. Não deixar-se cooptar pela visão de um voluntariado de "baixa intensidade", a serviço do modelo hegemônico. Da afirmação de uma solidariedade que se esgota no interpessoal, na boa ação, no dar, na piedade e no assistencialismo.

o voluntariado somente tem sentido se a serviço de uma democracia participativa que nasce de "baixo", que promove redes de cidadania a partir do cotidiano.



O desafio é conceber o voluntariado como ação cultural orientada à construção de uma sociedade diferente. Assumir suas dimensões de denúncia e proposta. Entender a solidariedade como rede de relações sociais no nível micro e macro, como proposta de uma realidade construída a partir das pessoas, particularmente dos mais massacrados pelas políticas atuais, de seus sonhos mais profundos de plenitude de vida. Depois destas reflexões recomeço hoje com novo ânimo a ser voluntário. Minha opção se fez mais consciente. Aposto nesta perspectiva de um voluntariado que acredita que não estamos no "fim da história"... , que ela continua, que somos construtores da história, da nossa história, e que ela pode ser diferente. •

Voluntariado en



A explosão do voluntariado é acompanhada por um aumento do desemprego e dos planos de aposentadoria incentivada, responsáveis por um contingente de pessoas que encontram no trabalho voluntário um novo sentido para a vida. Paralelamente, os jovens buscam no trabalho social uma oportunidade de melhorar o currículo e obter um bom emprego. As empresas preferem profissionais com experiência em trabalho voluntário (eles são considerados mais eficientes por motivos diversificados) e consideram as atividades voluntárias como de importância estratégica para o alcance de suas metas. Vários programas de voluntariado são lançados pelos países latino-americanos, substituindo disfarçadamente o trabalho remunerado por voluntário e transferindo responsabilidades do Estado para a sociedade. Torna-se indispensável regulamentar e elaborar leis sobre o voluntariado.

Flor Santana - Socióloga
Costa Rica

La Organización de las Naciones Unidas decretó el año en curso - 2001- como el Año Internacional del Voluntariado. No podemos dejar de reconocer que el fenómeno del voluntariado en estos últimos años viene creciendo y desarrollándose de una forma impresionante, de cierta forma podemos decir que vivimos el "boom" del voluntariado. Quizás un fenómeno más de la era de la globalización. Algunos autores afirman que podrá ser el movimiento social más importante del siglo XXI, otros lo consideran ya como el cuarto sector[1]. Moviliza millones de personas en todos los continentes. Muchas energías y utopías se movilizan y canalizan a través de programas de voluntariados locales e internacionales. Es tema de estudios, investigaciones, programas de acción y hasta de conferencias internacionales. El año pasado en la Cúpula Mundial para el Desarrollo Social, en Ginebra, los

Debate



Foto João Ripper

gobiernos se comprometieron a estimular el trabajo voluntario como mecanismo de integración social.

Si por un lado todo esto es verdad, también es cierto que el aumento del desempleo y de los planes de jubilaciones y retiros anticipados - incentivados por las empresas en la búsqueda de resituarse en la reestructuración productiva - colocan en la arena social un contingente de personas que se ven obligadas a buscar un nuevo sentido para la vida y un lugar donde sentirse útil. Y el voluntariado aparece en el horizonte como alternativa y camino para estas búsquedas como una nueva forma de integración social.

Por otra parte los jóvenes profesionales que buscan y compiten por conseguir un lugar de trabajo en el mercado, actualmente también saben que cada vez más una experiencia de trabajo social a través del voluntariado en su currículum es un punto importante para las empresas y bancos a la hora de contratar un profesional. Algunas empresas cuentan ya con la figura de gerente de responsabilidad social dentro de sus planos de carrera y cargos. Las empresas no sólo valorizan este aspecto en el currículum sino que también crean sus propios programas de voluntariado empresarial.

Con todo esto podemos afirmar que el voluntariado se tornó un tema

central tanto desde una visión de la construcción de una cultura de la solidaridad como desde un enfoque neoliberal de más productividad y calidad total, y que como tantas otras expresiones y conceptos de la agenda social y política como democracia, derechos humanos, sociedad civil y muchas más, es necesario en cada momento desvelar el sentido que tiene detrás.

¿Qué será que tiene detrás una empresa que tiene preocupación social o desarrolla una política en esa línea, cuando valoriza las experiencias de voluntariado en sus funcionarios?

Las empresas consideran cada vez más que las actividades voluntarias son de importancia estratégica para el alcance de sus metas de negocios. Una actitud socialmente responsable por parte de las empresas se transforma en una diferencia competitiva que demuestra su eficacia. El fomento de programas voluntarios es una acción estratégica que propicia una serie de beneficios, generando una relación en la que aparentemente todas las partes ganan: la comunidad, los funcionarios y ejecutivos y la propia empresa. Algunas de las razones importantes por las que las empresas seleccionan profesionales con preocupación social y experiencia de trabajo voluntario nos muestran las ambigüedades y sutilezas de los enfoques, a través de características[2] como:

- **Servicio:** con la demanda creciente de mejoras en la calidad del servicio para los clientes, las empresas buscan personas con ese espíritu, partiendo del principio de que quien sirve bien al prójimo por cuestiones sociales, también lo hace profesionalmente de cara al mercado.
- **Visión amplia:** si la persona está sensibilizada para percibir los problemas sociales y sugerir cambios y alternativas y hasta implementarlas dentro de la empresa se desempeñará con las mismas características, mejorando la calidad de su trabajo.
- **Carácter noble:** una persona que realiza un trabajo voluntario en beneficio del prójimo utilizando su tiempo libre, demuestra una nobleza humana que lleva a pensar que será capaz de hacer lo mismo para aumentar la productividad y los beneficios de la empresa. Lo que puede convertirse en una nueva forma sofisticada de explotación.
- **Placer:** en general, quien hace un trabajo social voluntario lo realiza con una alta dosis de placer. Si el profesional está motivado para estos trabajos, su predisposición a ser una persona más comprensiva y feliz aumenta, lo que indirectamente revierte en beneficio para la empresa en forma de más productividad y mejor ambiente de trabajo.

Aunque el trabajo voluntario no es exactamente una novedad y la solidaridad, la compasión y el amor al prójimo son inherentes al género humano, históricamente este tipo de acciones estuvieron más vinculadas al ámbito religioso. Se puede distinguir en los enfoques a lo largo del tiempo entre la asimilación asistencialista y el desarrollo de una cultura de la solidaridad y de la

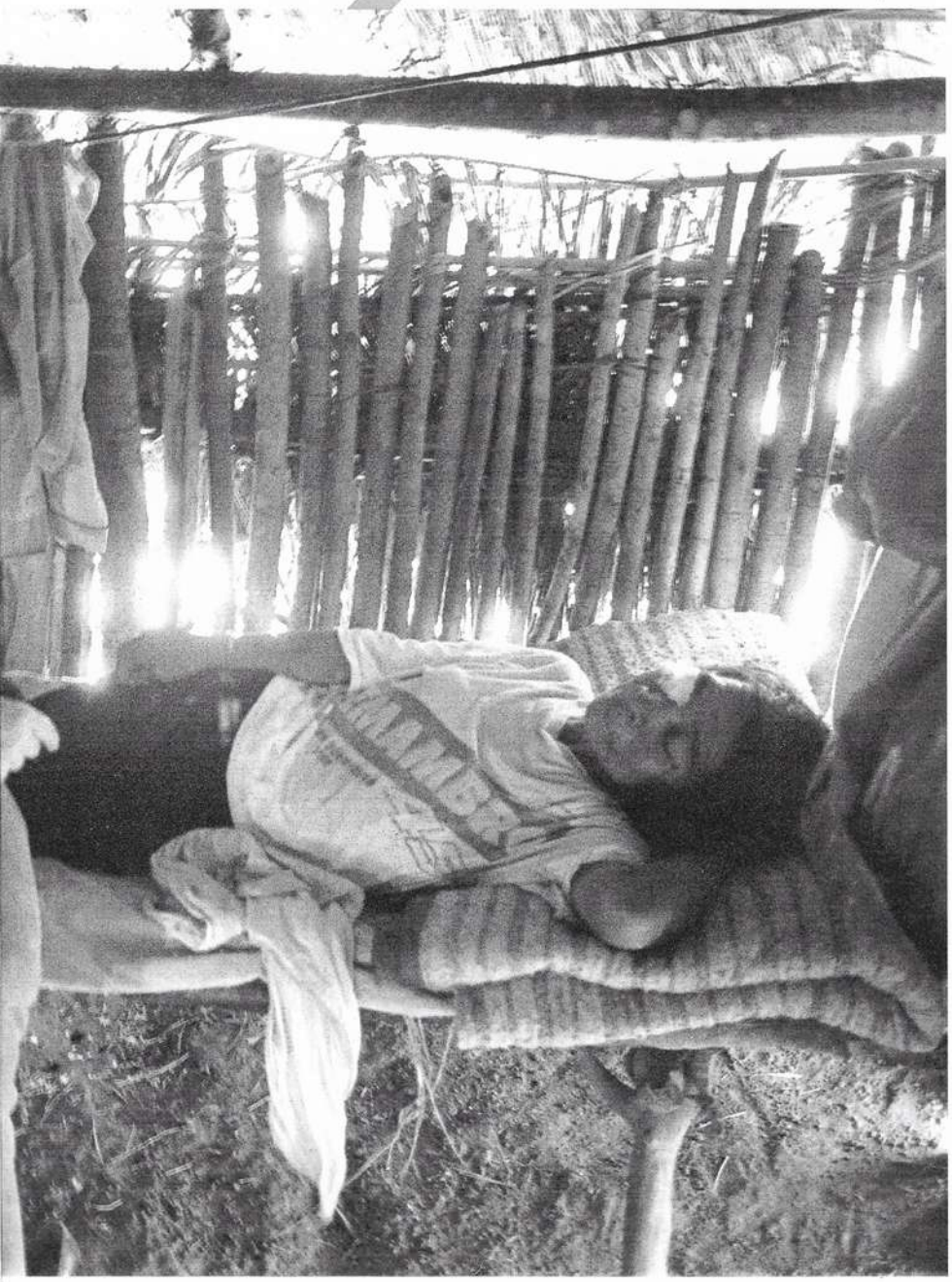
Las empresas consideran cada vez más que las actividades voluntarias son de importancia estratégica para el alcance de sus metas de negocios.



Foto João Ripper

participación. Ayudar y dedicar parte de su tiempo en beneficio de los más necesitados, desfavorecidos y empobrecidos con buena intención, pero haciendo "para ellos" y "por ellos", es muy diferente que hacer solidariamente "junto con ellos" y más que eso todavía es, a través del trabajo voluntario, desarrollar la participación como ejercicio de ciudadanía, como una iniciativa que colabore en la transformación social.

Muchas instituciones hoy trabajan con programas voluntarios e incluyen voluntarios dentro de sus cuadros. Pero frente a una situación económica mundial de disminución de recursos para acciones filantrópicas, el riesgo de utilización del trabajo voluntario en lugar de la contratación de un profesional remunerado es cada vez mayor, por eso es tan importante que los países trabajen también en la elaboración de las leyes sobre voluntariado que reglamenten la colaboración y utilización de esos servicios.



Aunque el trabajo voluntario no debería nunca sustituir las acciones y responsabilidades de las políticas públicas o desobligar a las instituciones gubernamentales, sin embargo vemos en varios países de América Latina programas lanzados por los propios gobiernos neoliberales, que encubiertos por la ideología de valorización del trabajo voluntario, sustituyen el trabajo profesional, eludiendo su responsabilidad social y pública en relación a la garantía de los derechos sociales básicos como son especialmente la educación y la salud. Con estas propuestas se transfiere la responsabilidad del Estado como gestor y articulador del bien común, para la sociedad con la valorización de una participación responsable y solidaria de la ciudadanía en iniciativas de combate a la exclusión y mejora de la calidad de vida.

Enfoques aparte, la ONU proclamó el año 2001 como Año Internacional del Voluntariado, y vale terminar estas páginas homenajeando a tantas personas que en el mundo desde mucho tiempo atrás vienen entregando generosamente su tiempo, formación y energías para causas a favor de una humanidad más justa, inclusiva, solidaria y democrática. •

1 El primer sector está formado por el Estado, el segundo por el mercado y el tercer sector es el conjunto de iniciativas particulares sin fines de lucro con sentido público, compuestas por formas tradicionales de ayuda mutua (actividades asistenciales y beneficientes), movimientos sociales y asociaciones civiles, filantropía empresarial y ONGs.

2 www.investshop.com

"Brincar é

Uma proposta lúdica de capacitação para a gestão de voluntários

Juan José Meré Rouco
Sociólogo - *Uruguay*

El autor creó juegos didácticos para cursos de formación de coordinadores de voluntarios. Esta intervención lúdica incentiva el trabajo cooperativo y el diálogo, rompiendo con los comportamientos individualistas y con las relaciones competitivas, una estrategia consistente y coherente con los objetivos éticos de la propuesta del voluntariado. Uno de los juegos utilizados, Charlas en Ronda[1], lleva a indagar y reflexionar sobre las diferentes instancias en la conducción de los voluntarios. Los resultados de la aplicación de este juego en tres ciudades, durante los años de 1998 y 1999, permiten concluir que la clave del éxito de las acciones y programas es la capacitación y la conducción de los voluntarios.

coisa séria"

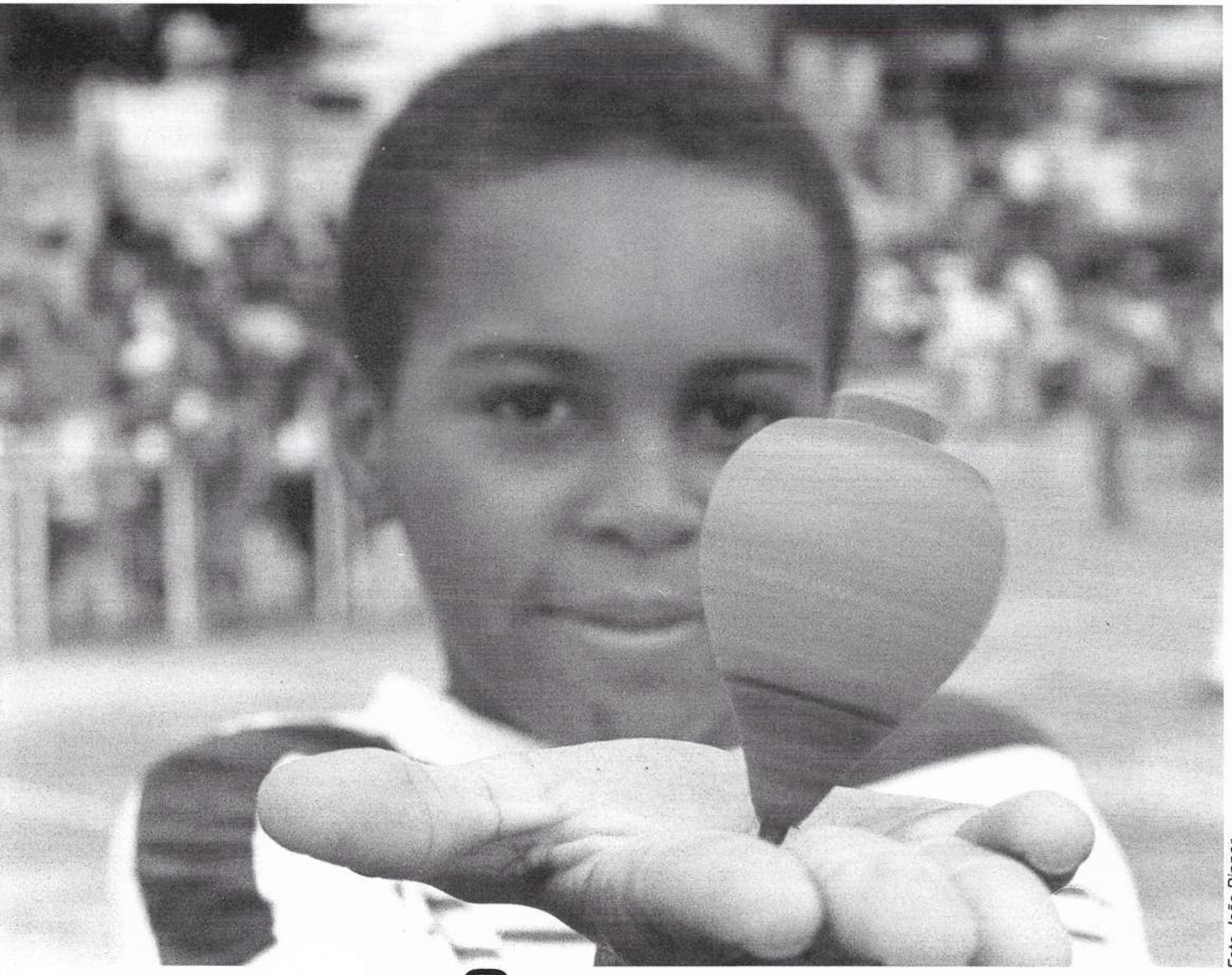


Foto João Ripper

O comentário que dá título a esta contribuição foi retirado da avaliação de um participante dos cursos de capacitação para desenhar e gerenciar programas e ações voluntárias e ilustra, com pertinência e humor, a proposta lúdica que elaborei para o programa "Fortalecendo o Voluntariado no Brasil" do Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária.[2]

Neste dois anos de consultoria, posso dizer que tive o privilégio de participar de um movimento de abrangência nacional de extensão do voluntariado na América Latina, no qual se articulam criativamente a longa tradição brasileira de solidariedade e generosidade com novos empreendimentos inspirados na perspectiva da conquista cotidiana e o exercicio pleno da cidadania.[3] Esta pequena contribuição é sobretudo uma homenagem a todas aquelas pessoas e instituições que conheci percorrendo o Brasil e que me mostraram, como um gesto carinhoso e solidário pode ter a força

irresistível que faz a diferença, sim!

Fundamentalmente, uma das minhas tarefas instigantes consistiu em aproveitar os cursos de formação de coordenadores de voluntários que ministrava como espaço de pesquisa para a identificação e levantamento de insumos derivados da realidade sociocultural dos grupos envolvidos (suas práticas e suas representações), para utilizá-lo no desenho (e posterior aplicação experimental) de jogos didáticos.

O objetivo dos jogos se articula com a própria estratégia de capacitação, uma vez que a promoção da cultura do voluntariado e a operacionalização da ação voluntária favorecem, assim como a interação lúdica, um movimento individual e grupal que facilita a passagem do impulso pessoal generoso à ação coletiva solidária organizada e eficiente.

Uma intervenção educativa na qual a situação lúdica facilita a expressão da pluralidade de vivências e da integralidade do ser humano (emoções, idéias, gestos, práticas, etc.), incentiva o trabalho cooperativo e o diálogo, numa dinâmica de mudança e criatividade para atingir metas comuns que opera uma ruptura com os comportamentos individualistas e relacionamentos competitivos dominantes em nossas sociedades. Uma estratégia consistente e coerente com os objetivos éticos da proposta de voluntariado, entrelaçando conteúdos e metodologia, tradicionalmente concebidos como elementos estanques ou separados.[4]

O primeiro jogo que desenvolvi, Cruzando Mensagens, focaliza particularmente as concepções do voluntariado existentes no Brasil hoje, confrontando-as nas suas diferenças cotidianas assim como levantando as interfaces geradoras de novas perspectivas de expressão da interação solidária.

O segundo jogo, Ciranda de Conversas, tenta problematizar a ação voluntária inserida em contextos institucionais mais abrangentes, propiciando a indagação e reflexão sobre as diferentes instâncias de gerenciamento de voluntários, percebidas como momentos de interação entre os atores envolvidos nessa trama: voluntários, funcionários, coordenadores, instituição, e usuários ou beneficiários dos serviços.

GERENCIAMENTO DE VOLUNTÁRIOS: A OPERACIONALIZAÇÃO DO DESEJO

Gostaria de compartilhar aqui alguns resultados das aplicações do



Foto João Ripper

jogo didático Ciranda de Conversas realizadas em três cidades durante 1998 e 1999. No jogo há comentários, positivos ou negativos, ditos, ouvidos ou pensados sobre o trabalho voluntário nas instituições, a maioria, como já foi dito, recolhidos diretamente dos participantes na primeira etapa da capacitação.[5]

Além disso, considerando que os jogos didáticos devem entrelaçar-se com a trama social e cultural local para lograr a eficácia buscada, o jogo tem um dispositivo de atualização sistemático que permite, em cada instância educativa e com cada grupo específico, recolher as afirmações ou opiniões dos participantes a respeito do trabalho voluntário nas instituições e incluí-los no jogo.

Cada comentário serve como disparador para que os participantes, em pequenos grupos, discutam e se posicionem, segundo sua vivência e trajetória, escolhendo, primeiro individualmente e logo depois coletivamente, se concordam, discordam ou têm dúvidas. A seqüência didática sobre a necessidade e pertinência do processo de planejamento e gestão cotidiano dos voluntários em uma instituição se completa com um plenário de socialização e sistematização das produções grupais.

O quadro ao lado apresenta uma pequena seleção dos comentários mais significativos. É uma amostra interessante das discussões e decisões tomadas pelos diferentes grupos: eles nos falam da trama cultural desses grupos e, ao mesmo tempo, são indicadores das ações concretas desenvolvidas.

Os comentários revelam a diversidade de concepções e representações sociais sobre o papel, o lugar, o valor, os objetivos do voluntário e da ação generosa e que estruturam as reações e comportamentos em relação aos voluntários na nossa sociedade.

Aparecem pelo menos duas modalidades de ação voluntária, presentes na realidade de inúmeras instituições. Nelas encontramos traços da tradição mais assistencial, espontânea, interagindo com uma perspectiva de voluntariado cidadão, participativo, estruturado, no qual tanto voluntários quanto usuários são definidos como protagonistas. As porcentagens das escolhas realizadas ajudam a evitar polarizações esquemáticas, mostrando a complexidade da dinâmica cultural de mudança que conhece a sociedade brasileira hoje.

Os comentários que se referem ao que chamo de operacionalização do desejo voluntário concentram as maiores porcentagens de dúvidas e diferenças de opinião, como mostra o quadro. Isso revela uma trama de interações (e tensões) entre funcionários e voluntários, entre voluntários e usuários, entre voluntários e instituição, que indica que na prá-

COMENTÁRIOS	CONCORDO	DÚVIDA	DISCORDO
O lugar/papel do trabalho voluntário			
"O trabalho voluntário precisa ser competente: de boa vontade o inferno está cheio!"	70%		30%
"O voluntário contribuiu para o crescimento do trabalho de todos na instituição."	50%		50%
"O voluntário não tem compromisso de pontualidade, freqüência, presença..."	30%		70%
"O voluntário quer pegar nosso emprego, nossa vaga!"	30%		70%
A Operacionalização do desejo voluntário			
"A gente não está preparada e nem tem tempo para receber e lidar com voluntários!"	40%	40%	20%
"Ser voluntário é desgastante, você chega na instituição e não sabe o que fazer... as pessoas não sabem te orientar... Fui uma vez e não voltei mais!"	50%	25%	25%
"Muitas vezes a gente quer que as pessoas façam as coisas do jeito que achamos melhor, mas elas só querem ou só sabem fazer do jeito delas... tem que chegar num "meio-termo"!	50%	30%	20%
"O voluntário entra nas áreas que os funcionários não atuam..."	20%	20%	60%
"O voluntário dá trabalho!"	30%	30%	40%



Foto João Ripper

tica cotidiana não há receitas ou roteiros únicos de ação. Frente a essa complexidade, o jogo desvenda as incertezas, os avanços e as iniciativas transformadoras na diversidade existente no Brasil.

Nesse sentido, o comentário "O voluntário dá trabalho" é um fantástico indicador, que assinala os desafios para a implementação de programas de voluntários. Por um lado, o voluntário doa seu talento, energia, capacidade, mas por outro lado reclama, cobra organização, planejamento, tempo da instituição e de seus funcionários.

Ambas as dimensões desenham o contorno de uma interface inovadora entre uma perspectiva participativa e cidadã do voluntariado e uma gestão estratégica, ponto crítico de partida não apenas no momento da implementação de um programa, mas bem antes, no momento de pensar ou sonhar em termos de voluntários.

Dessa forma, esta seqüência lúdica de capacitação não apenas revela os limites da concepção do gerenciamento como uma prática simplesmente técnica - meros instrumentos técnicos de gestão de recursos humanos - senão ajuda abordá-lo como resultado, coerente e consistente, da operacionalização de conceitos e valores éticos que atravessam toda a estrutura da instituição, os funcionários, suas interações quotidianas, os procedimentos formais, e também as ações eventuais de voluntariado.

GESTÃO E CAPACITAÇÃO: UMA DÍADE ESTRATÉGICA

A experiência mostra que a chave do sucesso das ações e programas de voluntários se situa no que eu chamaria de díade estratégica do voluntariado, isto é, a capacitação e o gerenciamento que, sob modalidades e ênfases diversas de acordo com as características institucionais, sociais ou culturais, habilitam para pensar e abordar essa complexa interação da trilogia instituição, voluntários e beneficiários (clientes, comunidade ou grupo alvo).

Em primeiro lugar, a capacitação dos voluntários precisa focalizar, prioritariamente, além da preparação específica para as tarefas e responsabilidades a assumir, a compreensão da missão, dinâmica e organização da instituição; o exercício reflexivo sobre a própria decisão de doar e se doar, os deveres e direitos, as possibilidades e limites que derivam da mesma; a vivência do desafio de inserir-se num projeto que tem a equipe como alavanca organizacional onde cooperação, complementaridade, respeito, diálogo vêm somar na diversidade; e finalmente, a apropriação metodológica interativa e dialógica, consistente com a proposta ética do voluntariado.

Em segundo lugar, a gestão de voluntários deve levar em conta a

dinâmica de uma nova perspectiva, na qual o papel da liderança gerencial é facilitar (o trabalho em equipe, a definição de metas coletivas, o aproveitamento otimizado das habilidades pessoais, a comunicação fluida e transparente no grupo e a circulação de informação), motivar (a criatividade para atingir patamares de qualidade ou para superar os obstáculos), e implementar (as decisões tomadas, o elo com a instituição e o leque de outros atores envolvidos, também «botar a mão na massa»)!

Gerenciar voluntários é portanto, desenhar, implementar, monitorar e avaliar um processo que permita atingir simultaneamente o crescimento dos voluntários, a satisfação das necessidades sociais dos beneficiários e o cumprimento da missão institucional. Torna-se então pertinente, mesmo em atividades pontuais, deflagrar uma seqüência básica prioritária: definição do lugar do voluntariado na missão, definição das necessidades, tarefas e perfis de voluntários, mobilização de voluntários, acolhida, capacitação, seleção, encaminhamento, acompanhamento, avaliação e reconhecimento.

Finalmente, quero ressaltar outro aspecto fundamental que surgiu da aplicação da ferramenta didática Ciranda de Conversas: seu papel reflexivo e revelador sobre o lugar e o momento onde situar o ponto de partida de um programa de voluntariado nas instituições, isto é, a instituição mesma! Em geral esquecida pela obviedade, urgência ou insegurança. Afirma-se então a necessidade de, antes de lançar o trabalho com voluntários, encarar uma tarefa pedagógica institucional que respeite e integre os tempos, os lugares e os saberes de cada funcionário ou técnico e mesmo dos beneficiários, como condição primeira para o sucesso e a sustentabilidade da ação voluntária. •

1 Título en portugués: Ciranda de Conversas.

2 Programa de Capacitação Fortalecendo o Voluntariado no Brasil, Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária - BID / UNESCO / Fundação Banco do Brasil, 1998 – 2000

3 Mónica Corullón, Trabalho Voluntário, Conselho da Comunidade Solidária - São Paulo, 1996.

4 Juan José Meré Rouco, "A situação lúdica: reencontro com o sujeito integral na prática educativa", In: Programa de Capacitação do Programa Voluntários da Comunidade Solidária, BID,FBB,UNESCO, São Paulo, 1998.

5 Além das fontes secundárias consultadas, como artigos, relatórios e matérias de jornais, foi indispensável a leitura de Centros de Voluntários: Transformando necessidades em oportunidades de ação, Cynthia Paes de Carvalho e Miguel Darcy de Oliveira, Programa Voluntários, São Paulo, 1998, que por sua forma de elaboração recolhe fielmente as opiniões e comentários de diversas pessoas com larga experiência no trabalho com voluntários.

Juan José Meré Rouco é sociólogo uruguaio, integrante do Instituto Investigación y Desarrollo - IDES (Uruguai) e da Inovagavea Assessoria & Projetos (Brasil), especializado em formação e capacitação na área social (desenho e desenvolvimento de programas e ferramentas interativas). Consultor, desde 1998, do Programa Voluntários do Conselho da Comunidade Solidária e atualmente também do Programa Voluntarios das Gerais do SESI/FIEMG.

Contatos:
inovagavea@uol.com.br
(Inovagavea Assessoria & Projetos)
Ides@adinet.com.uy
(Instituto Investigacion y Desarrollo)

LEI DO SERVIÇO VOLUNTÁRIO

(Lei n. 9.608, de 18 de fevereiro de 1998)
Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências

Art. 1 *Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a Instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.*

Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

Art. 2 *O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de Termo de Adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.*

Art. 3 *O prestador de serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias.*

Parágrafo único. As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

Art. 4 *Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.*

Art. 5 *Revogam-se as disposições em contrário.*

(Lei assinada pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em Brasília, no dia 18 de fevereiro de 1998)

Ação voluntária na educação: a favor ou contra a profissionalização docente?

Silvia Alicia Martinez
Rio de Janeiro - Brasil

Con el neoliberalismo, los movimientos sociales populares fueron apartados de los espacios de decisión, abriendo espacio a nuevos movimientos que se colocan como "socios" del Estado en la implementación de determinadas políticas. Es el caso del programa "Amigos de la Escuela", un proyecto desarrollado por la Red Globo de TV, en conjunto con el Proyecto Comunidad Solidaria. La campaña apela al trabajo voluntario de la población local, que es llamada a prestar sus servicios en la escuela más próxima a su domicilio.

Sin embargo, la Red Globo es conocida por producir representaciones que transmiten sutilmente los intereses de las clases dominantes. Otro motivo que despierta desconfianza sobre los propósitos de la campaña es la desvalorización de la figura del profesor, resultante del proceso histórico de profesionalización del magisterio. Cabe a los educadores construir caminos para la "revalorización" de la profesión docente y su profesionalización, fortalecidos por los movimientos sociales y apoyados por políticas educativas serias.

Al fin y al cabo, la escuela está carente no de "amigos" sino de profesionales competentes y reconocidos por la sociedad.

idéias em rede
ideas en red



Foto João Ripper

A maioria dos países da América Latina, e em especial os do Cone Sul, passaram nos anos 80 por processos de democratização, principalmente como conseqüência do fim das ditaduras que os assolaram durante longos anos marcados pelo autoritarismo e a violência institucionalizada.

Essa transição para a democracia, porém, não se realizou de forma linear, tranqüila e segura. No Brasil, as eleições indiretas e a constituinte congressual foram derrotas que sinalizam esse processo. Entretanto, algumas vitórias podem ser lembradas, como as reivindicações das multidões clamando por "Diretas já" e a reorganização dos tradicionais movimentos sociais em favor de uma Constituinte Soberana que, embora de forma nem tão livre nem tão soberana, acabou sendo sancionada em 1988.

No âmbito educacional, a Constituição Federal de 1988 plasmou em certo sentido as lutas dos trabalhadores da educação, que tinham se dedicado nessa década a denunciar antigas diretrizes e a discutir novos caminhos de democratização, buscando saídas possíveis e originais para

os problemas educacionais brasileiros. Como afirma Bonamino (2000), "apesar dos limites impostos ao retorno à institucionalidade democrática e da persistência do autoritarismo, a política educacional impulsionada pelas forças de oposição aglutinou em torno da ênfase no ensino público de boa qualidade e da democratização da educação propostas partidárias, experiências político-administrativas municipais e estaduais e movimentos sociais, sindicais e acadêmicos." (p: 44)

Nos anos 90, o cenário político em geral e educacional em particular mudaram drasticamente. Com a afirmação do neoliberalismo, os movimentos sociais populares foram sendo deslocados à margem dos espaços decisórios, abrindo espaço para o surgimento de "novos movimentos" numa redescoberta sociedade civil. Estes novos movimentos sociais apareceram como indicadores de novas identidades, marcadas pela crença no fim da centralidade do trabalho na vida social. Para os teóricos do neoliberalismo, o significado de uma sociedade civil "aberta, criadora e ativa" foi construído em oposição ao de "Estado burocratizado e ineficiente" (Leher: 2000).

Como claramente explica Leher, do ponto de vista do pensamento hegemônico, existe um antagonismo entre os movimentos sociais organizados em relação ao trabalho - que adotam categorias totalizantes e buscam soluções sistemáticas que implicam rupturas com o modo de produção capitalista - e os novos movimentos sociais - que procuram mudanças "pontuais, concretas" sem aspirar a gerar rupturas, colocando-se como "parceiros" do Estado na implementação de determinadas políticas, contribuindo para a despolitização das mesmas e para o desmantelamento do Estado keynesiano.

Estes novos movimentos sociais, junto a um conjunto de organizações, ONGs, associações comunitárias de vizinhança, fundações, entidades filantrópicas e "empresas cidadãs" compõem o denominado Terceiro Setor[1], "não-lucrativo e não-governamental", reconhecido por seus defensores como um espaço que "não é Estado nem mercado, cujas ações visam ao interesse público, através de iniciativas sem fins lucrativos, filantrópicas, voluntárias..." (Cardoso: 1997).

Entretanto, a identidade deste Terceiro Setor é tão diversa, que levou Gohn (2000) a afirmar que é um tipo "Frankenstein": "grande, heterogêneo, construído de pedaços, desajeitado, com múltiplas facetas. É contraditório, pois inclui tanto entidades progressistas como conservadoras. Abrange programas e projetos sociais que objetivam tanto a emancipação dos setores populares e a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, com justiça social, como programas meramente assistenciais, compensatórios, estruturados segundo ações estratégico-racionais, pautadas pela lógica do mercado. Um ponto em comum: todos falam em nome da cidadania." (p.60).

Retomando a questão no âmbito da política educacional, os anos 90 foram momento de grandes mudanças, especialmente em relação às medidas de "descentralização", em que as responsabilidades da União para com a Educação Básica foram repassadas aos Estados e Municípios, enquanto as decisões continuam sendo tomadas pelo governo central, num claro processo de centralização de decisões. Como explica Leher, nesse contexto "apenas o já decidido é executado localmente, preferencialmente com a participação de determinada sociedade civil" (p: 165).



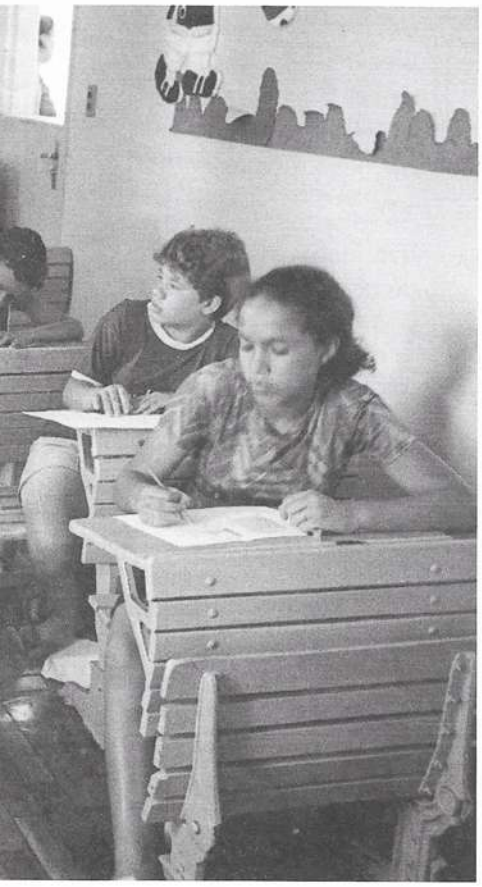
Foto João Ripper

VOLUNTÁRIOS NA EDUCAÇÃO: O PROGRAMA AMIGOS DA ESCOLA DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO

É justamente a partir desses conceitos "polissêmicos" de cidadania e de sociedade civil, e das novas políticas assumidas no âmbito educacional que consideramos importante analisar o trabalho voluntário, especialmente aquele relacionado às instituições escolares. Especificamente, analisaremos o programa "Amigos da Escola", projeto desenvolvido pela Rede Globo – empresa brasileira de comunicações, uma das maiores Redes de Televisão do mundo- em conjunto com o Projeto Comunidade Solidária.[2]

A campanha de mobilização deste programa - veiculada em horário nobre através das 133 emissoras e afiliadas em todo o Brasil- apela ao trabalho voluntário da população local, que é chamada "sorridentemente"[3] a prestar seus serviços na escola mais próxima do seu domicílio, sob o slogan: "Seja você também um voluntário". Seu objetivo é "dar apoio à educação, fortalecendo a participação comunitária no esforço de melhoria da escola pública"(www.redeglobo.globo.com/amigosdaescola/index.htm).

Com a afirmação do neoliberalismo, os movimentos sociais populares foram sendo deslocados à margem dos espaços decisórios, abrindo espaço para o surgimento de "novos movimentos".



A proposta, por certo muito bem elaborada, foi organizada sob dois eixos principais: o chamado aos voluntários - através de propaganda televisiva e na Internet - e a capacitação das escolas na elaboração de planos de ação para aproveitar o trabalho com voluntários e parceiros.[4]

Voluntários podem ser pessoas da comunidade, "independente da idade, do nível de escolaridade ou do horário disponível". Neste caso, a contribuição está direcionada ao apoio a serviços ligados diretamente com a gestão escolar, melhoria das instalações físicas da escola, reforço escolar, estímulo à leitura, contribuições nas áreas de artes e esportes e ações destinadas à saúde e qualidade de vida.

Faculdades e escolas particulares e escolas de magistério, empresas e ONGs também são convidadas a participar. No caso das primeiras, o chamado está relacionado à organização de cursos e palestras, ajuda à equipe escolar no planejamento e execução de projetos educativos, produção de materiais didáticos, desenvolvimento de projetos de integração entre a escola particular e a pública e oferta de assessorias específicas e bolsas de estudo em cursos de formação e especialização, etc.

No caso de empresas, sugere-se a disponibilização de produtos, serviços, espaço físico e recursos humanos e materiais em benefício da escola; assessorias a partir dos seus conhecimentos específicos; patrocínios - de equipes esportivas, grupos de teatro, excursões, campeonatos, festivais, feiras de ciências, etc-, institucionalização de prêmios para práticas pedagógicas inovadoras, produções literárias, artísticas ou práticas esportivas dos alunos, etc.

O chamado às ONGs se direciona à organização de núcleos na comunidade visando principalmente à articulação comunidade-escola, através do planejamento de ações conjuntas com Diretores e Associações de Pais e Mestres[5], que garantam a renovação de ações que possam dar continuidade ao projeto, através do desenvolvimento de atividades de apoio à escola e ao aluno, facilitação de troca de experiências com outras instituições, etc.

Analisando o segundo eixo de ação da campanha - as escolas - observa-se que é pré-requisito que a instituição escolar possua sua Associação de Pais e Mestres (APM) ou Caixa Escolar, considerada como o primeiro núcleo de atividades comunitárias com potencial de ampliação. As 60.478 escolas públicas do



Foto João Ripper

ensino fundamental que possuem APM foram convidadas a participar do projeto. Aquelas que decidiram implementá-lo, receberam manuais de capacitação que abordam diversos focos de ação: gestão escolar, reforço escolar, estímulo à leitura, artes e esportes, saúde na escola e instalações e equipamentos.

Dentre as orientações iniciais dadas à escola, se destaca a autonomia do diretor para decidir as funções que os voluntários desempenharão na escola, atendendo também às sugestões e propostas da comunidade.[6]

"AMIGOS DA ESCOLA", INIMIGOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO?

Por que na educação (uma responsabilidade tradicional do Estado) há de haver trabalho voluntário? Que mensagens são transmitidas reiteradamente nos meios de comunicação de massa ao solicitar a participação cidadã nas instituições escolares?

Podemos ensaiar algumas respostas: "Qualquer um pode trabalhar numa escola"; "Seja qual for sua atividade, na escola encontrará espaço de ação"; ou tal vez "Os professores sozinhos não dão conta, qualquer ajuda é imprescindível"...

É conhecido o poder que a mídia exerce sobre as pessoas. Infere-se, também, que a Rede Globo de televisão não trabalha precisamente a serviço da formação cidadã crítica, mas, pelo contrário, produz representações que veiculam sutilmente os interesses das classes dominantes, que visam ao acúmulo de riquezas e à permanência nas esferas de poder, em síntese, à manutenção do *status quo*. Esse é um dos motivos, de cunho ideológico, que provoca desconfiança sobre a intenção de tão "nobres" propósitos, repetidamente propagados, acerca do programa voluntário em questão.

Profundamente relacionado a este, podemos encontrar outro motivo, agora histórico. Lembremos o "percurso repleto de lutas e de conflitos" (Nóvoa: 1995) percorrido no século passado que levou à profissionalização do magistério, materializando-se na institucionalização de um estatuto profissional, na constituição de associações profissionais de professores, na criação de instituições específicas para a formação do magistério e na elaboração de um suporte legal para o exercício da profissão, a partir do reconhecimento do um corpo de conhecimentos e técnicas próprio.

Esse processo histórico de profissionalização, entretanto, viu-se ameaçado nos últimos anos por um outro, de desvalorização do magistério, explicado por diversos autores sob a ótica de teses diferentes, que vão desde a proletarização ou taylerização do trabalho docente, à feminização, baixos salários, etc. (Barreto: 1990; Enguita: 1991;

Rosemberg: 1990; etc.) Entretanto, outra tese afirma que essa desvalorização acabou sendo influenciada justamente... pelos meios de comunicação de massa!

Trabalhando com as representações sobre o magistério veiculadas pela imprensa carioca entre 1940 e 1992, Ferreira (1998) afirma que a desvalorização do magistério se deu por um processo de profanação, a partir da dessacralização da figura do professor.[7] Ocupando no imaginário o lugar do sagrado –o magistério como sacerdócio- na medida em que o professor começou a rechaçar o sacrifício do seu trabalho e a lutar pela profissionalização, tornou-se, simbolicamente, uma pessoa comum, passando a ser portador de uma imagem negativa perante a sociedade.

Em relação a essa luta e retomando a questão da cidadania apresentada no início deste texto indagamos: em que luta se "engajam" os voluntários, privados do sentimento de "pertencimento" ao "sujeito coletivo" dos movimentos sociais tradicionais (partidos, movimentos sociais e sindicatos)? Qual é a identidade e a finalidade do trabalho desses voluntários, num cenário em que os direitos individuais e a liberdade da pessoa privada ocupam o papel central? Talvez as palavras de Leher, citando-o novamente, possam responder este interrogante. "Os novos movimentos, qualificados como modernos, defendem uma agenda educacional arcaica, que vincula a educação a interesses particularistas, submete a escola ao pensamento único, reinventam formas anacrônicas de filantropia, corroem as bases do que seria a esfera pública tão exaltada." (p. 171)

Ano após ano vemos como a falta de vontade política faz com que se desmantelem as equipes escolares. No passado ficaram os tempos em que nas escolas públicas se podia contar com apoio psicológico, orientação educacional, professores 'sobrantes' para auxiliar em diversas atividades! Hoje a escola está "esvaziada" e não é de "amigos" que tem que ficar cheia, mas de profissionais competentes, bem remunerados, satisfeitos com sua profissão, reflexivos acerca da sua própria prática, com seus saberes reconhecidos, em fim, valorizados pela sociedade!

Como pode-se ler em documento que teve ampla circulação entre os docentes: "a profissionalização do educador supõe não só a formação inicial e continuada, como também a valorização dos profissionais, o que requer condições de trabalho adequadas para o exercício da profissão e o desenvolvimento de uma política unificada."[8]

Cabe a nós, educadores, construir caminhos que conduzam para a "revalorização" da profissão docente e sua profissionalização, fortalecidos/fortalecendo n/os movimentos sociais tradicionais e apoiados por políticas educacionais públicas sérias, num cenário onde primem valores de abrangência, no lugar dos valores de mercado (Gimeno Sacristán: 1999). O convite ao trabalho voluntário nas escolas, sem um engajamento mais amplo em movimentos de luta em prol da escola pública de qualidade para todos, não vai nos levar lá. É mais um paliativo para continuar brincando de "faz-de-conta". •

Silvia Alicia Martinez é doutora em Educação, Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Rio de Janeiro - Brasil.

1 O uso desta expressão pressupõe a existência de um primeiro setor, identificado com o setor público, e de um segundo, representado pelas atividades lucrativas.

2 Comunidade Solidária é uma instituição liderada pela antropóloga Ruth Cardoso, esposa do Presidente da República quem, ao buscar legitimidade social para o programa, ignorou os movimentos sociais –apesar de teorizar sobre eles- apoiando-se no poder da Rede Globo. (Sader: 1995)

3 Faz-se alusão à programação visual da campanha, em forma de cara sorrindo.

4 Outras instituições estão envolvidas no desenvolvimento de material de orientações e sugestões para a implementação e desenvolvimento do projeto, como o CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária). O programa conta com o apoio do Ministério da Educação.

5 A existência desta associação é condição prévia para o ingresso no projeto, como explicaremos a seguir.

6 Nesse sentido o texto apresenta ambigüidades, ora responsabilizando apenas o diretor ora a equipe escolar no trabalho de receber, cadastrar e determinar as funções dos voluntários.

7 No processo ainda inconcluso de luta pela profissionalização, os docentes se uniram em organizações de classe, a partir do momento em que começaram a identificar-se com outros trabalhadores, principalmente em relação à longa jornada de trabalho, à ambígua situação de classe, aos reduzidos salários, etc. (Pucci, Oliveira, Sguissardi: 1991).

8 Documento Final do VII Encontro Nacional de ANFOPE. Belo Horizonte, 1996.

Bonamino, A. O sistema nacional de avaliação da educação básica (SAEB): Referencias, agentes e arranjos institucionais e instrumentais. PUC-Rio, Tese de Doutorado, 2000.

Cardoso, R. Fortalecimento da Sociedade Civil. In: 3o. Setor. Desenvolvimento Social Sustentado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

Ferreira, R. Entre o sagrado e o profano. O lugar social do professor. Rio de Janeiro, Quartet, 1998.

Gimeno Sacristán, J. Poderes instáveis em educação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

Gohn, M. Terceiro Setor no Brasil: que tipo de Associativismo é esse? In: Gohn, M Mídia, Terceiro Setor e MST. Impactos sobre o futuro das cidades e do campo. Petrópolis, Vozes, 2000.

Leher, R. Tempo, autonomia, sociedade civil e esfera pública: uma introdução ao debate a propósito dos novos movimentos sociais na educação. In: Gentili, P. e Frigotto, G. (org.) A cidadania negada. Políticas de exclusão na educação e no trabalho. Buenos Aires, CLACSO, 2000.

Nóvoa, A . Profisssao Professor. Porto Editora, Porto, 1995.

Pucci, Oliveira, Sguissardi O processo de proletarização dos trabalhadores em educação. Teoria e Educação No. 4, 1991

Sader, E. Construindo uma democracia com alma social. Proposta, FASE, No. 66, ano 23, pp.16-19

http://redeglobo.globo.com/amigosdaescola/index.htm.

Segundo a escola psicológica conhecida como Logoterapia, a "terapia do sentido", o ser humano integral engloba o ser biológico, psicológico e espiritual. O verdadeiro sentido da vida é atingido por meio dos valores criativos, de experiência e de atitude, onde os criativos são os de realização (coloca-se algo no mundo); os de experiência, o que se recebe do mundo e os de atitude são os de situação limite onde só resta uma saída: mudar de atitude diante da situação. O trabalho voluntário é um possível caminho para uma vida plena de sentido, pois permite ao indivíduo encontrar valores de criação, de experiência e de atitude. Entretanto, deve-se evitar que a pessoa transforme a tarefa voluntária em TODA a sua vida, pois esta perde o sentido e a plenitude existencial quando é dedicada totalmente a uma tarefa. A ação voluntária é resultado de uma livre escolha, em que se vivencia o valor da solidariedade. É uma ação que significa DAR e RECEBER, sendo sempre uma opção a ser realizada livre e responsavelmente.

Foto Arquivo Novamerica



"Sentido de vida, se refiere a la capacidad para salir de uno mismo para ir al encuentro con los valores, con el amor y con el sentido para la autotrascendencia como esencia de la existencia misma. "

Viktor E. Frankl



Foto Arquivo Novamerica

El voluntariado: una ruta de sentido

Una visión desde la Logoterapia

Alejandro de Barbieri Sabatino
Uruguayo

"El voluntario es, ante todo, un experto en humanidad".

Joaquim Garcia Roca

En estas páginas nos proponemos abordar el tema del Voluntariado como una posible ruta o camino para vivir una vida plena de sentido.

Para cumplir con este objetivo, es necesario realizar una breve introducción a la Logoterapia, para vincularlo luego con las premisas más importantes del Voluntariado.

¿QUÉ ES LA LOGOTERAPIA?

La Logoterapia es una escuela psicológica creada por Viktor E. Frankl (1905-1997), catedrático de Neurología y Psiquiatría de la Universidad de Viena. Frankl completó su formación humanística después de la Segunda Guerra Mundial - en la que fue prisionero de varios campos de concentración- con un doctorado en Filosofía. Ha escrito 28 libros: el más conocido es el que relata su experiencia vital que tituló «Un psicólogo en el campo de concentración» y que en nuestro medio se editó como «El hombre en busca de sentido».

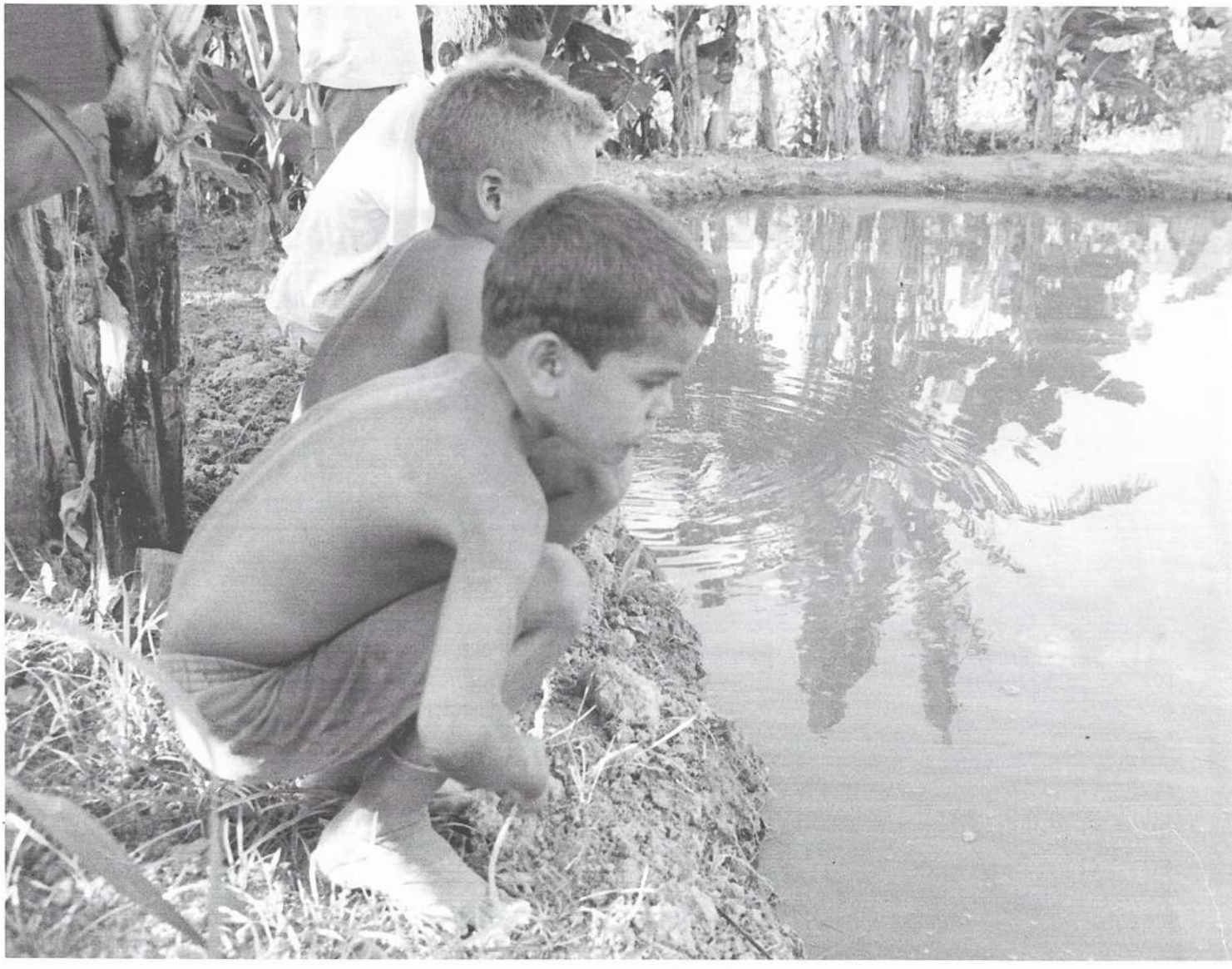
La palabra griega logos tiene varias acepciones. El significado preciso que le da Frankl a este término es doble: «sentido» y «espíritu». Cuando Frankl asume el término logos como sentido y como

Su teoría se basa en una concepción de persona integral que incluye el ser biológico, psicológico y espiritual.

espíritu se refiere a la voluntad de descubrir y satisfacer la necesidad profundamente humana de vivir una vida con sentido. Esta vida con sentido es la consecuencia de experiencias con sentido. Su teoría se basa en una concepción de persona integral que incluye el ser biológico, psicológico y espiritual. Con esta concepción de persona estudia la situación del hombre de nuestro tiempo y encuentra en la búsqueda de sentido la más profunda tarea existencial del mismo.

Esta perspectiva difiere completamente de las bases en que se fundamentan otras escuelas psicológicas, que generalmente tienen una visión psicosomática y social del hombre. La ausencia de espiritualidad cercena lo más distintivo del ser humano y éste queda atado a los condicionamientos, ya sean biológicos, psicológicos o socioeconómicos.

Para la Logoterapia, ser persona significa sobre todo la facultad de ir más allá de todos los condicionamientos porque lo esencial y más valioso de la existencia humana se



encuentra en su propia autotrascendencia. La autotrascendencia es la capacidad de salir de uno mismo para volcarse a una tarea concreta que realizar, a una persona a quien amar o incluso para entregarse a un sufrimiento inevitable.

La Logoterapia, sin dejar de lado lo biológico, lo psicológico ni lo social, inserta al ser humano en una dimensión superior: la esfera espiritual (o noética).

A modo de síntesis podríamos resumir los conceptos principales de la Logoterapia:



Foto João Ripper

1) La libertad de la voluntad: el ser humano es único e irrepetible y está llamado a la libertad y a la responsabilidad.

2) Voluntad de sentido: la motivación principal del ser humano es descubrir el sentido de su vida.

3) El sentido de vida se logra viviendo los valores creativos (trabajo), los vivenciales (amor) y los actitudinales (sufrimiento).

4) El sentido del sufrimiento, de la culpa y de la muerte (la tríada trágica).

EL VOLUNTARIADO COMO RUTA DE SENTIDO

El individuo encuentra sentido a través de la identificación de tres tipos de valores: en el trabajo voluntario, el hombre encuentra valores de creación, porque ofrece algo al mundo por medio de su creatividad, de su aporte a la construcción de la comunidad y de su trabajo como un medio para darle sentido a la vida, como misión, como vínculo con los demás y como prolongación única de él mismo. Encuentra valores de experiencia, por medio de sus actitudes para abrirse a la experiencia, a la vivencia y a su disposición para recibir de otros y del mundo, y está dispuesto también a compartir y a comunicarse; en estos valores se encuentra la vivencia de amar y ser amado, así como la experiencia del arte, de la naturaleza y del afecto de los demás. Así también, el voluntario encuentra en el trabajo los valores de actitud, porque le dan sentido a la vida en situaciones límite: son las actitudes que asume el individuo frente al destino, ante los hechos irremediables y cuando necesariamente tiene que tomar una opción que, aunque no cambie su destino, sí lo cambia como persona, dignificándolo y dándole libertad interior.

Para la Logoterapia, ser persona significa sobre todo la facultad de ir más allá de todos los condicionamientos porque lo esencial y más valioso de la existencia humana se encuentra en su propia autotrascendencia.

El hombre se hace a sí mismo a través de lo que hace. Así, al autotrascendernos, nos entregamos a una tarea que nos da sentido.

No es una profesión determinada la que da al hombre la posibilidad de realizarse; ninguna actividad hace al hombre feliz. Esa felicidad depende del modo en que se lleva a la práctica la actividad en cuestión, y en ello no debe responsabilizarse a la tarea en sí misma, sino a la persona.

Lo que hace de la vida del hombre algo único e irreemplazable, que sólo se vive una vez, depende del hombre mismo.

Depende de quién lo haga y de cómo lo haga, y no de lo que se haga.

Todo trabajo puede ser vivido por



Foto João Ripper

una persona únicamente como un medio para ganarse el sustento indispensable para vivir. De esta manera, esa ocupación deja de tener significado en sí misma. La persona sentirá que no es libre y que su verdadera vida empieza cuando termina el trabajo, y comienza el tiempo libre o "vacío".

"El voluntariado moderno nace con el tiempo liberado, que se sustancia sobre una racionalidad que no es estrictamente económica; no nace del tiempo vacío, que se emplea en actividades de evasión; ni del tiempo desocupado, que posee la amargura de la impotencia; sino del tiempo disponible." (García Roca, pág, 31).

Entendemos que muchas personas se dedican a un trabajo voluntario "para llenar el tiempo vacío en sus vidas". Aquel que no cree que sólo depende de él encontrar sentido en su actividad diaria, intentará llenar su vida con tareas voluntarias que implican aparentemente mayor libertad por no traer las presiones y exigencias que supone un empleo (económicas, sociales). Si bien la tarea voluntaria puede re-crear su vida y volver a vivir con alegría, debemos ser muy cuidadosos y evitar que esta persona convierta su tarea voluntaria en TODA su vida.

En logoterapia siempre decimos que se debe tener una "amplitud de sentidos". Si para un hombre TODA su vida es "vivir para su pareja", al fallecer ésta o al separarse, aquel hombre perderá el sentido.

El voluntario es acción. El voluntariado no es sólo un valor ético, una actitud, sino una práctica concreta.

Análogamente, si TODA la vida de alguien es el voluntariado, entonces es probable que esta persona se encuentre frágil interiormente, que la tarea pierda sentido en sí misma ya que no la realiza por su valor intrínseco, sino para evitar caer en una frustración existencial (neurosis o depresión noógena).

La acción voluntaria es el resultado de una libre elección, es una opción ética, personal, gratuita, que no espera retribución o recompensa. El voluntario se entrega hacia el otro, se autotrasciende, esto quiere decir que sale de sí mismo para ir al encuentro del otro o de la tarea que reclama ser realizada.

El voluntario vive el valor de la solidaridad. Ser solidario con el otro implica ampliar nuestra capacidad de amar, de vencer el egoísmo que nuestra sociedad pregona para salir de la asfixia del "sí mismo" y encontrarnos en los demás. La persona humana es un "ser-en-el-mundo", esto significa que no somos solos, no somos separados de los demás, sino lo contrario: sin el otro yo no existo.

El voluntario es acción. El voluntariado no es sólo un valor ético, una actitud, sino una práctica concreta. El voluntariado se hace. La acción voluntaria significa DAR (tiempo, recursos, trabajo, etc.) y también RECIBIR (satisfacción, aprendizajes, experiencia, relaciones humanas, etc.).

Cabe aclarar que no le corresponde al voluntario realizar tareas que deben y pueden ser realizadas por trabajadores profesionales, evitando así servir de mano de obra barata u ocultando situaciones de trabajo no declarado.

La logoterapia sostiene que la tarea voluntaria es una ruta de sentido de la amplia gama de "opciones de sentido" que la persona humana posee para realizarse, esta opción es una de las que más dignifican al hombre.

Siempre que esta opción sea realizada libre y responsablemente, y siempre que no se transforme en el único sostén de sentido para dicha persona; la tarea voluntaria en este fin de siglo sin sentido puede convertirse en pequeños granitos de sentido que aportar a un mundo carente de plenitud existencial. ●

Alejandro de Barbieri Sabatino, uruguayo, psicólogo - Logoterapeuta
Dirección profesional: Demóstenes 3683, e-mail: adb@adinet.com.uy

TERMO DE ADESÃO AO SERVIÇO VOLUNTÁRIO

Nome: _____
Identidade: _____ CPF: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ CEP: _____ TEL: _____

Tipo de serviço que o voluntário vai prestar:
_____
_____

Instituição onde o voluntário vai prestar o serviço:

Nome: _____
End.: _____
CGC: _____

Declaro que estou ciente e aceito os termos da Lei do Serviço Voluntário, n° 9.608[2], de 18 de fevereiro de 1998.

Rio de Janeiro: _____ de _____ de _____

_____
Assinatura do voluntário

_____ _____
Nome do responsável Assinatura do responsável

_____ _____
Responsável pela instituição Cargo

Testemunhas: _____

[1] Texto elaborado pelo RIOVOLUNTÁRIO
[2] Cópia da Lei no verso

MOSAICO

livros/libros



Doações e trabalho voluntário no Brasil - uma pesquisa.
Leilah Landim e Maria Celi Scalon.
Editora Sete Letras. Brasil, 2000

Mais que a apresentação dos números de uma pesquisa, o livro é uma referência para o Terceiro Setor sobre o que é hoje a solidariedade no Brasil. Em linguagem clara e direta, as autoras expõem diferentes interpretações sobre voluntariado e doações individuais, contextualizando a atuação de ONGs e outras entidades filantrópicas em meio às transformações sociais, políticas e econômicas. A pesquisa apresenta uma descrição de quantidades, perfis, atitudes e opiniões de doadores e voluntários no País. Os resultados comprovam a existência de uma cultura de solidariedade crescente. Nada menos do que 50% das pessoas adultas fazem doações em dinheiro ou bens p/ instituições no Brasil. Quanto aos voluntários, são 22% os que dedicam alguma parte de seu tempo para ações de ajuda a alguma entidade ou pessoa fora de suas relações familiares ou de amizade. A participação como voluntários das pessoas com renda maior que 20 salários mínimos é a mesma daquelas com renda entre 1 e 2 salários, por exemplo. A obra permite afirmar que tanto a doação individual quanto o trabalho voluntário não estão claramente relacionados com a renda familiar de quem os faz, entre outras conclusões.

Redes Solidárias.
Maria Tereza Maldonado.
Editora Saraiva. Brasil, 2001

Nesta obra de ficção destinada ao público adolescente, a autora mostra a evolução de uma comunidade carente em que as pessoas modificam a realidade em que vivem, unindo sonhos e idéias de jovens e adultos, na construção de projetos sociais que melhoram a qualidade de vida de todos. Na história, os personagens Gabriel e Marcão vivem em contextos bem diferentes: um mora com a mãe viúva e o irmão num apartamento de classe média e estuda em faculdade particular; o outro vive com os pais e o tio numa casa de favela e freqüenta a escola pública. Quando os dois se conhecem no trabalho voluntário em uma escola de informática na favela onde mora Marcão, eles descobrem muitos pontos em comum: a alegria de contribuir para melhorar a vida de muita gente, o sonho de construir um futuro promissor numa sociedade mais justa e a crença no poder transformador das idéias criativas, concretizadas em projetos sociais. O livro também contém uma lista dos atuais centros de voluntariado no Brasil. Segundo a autora, o livro "é uma ficção totalmente baseada na realidade" e tem como principal objetivo contaminar os leitores com o "vírus da solidariedade".

Voluntariado – Una Forma de Hacer y de Ser. Shaw de Critto Sara.
Editora La Crujia. Argentina.

Esta publicación tiene por finalidad alentar y dar coraje al que quiere iniciar el camino del trabajo social; facilitar y aumentar el rendimiento en las actividades voluntarias; ayudar a entender mejor las tareas, para mejorar el desempeño; estimular nuevos emprendimientos voluntarios; facilitar el crecimiento de organizaciones que estén funcionando; y dar estabilidad y visibilidad a este sector de la sociedad. La obra está dirigida principalmente a cooperadores escolares, asociaciones civiles, comisiones vecinales, sociedades de fomento, bibliotecas, clubes y ONGs en general.

cine



AS SEMENTES DA CIDADANIA & A CASA DA CIDADANIA

Direção: Eduardo Coutinho
Rio de Janeiro, Brasil - 1998 - NTSC
Documentário - 39'00"

As sementes da cidadania (18') apresenta o trabalho de três ONGs: o Centro de Cooperação e Atividades Populares (CCAP), o Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) e a NOVA Pesquisa e Assessoria em Comunicação. O CCAP fundou, em 4 favelas do Rio de Janeiro, associações beneficentes para fornecer alimentos com qualidade e preços mais baixos. No bairro de Rancho Fundo, em Nova Iguaçu, o CECIP estimulou a luta de seus moradores para resolver o problema da coleta do lixo. O Movimento de Compositores da Baixada Fluminense, criado com o apoio da NOVA, é formado por trabalhadores que têm na música sua mais legítima forma de expressão.

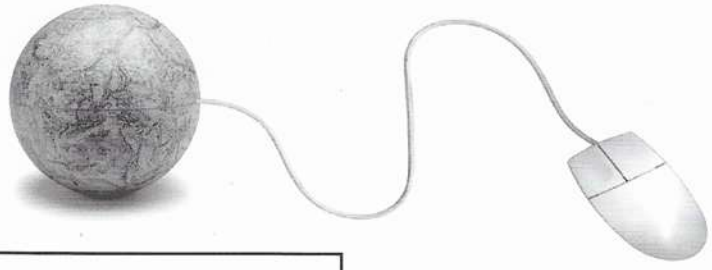
A casa da cidadania (21') mostra dois trabalhos realizados no Rio de Janeiro, ambos apoiados pela União Européia. No primeiro, os Médicos Sem Fronteiras, instalados em Vigário Geral depois da chacina em que policiais militares mataram 21 pessoas inocentes (1993), criaram na favela um posto de saúde. No segundo, mostra-se a experiência do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Bento Rubião, ONG que desenvolve o programa Terra e Habitação nas favelas Nova Pixuna e Shangri-lá. O Bento Rubião organizou cooperativas para construção de casas em regime de mutirão.

MULHERES NO FRONT

Direção: Eduardo Coutinho
Rio de Janeiro, Brasil - 1996 - NTSC
Documentário - 35'00"

Este vídeo trata de três histórias semelhantes na luta de mulheres, porém distantes no espaço geográfico: a Associação de Moradores de Jardim Uchôa, em Recife; a Associa-

sites



www.voluntarios.gov.ar

El Programa Nacional de Trabajo Voluntario (PNTV) actúa en la articulación y promoción del trabajo voluntario con capacidad de multiplicación e impacto social. Busca promover un nuevo concepto de voluntariado, superando el estigma de la antigua asistencia e incentivando una ciudadanía más solidaria, participativa, responsable y transformadora. El sitio enumera los proyectos del PNTV y pone a disposición una newsletter quincenal vía e-mail.

www.cebofil.org

El Centro Boliviano de Filantropía (CEBOFIL) es una entidad privada de desarrollo social sin fines de lucro, con el objetivo de incentivar el trabajo voluntario en Bolivia y fortalecer las instituciones que ya trabajan en este área, así como promover una responsabilidad social integral, proveyendo herramientas de trabajo a todos los sectores de la sociedad civil. La página está en construcción pero promete poner a disposición servicios variados.

www.portaldovoluntario.org.br

Um dos sites brasileiros mais completos sobre o tema voluntariado. Agrega serviços diversificados, tais como: possibilidades e oportunidades de trabalho voluntário; espaço para troca de experiências; suporte a voluntariado empresarial e ações de protagonismo juvenil; links para os sites dos principais centros de voluntários do Brasil; notícias jornalísticas e biblioteca com textos para download.

www.fundacionlavaca.cl

La Vaca - Organización de Ayuda Social - es una organización solidaria de Chile creada para ayudar a las comunidades más carentes. El objetivo es actuar de forma autónoma o en conjunto con otras organizaciones, ayudando a los necesitados e intentando transformar al país en una sociedad con verdaderas oportunidades para todos. Es un espacio que está abierto a todos los interesados y que posibilita la participación por medio de opiniones, ideas y trabajos solidarios.

La página pone a disposición, entre otros servicios, un banco de voluntarios.

www.cemefi.org

El Centro Mejicano para la Filantropía (CEMEFI) es una organización que actúa en todo México y posee 315 instituciones de asistencia que son afiliadas. El objetivo es promover la cultura filantrópica en el país y fortalecer la participación organizada de la sociedad en su desarrollo integral y en la solución de los problemas comunitarios. Sus Compromisos institucionales son el respeto a la persona humana, la promoción de la participación solidaria, la búsqueda de una sociedad justa y el estímulo de una cultura democrática. La página pone a disposición textos diversificados, noticias, un banco de voluntarios y links para instituciones diversas.

Outros/otros sites

www.advance.com.ar/usuarios/amifron
Amiguitos de Frontera - Asociación Civil – Entidad de Bien Público

www.sinectis.com.ar/~funflex
Fundación Natali Dafne Flexer de ayuda a niños con cáncer

www.geocities.com/idepa
Instituto para el Desarrollo de la Democracia Participativa - IDEPA

www.junior.org.ar
Junior Achievement Argentina

www.olimpiadaespecial.org.ar
Nuevas Olimpíadas Especiales Argentina

www.vientosdelsur.org
Vientos del Sur

www.protagonismojuvenil.org.br
Portal do Protagonismo Juvenil – Grupo Interagir

www.pensamentopositivo.org
Projeto Pensamento Positivo

www.riovoluntario.org.br
Riovoluntário

www.sosmatatlantica.org.br
SOS Mata Atlantica

www.chilevoluntario.cl
Comité Chileno del Año Internacional de los Voluntarios

www.opcioncolombia.org.co
Corporación Opción Colombia

www.volunteercostarica.com
Otec International

www.conaipd.8k.com
Consejo de Atención Integral a la Persona con Discapacidad (CONAIPD)

www.cruzrojahumanidad.org/elsalvador
Cruz Roja Salvadoreña

www.cabosanfrancisco.ch
Fundación para el desarrollo social Cabo San Francisco (FCSF)

www.jatunsacha.org
Fundación Jatun Sacha

www.ups.edu.ec/Pastoral/Compromiso/Voluntariado/Voluntariado.html
Universidad Politécnica Salesiana

www.geocities.com/vdovolun
Voluntarios de Occidente

www.voluntariadolus.gq.nu
Voluntariado LUS - Landivarianos Unidos en el Servicio

www.infochan.com/ja-red-cross
Jamaica Red Cross

www.manosalaobra.com.mx
Manos a la Obra – Trabajo Voluntario

www.afs.org.py
AFS Paraguay – Programas Interculturales

www.geocities.com/aiv2001_peru/main.html
Coordinadora Nacional de Voluntarios AIV2001 – PERÚ

ção de Moradores de Rancho Fundo, Rio de Janeiro; o grupo de Promotoras Legais Populares em Bom Jesus, Porto Alegre. O documentário foi realizado para a FNUAP/UNICEF/UNIFEM e exibido na Conferência Habitat II, em Istambul, 1996.

MAPA DA SOLIDARIEDADE - O DESPERTAR DA CIDADANIA

Produção: Ibase Vídeo
Rio de Janeiro, Brasil - 1993
Documentário - 35'00"

Animada pela Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, parte significativa da sociedade tem se organizado em comitês para dar resposta ao problema da fome no país. São donas de casa, trabalhadores do campo e da cidade, profissionais liberais, artistas, religiosos e intelectuais. O documentário retrata experiências realizadas por pessoas que acreditam que não existirá democracia enquanto tantos brasileiros viverem na indigência.

SUSCRIPCION ANUAL

Brasil: R$30,00

Otros Países Latinoamericanos y África: U$15,00

Europa, Asia y Estados Unidos: U$30,00

Suscripción de ayuda: U$50,00

Cada número: R$8,00/U$6,00

Las suscripciones podrán hacerse directamente a Nuevamerica (Brasil), con tarjeta de crédito: Visa, Diners Club International, Master-Card/Credicard, Maestro.

Pagos de suscripciones en España por depósito bancario: Caja España - Cta. Corriente nº 2096 0106 95 2041969804 - Titular: Maria del Carmen López

PUEDE SUSCRIBIRSE O ADQUIRIRLA EN:

Argentina: *Elena Picasso*
Moreno 935 3560 - Reconquista - Santa Fe Tel: 03482-421794
E-mail: elenapicasso@ciudad.com.ar

Bolívia: *Rina López*
Calle Aureleo Meléan 753, Calilla 2419
Cochabamba Tel/Fax: /4/231851
E-mail:rilov@supernet.com.bo

Brasil: *Giovanina Pedroza*
Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo
Rio de Janeiro - RJ Cep: 22.280-030
Tel/Fax: 021 295-8033/542-6244
E-mail: novamerica@ax.apc.org

Chile: *Maria Paz Sanches y Antonia Altuna*
Vergara 174, Santiago 3
Tel: /2/6966880 Fax: /2/6988844
E-mail: poveda@interaccess.cl

Colombia: *Consuelo Vélez*
Avda. Caracas 41-44 Apto.503
Santafe de Bogotá - Colombia
Tel: /1/ 2327179
E-mail: ccaro@multiphone.net.co

Europa, Ásia África y Estados Unidos: *Maria Isabel Ruiz*
Calle Francisco Silvela, 52, 8º B
28009 - Madrid Tel: /34/9 1/ 573-3539

Maria del Carmen López
Calle Regalado, nº 13, piso 10 47002 Valladolid
E-mail: mcarlopez@terra.es

Guatemala: Maria del Carmen Aguilar
6ª Calle 2-42 zona 1 Colonia El
01001 Guatemala
Tel: /502/232 3388 Fax: 323 5261
E-mail: itguat@terra.com.gt

México: *Paulina Jaime Mugiro*
Uxmal 388-1 Col. Navarte C.P. 03020
Benito Juaréz México DF Tel: 56829926
E-mail: paulis117@hotmail.com

Perú: *Fabíola Luna*
Islas Canarias 164, Lima 21
Tel: /1/ 4632252
E-mail: acogida@terra.com.pe

República Dominicana: *Irene Veras*
Juan Pablo Pina 14, Santo Domingo,
Fax: /809/ 6899276.

Centro Cultural Poveda
Pina 210 A - Ciudad Nueva
Santo Domingo D.N.
Fone: /809/6895689 - 6854635
E-mail: ctro.poveda@codetel.net.do

Uruguay: *Maria Camino Trapero*
Pascual Costa 3265 ap. 810
Parque Posadas 11.700 - Montevideo
Tel/Fax: /2/ 5083395
E-mail: ctrapero@adinet.com.uy

Silvia Rivero - Vizconde de Maria 669
Paysandú, Tel: /72/25897

Rosario Alves - Lindoro Forteza 2496
Casilla 15250, 11400 - Montevideo
Tel: /73/32823
E-mail: rosal2@adinet.com.uy

Venezuela: *Maria Isabel Martínez Mercado*
De Platanal a Desamparados,
Edif. Platanal 37, Piso 1º, Apto 1ª
La Candelaria, 1001, Caracas 1011
Tel: /2/ 5624248
E-mail: misabel2000@yahoo.com

REVISTA NOVAMERICA
NUEVAMERICA

Diretora
Susana Beatriz Sacavino

Conselho Editorial
Argentina - Elena Picasso
Bolívia - Rina López
Brasil - M.ª Guadalupe Pedrero
Chile - María Inés Wuth
Peru - Fabíola Luna
Uruguai - Rosario Alves
Mexico - Cecília Villalva

Comitê Técnico
Ana Waleska P. Mendonça
Janett Ramírez
Susana Beatriz Sacavino
Vera Maria F. Candau

Coordenação Editorial e Supervisão Gráfica
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff

Revisão
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff
Sílvia Alicia Martínez

Colaboração
Cláudio Marques

Secretária
Giovanina Pedroza
Cecilia Botana

Administração
Jayme da Silva Corrêa Filho

Projeto Gráfico e Programação Visual
Rodolpho Oliva

Capa
Néstor Sacavino

NOVAMERICA
Rua 19 de Fevereiro, 160,
Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil
CEP: 22280 -030
Tel./Fax: (021) 542-6244/295-8033
E-mail: novamerica@ax.apc.org
www.novamerica.org.br

A direção da revista não se responsabiliza pelas opiniões disseminadas nos artigos.

Publicação indexada em CLASE

Apoio

Espanha

fundación santa maría

Brasil

I·N·T·E·R cultural

Comprometer-se voluntariamente: uma exigência cidadã



ITAMAR SILVA*

Voluntário é aquele que empenha seu tempo, energia e conhecimento para contribuir com o outro. No entanto, é importante que o voluntário tenha o seu projeto (motivação), saiba porque e onde quer contribuir, porque causa quer se solidarizar.

Temos que ter cuidado com o conteúdo que a palavra voluntário vem ganhando: alguém que tem tempo disponível, não precisa de dinheiro e pode preencher um espaço, uma vaga. Na impossibilidade de um profissional, convoque um voluntário.

Para ser justo com o processo histórico brasileiro é bom lembrar que temos uma tradição de voluntários/solidários. Seja por motivação humanista religiosa ou política humanista, existe uma rede invisível de pessoas que vêm se solidarizando Brasil à fora. Então, sou favorável que a palavra voluntário seja engravidada pelo sentido (acepção) das palavras solidariedade e compromisso.

Desde de 1976, tomei a decisão de atuar no morro de Santa Marta, local onde nasci e vivo até hoje. Em determinado momento, numa atitude consciente comecei a preencher de sentido a minha vida no morro, direcionando-a para um compromisso cada vez mais intrínseco com a "comunidade".

Nesses muitos anos, muitos outros amigos, companheiros moradores do morro e moradores da rua, tiveram a mesma iniciativa e por esse motivo mantivemos uma organização comunitária no Santa Marta que já dura 25 anos. É verdade que não temos carteirinha, mas essa participação não é periférica em nossas vidas. Certamente, para esse conjunto de pessoas, que creio e conheço outros por esse Brasil, a dedicação e participação numa atividade comunitária está diretamente ligada ao compromisso de um projeto de vida muito melhor para todos.

É esse sentido de voluntariado que acredito faz a diferença. Uma participação que contribui e transforma, que compromete o outro na mesma medida que o outro se compromete.

O Grupo Eco, no Morro de Santa Marta, é um exemplo de compromisso cidadão de várias pessoas, que não contabilizam horas doadas, mas vivenciam a experiência da construção coletiva e da troca solidária.

É bom conclamarmos a todos que assumam sua parcela de responsabilidade no mundo, mas não podemos com isso esvaziar a responsabilidade pública, política e econômica daqueles que as têm. A dimensão humana presente num gesto de solidariedade deve comprometer a todos com a vida e a vida em abundância.

Hoje, muita gente tem vergonha em pronunciar a palavra militância, como se ela nos associasse a algo que devêssemos esquecer. Num momento em que a lógica econômica global amplia o discurso de que, localmente cada um deve empreender e criar as condições para gerar renda, ao mesmo tempo em que as macro decisões condicionam a vida de todos e em todas as partes, acho fundamental pensar no fortalecimento do sentido de algumas palavras e resignificação de outras tantas.

Hoje a desigualdade é maior e parece cada vez mais longe a possibilidade de desconstruí-la, talvez por isso sinto que é forte a necessidade de emprenharmos algumas palavras, que têm aderência em nossa cultura, com o seu sentido mais conseqüente.

Ser voluntário, na minha visão, deveria significar estar "comprometido com" pois, quando você se compromete, é impossível se distanciar do destino daquelas pessoas, daquele grupo, daquele segmento social. A busca de alternativas que superem aquelas desigualdades ou carências , passa a ser um problema, também, seu. Logo, é impossível que esse ato de vontade não se transforme em militância. E ser militante é ser solidário.

Ao voluntariado resignificado: que incorpora a sua vontade, o comprometimento, a solidariedade, nunca mais, lhe será permitido dizer: isso não é comigo ou eu já fiz a minha parte, pois onde estiver terá a responsabilidade cidadã de contribuir para um mundo melhor para todos.

** Presidente do Grupo Eco, Coordenador de Programa da Fundação Bento Rubião, Membro da Coordenação da Agenda Social Rio - Brasil*

Comprometerse voluntariamente: una exigencia ciudadana

ITAMAR SILVA *



Voluntario es aquel que ofrece su tiempo, energía y conocimiento para contribuir con el otro. Sin embargo, es importante que el voluntario tenga su propio proyecto (motivación) y sepa por qué y dónde quiere contribuir; por qué causa quiere solidarizarse.

Tenemos que tener cuidado con el contenido que la palabra "voluntario" ha venido adquiriendo últimamente: alguien que tiene tiempo disponible, no precisa dinero y puede llenar un espacio, una vacante. Frente a la imposibilidad de tener un profesional, convoque a un voluntario.

Para ser justos con el proceso histórico, es bueno recordar que tenemos una tradición de voluntarios/solidarios. Ya sea por motivaciones humanistas religiosas o por motivaciones políticas humanistas, lo cierto es que existe una red invisible de personas que vienen solidarizándose por todo Brasil. Por lo tanto, soy a favor de que la palabra "voluntario" nazca del sentido (acepción) de las palabras "solidaridad" y "compromiso".

En 1976 tomé la decisión de actuar en el *"morro"* de Santa Marta, lugar donde nací y vivo hasta hoy. En determinado momento y a través de una actitud consciente, comencé a llenar de sentido mi vida en el *"morro"* y a encauzarla hacia un compromiso cada vez más intrínseco con la "comunidad".

En todos estos años, muchos amigos - unos compañeros del *"morro"* y otros que vivían en la calle- tuvieron la misma iniciativa. Por ese motivo mantuvimos una organización comunitaria en Santa Marta que ya dura 25 años. Es verdad que no tenemos "carnet", pero no por eso sentimos que nuestra participación es aislada. Con seguridad, para este conjunto de personas, la dedicación y participación en una actividad comunitaria está directamente ligada al compromiso con un proyecto de vida mejor para todos.

Es este sentido de voluntariado el que hace la diferencia. Una participación que contribuye y transforma, que compromete al otro en la misma medida en que el otro se compromete.

El grupo Eco, en el *"morro"* de Santa Marta, es un ejemplo de compromiso ciudadano de varias personas que no contabilizan las horas donadas, sino que vivencian la experiencia de la construcción colectiva y del intercambio solidario.

Es bueno que proclamemos a todos para que cada uno asuma su parte de responsabilidad en el mundo. Pero no podemos, por ello, omitir la responsabilidad pública, política y económica de aquellos que la tienen. La dimensión humana presente en un gesto de solidaridad debe comprometer a todos con la vida y con la vida en abundancia.

Hay mucha gente que tiene vergüenza de pronunciar la palabra "militancia", como si ella se asociase a algo que debemos olvidar. En momentos en que la lógica económica global amplía el discurso de que debemos de forma individual emprender y crear condiciones para generar renta; al mismo tiempo en que las macro decisiones condicionan la vida de todos y en todas partes, creo fundamental pensar en el fortalecimiento del sentido de algunas palabras y en la resignificación de otras tantas.

Hoy la desigualdad es mayor y parece que estuviera cada vez más lejos la posibilidad de destruirla. Tal vez por eso siento que es fuerte la necesidad de emplear algunas palabras que están adheridas a nuestra cultura con su sentido más consecuente.

Ser voluntario, en mi opinión, debería significar "estar comprometido con" ya que está confirmando el propio compromiso a través del cual es imposible distanciarse del destino de aquellas personas, de aquel grupo, de aquel segmiento social. La búsqueda de alternativas que superen esas desigualdades o carencias pasa a ser también un problema personal. Por lo tanto, es imposible impedir que este acto de la voluntad se transforme en militancia. Y ser militante es ser solidario.

Al voluntariado cubierto de resignificación, que incorpora su voluntad, su compromiso, la solidaridad, nunca más se le permitirá decir: "Este no es problema mío" o "Yo ya hice mi parte", porque donde él se encuentre tendrá la responsabilidad ciudadana de contribuir para un mundo mejor para todos.

** Presidente del Grupo Eco, Coordinador del Programa de la Fundación Bento Rubião, Miembro de la Coordinación de la Agenda Social de Río - Brasil.*

Nº 90 - ISSN 0325-6960 NOVAMERICA - Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo CEP: 22280-030 Tel/Fax: (55) (021) 542-6244 E-mail: novamerica@ax.apc.org Rio de Janeiro - RJ - Brasil